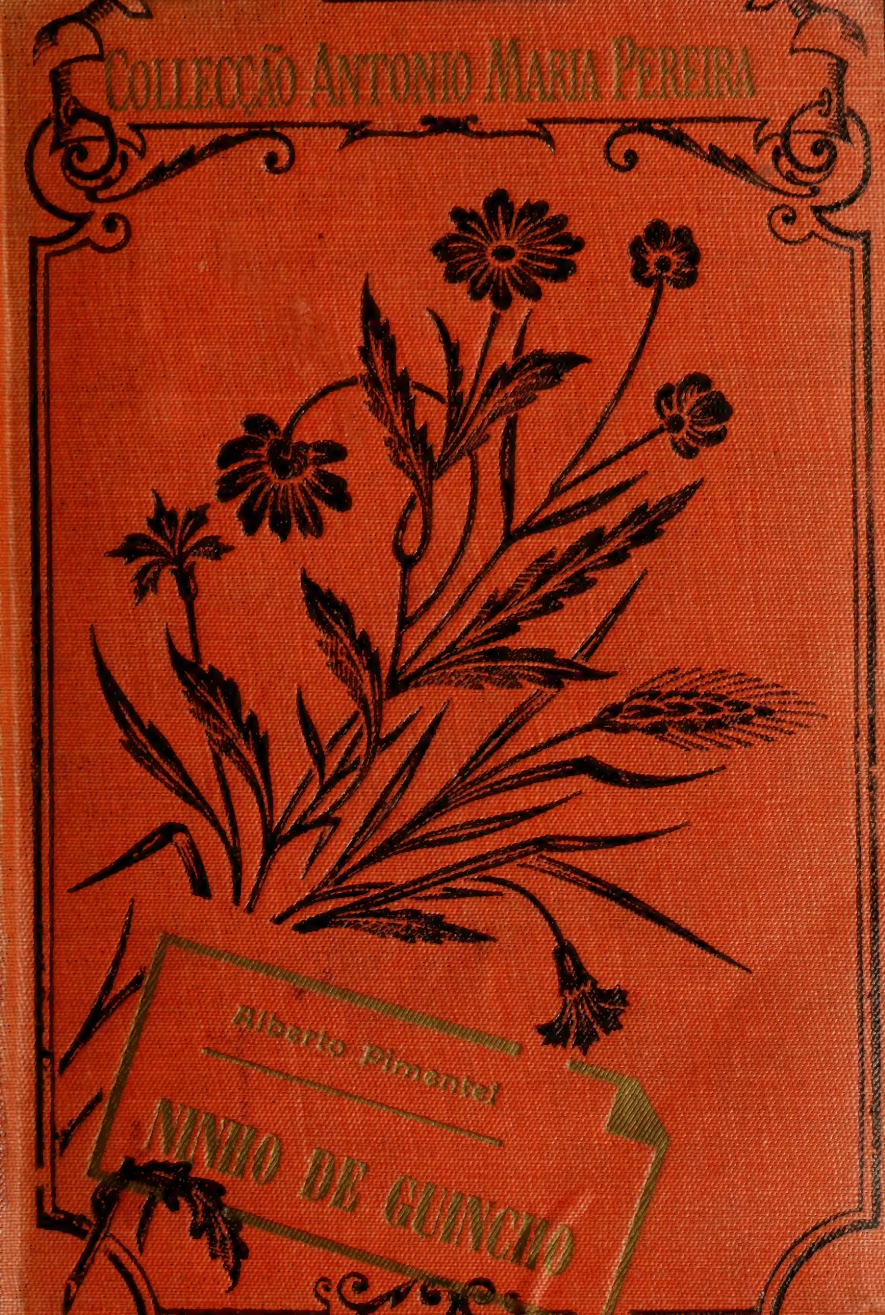
COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA



OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes in-8.º, de 200 a 300 paginas impressa em bom papel, typo elzévir

250 réis em brochura e 400 réis encadernado

1 — Coisas espantosas.
2 — As tres irmans.
3 — A engeitada.
4 — Doze casamentos felizes.
5 — O esqueleto.
6 — O bem e o mal.
7 — O senhor do Paço de Ninães.
8 — Anathema.
9 — A mulher fatal.
10 — Cavar em ruinas.
11 e 12 — Correspondencia epistolar.
13 — Divindade de Jesus.
14 — A doida do Candal.
15 — Duas horas de leitura.
16 — Fanny.
17, 18 e 19— Novellas do Minho.
20 e 21 — Horas de paz.
22 — Agulha em palheiro.
23 — O olho de vidro.
24 — Annos de prosa.
25 — Os brilhantes do brasileiro.
26 — A bruxa do Monte-Cordova.
27 — Carlota Angela.
28 — Quatro horas innocentes.
29 — As virtudes antigas.
30 — A filha do Doutor Negro.
31 — Estrellas propicias.
32 — A filha do regicida.
33 e 34 — O demonio do ouro.
35 — O regicida.
36 — A filha do arcediago.
37 — A neta do arcediago.
38 — Delictos da mocidade.
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
47 e 48 — O judeu.
49 — Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas.
52 — Lucta de gigantes.
53 e 54 — Memorias do carcere.
55 — Mysterios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres.
58 — O retrato de Ricardina.
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha.
61 — Vingança.
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres.
72 — Um livro.
73 — A Sereia.
74 — Esboços de apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas.
76 — Theatro: I—Agostinho de Ceuta.—O marquez de Torres-Novas.
77 — Theatro: II—Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo.
78 — Theatro: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — Theatro: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — Theatro: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

CAMILLIANA

Camillo Castello Branco — *Notas á margem em varios livros da sua biblioteca,* recolhidas por Alvaro Neves. — 1 vol. br. 600 rs.; enc. 900.

Camillo Castello Branco — *Tipos e episodios da sua galeria,* por Sergio de Castro. — 3 vols., contendo inumeras transcrições da obra de Camillo, br. 1$700 rs.; enc. 2$400 rs.

Poesias dispersas de Camillo Castello Branco — 1 vol. de 247 pag. em papel de linho nacional. Tiragem 48 ex., br. 6$000 rs.

Hosanna! Por Camillo Castello Branco. Fiel reprodução zincografica da 1.ª edição de 1852, hoje rarissima. Tiragem 60 ex., br. 2$500 rs.

Os pundonores desagravados, por Camillo Castello Branco. Reprodução como acima da 1.ª edição de 1845. Tambem rarissima. Tiragem 60 ex., br. 1$000

Prefacio da 1.ª edição do Diccionario de Azevedo, por Camillo Castello Branco. — Fl. 1$000.

COLLECÇÃO ECONOMICA

Volumes in-16.º de 240 a 320 paginas

ROMANCES DOS MELHORES AUCTORES

A 150 réis o volume

VOLUMES PUBLICADOS

1 — Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon, seguidas de Tartarin nos Alpes, por A Daudet.
2 — Esgotado.
3 — Sergio Panine, por Jorge Ohnet.
4 — Esgotado.
5 — Soror Philomena, por Edmond e J. Goncourt.
6 — Esgotado.
7 — Os milhões vergonhosos, por Heitor Malot.
8 — Esgotado.
— Esgotado.
10 — Esgotado.
11 — Esgotado.
12 — Esgotado.
13 — Um ooração de mulher, por Paul Bourget.
14 — Esgotado.
15 — Esgotado.
16 — Esgotado
17 — Esgotado.
18 — O ultimo amor, por Ohnet.
19 — Um bulgaro, por Ivan Tourgueneffe.
20 — Memorias d'um suicida, por Maxime du Camp.

21 — Esgotado.
22 — Esgotado.
23 — Camilla, por G. Ginisty.
24 — Trahida, por Maxime Paz.
25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot.
26 — Esgotado.
27 — Os reis no exilio, por A. Daudet.
28 — Esgotado.
29 — Mentiras, por Paul Bourget.
30 — Marinheiro, por Pierre Loti.
31 — Esgotado.
32 — A Evangelista, por Daudet.
33 — Aranha vermelha, por R. de Pont Jest.
34 e 35 — Esgotado.
36 — Parisienses!... por H. Davenel.
37 — Ao entardecer!... por Iveling Rambaud.
38 — A confissão de Carolina, trad. de J. Sarmento.
39 — Esgotado.
40 — Esgotado.
41 — O abbade de Faviéres, por J. Ohnet.
42 — Esgotado.
43 — Esgotado.
44 — A nihilista, por C. Mendés.
45 — Esgotado.
46 — Morta de amor, por Delpit.
47 — João Sbogar, por C. Nadier.
48 — Viagem sentimental, por Sterne.
49 — O milhão do tio Raclot, por Emile Richebourg.
50 — A confissão de um rapaz do seculo, por Musset.
51 — Esgotado.
52 — O castello de Lourps, por J. K. Huysmans.
53 — Amor de Miss, por J. Blain.
54 — A sogra, por Laforest.
55 — Colomba, por P. Merimée.
56 — Katia, por L. Tolstoï.
57 — Alma simples, por Dostoiewsky.
58 — Duplo amor, por Rosny.
59 — Contos fantasticos, por Hoffmann.
60 — A princeza Maria, por Lermontoff.
61 — Rosa de maio, por Armand Silvestre.
62 — Esgotado.
63 — O romance do homem amarello, pelo general Tcheng-Ki-Tong.
64 — A dama das violetas, por F. Guimarães Fonseca.
65 e 66 — Nemrod & C.ª, por Jorge Ohnet.
67 — Prisma de amor, por Paul Bonnhome.
68 — Historia d'uma mulher, por Guy de Maupassant.
69 e 70 — Educação sentimental, por G. Flaubert.
71 — Depois do amor, por Ohnet.
72 — A fava de Santo Ignacio, por Alexandre Pothey.
73 e 74 — O herdeiro de Redclyffe, por Mrs. Yongue.
75 — Uma ondina, por Theuriet.
76 — A familia Laroche, por Marguerite Sevray.
77 — As grandes lendas da humanidade, por d'Humive.
78 e 79 — A filha do Dr. Jaufre, por Marcel Prevost.
80 — A dama das camelias, por A. Dumas, Filho.
81 — Dezeseis annos..., por F. C. Philips.
82 e 83 — O Desthronado, por A. Ribeiro.
84 — Ninho d'amor, por A. Campos.
85 — Bodas Negras, por Almachio Diniz.
86 — Do amor ao crime, por Alphonse Karr.
87 — A ilha revoltada, por Ed Lockroy

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA FEREIRA — 47.º Volume

NINHO DE GUINCHO

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

LaPor
P6443n

ALBERTO PIMENTEL

NINHO DE GUINCHO

347895
14. 3. 38.

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA-EDITORA
Rua Augusta, 50, 52 e 54
1903

LISBOA
Typographia da Parceria Antonio Maria Pereira
Rua dos Correeiros, 70 e 72

RAZÃO DO TITULO

A ave conhecida pelo nome de guincho caça durante a noite a provisão do seu ninho, que procura ter sempre bem recheiado. Por isso passa em proverbio o dizer-se metaphoricamente — achou ninho de guincho — quando alguem descobriu um esconderijo de variados objectos.

Este livro, pela diversidade dos assumptos, certamente mais sortidos do que valiosos, é um ninho de guincho, que eu fui abastecendo na minha afanosa lucta pela existencia, dia a dia, umas vezes alegre, outras triste, mas sempre conformado com a suprema direcção de um mundo onde ha pessoas que vivem sem trabalhar e pessoas que trabalham para viver — sem que se possa dizer ao certo quaes são as mais felizes.

Lisboa — 1902, dezembro

I

O PROPHETISMO E A RESTAURAÇÃO

Uma das armas empregadas no interesse da restauração de 1640 foi o prophetismo: é esta uma verdade historica que merecia decerto ser largamente desenvolvida e demonstrada. Não o podemos fazer n'uma simples nótula; alguem, de mais firme pulso, o fará um dia.

Quem principalmente manejou essa arma? Foram os jesuitas? O padre José Agostinho de Macedo asseverou categoricamente que não entrou na revolução *nem um só jesuita*, mas que os religiosos da Companhia, *sempre dissimulados e verdadeiros gatos na melancolia e na caça*, exploraram em proveito proprio o movimento revolucionario que pôz no throno D. João IV, fazendo acreditar que elle era o promettido das prophecias populares (1). Rebello da Silva, pelo contrario, assignala a intervenção, que reputa poderosa, dos jesuitas, na conspi-

---

(1) *Os sebastianistas*, Lisboa, 1810, pag. 39.

ração restauradora de 1640 e na consolidação da dynastia brigantina. Recorda este illustre historiador a propaganda do padre Luiz Alvares, que n'um sermão prégado perante o cardeal Alberto se affoitára a dizer: «Serenissimo principe! Levantae-vos, tomae o fato e a cabana, e ide-vos para vossa terra... é o que significam as palavras de Christo [1]». A crença de um novo imperio do mundo, para glorificação da corôa restaurada de Portugal, digno de figurar na historia universal depois dos imperios da Babylonia, da Assyria, da Grecia e de Roma, foi eloquentemente aticada pelo padre Antonio Vieira, como se sabe, na *Historia do futuro*. Mas já então a revolução estava consummada. Resta saber se os jesuitas, recorrendo á arma do prophetismo, e a outras não menos valiosas, a prepararam. Eis o ponto que não está ainda nitidamente averiguado.

D. Francisco Manuel escreve nas *Epanáphoras* que os padres da Companhia *tacitamente contribuiam ás esperanças de alguma novidade*. Este testimunho é importante por ser contemporaneo dos factos. Não obstante, a questão não está ainda sufficientemente esclarecida, posto que recentemente dois escriptores notabilissimos, Camillo Castello Branco e Oliveira Martins, esgrimissem denodadamente sobre tão importante assumpto, deixando comtudo indecisa a victoria, porque ambos adduziram argumentos ponderosos, o primeiro negando, em opposição ao segundo, que a Companhia de Je-

---

(1) *Historia de Portugal*, tomo III, pag. 440.

sus tivesse intervindo pelo prophetismo na revolução de 1640 *para fazer de Portugal o Paraguay da Europa*, segundo a phrase de Emilio Castellar proferida no congresso hespanhol em 1884. Camillo Castello Branco admitia que os jesuitas acceitassem D. João IV como sendo o *Encoberto*, mas só depois de realisada a revolução de 1640; *antes não*. Combatia, portanto, o argumento de Oliveira Martins: que fôra por suggestões jesuiticas que rebentaram em Evora os acontecimentos de 1637, de todos conhecidos. O que é certo é que a questão, brilhantemente tratada de parte a parte, não ficou todavia bastantemente liquidada de modo a não admittir a menor duvida perante a critica historica, despaixonada e imparcial. Pode ter-se uma opinião, mais ou menos justificavel, e não devemos occultar que nos inclinamos á de Camillo Castello Branco; mas parece-nos ainda cedo para assentar uma convicção definitiva.

Como quer que seja, o que é certo é que o prophetismo fôra uma arma poderosa nas mãos dos que favoreciam a restauração, quer os vamos procurar a Companhia de Jesus ou fóra d'ella.

O calis da amargura trasbordava; o prophetismo fortalecia os animos, pondo em vibração a credulidade popular, para evitar que fosse exgotado até ás fezes. Na revolução d'Evora, emergira principalmente o elemento popular; o typo do Manuelinho era uma synthese. O prophetismo aproveitou aquelle elemento, que sobrenadava á flor dos acontecimentos, e explorou-o com vantagem. Eis a verdade.

Todos os processos que podiam fazer vibrar a credulidade do povo foram utilisados. Recordaram-se as suppostas palavras de Christo a Affonso Henriques nas côrtes de Lamego, cuja authenticidade foi, aliás, combatida por Alexandre Herculano, como se sabe. O Filho de Deus haveria promettido ao primeiro rei portuguez a sua miraculosa interferencia até ao tempo em que florecesse a decima sexta geração, *usque in decima sextam generationem.* Ora desde Sancho I até D. Henrique, inclusivè, succediam-se dezeseis gerações contadas de rei a rei. S. Bernardo teria escripto a Affonso Henriques uma carta datada de Claraval, no anno de 1136, na qual diria que ao — «reino de Portugal nunca faltariam reis portuguezes, *salvo se pela gravezza de culpas por algum tempo (Deus) o castigar; não será porém tão comprido o praso d'este castigo, que chegue a termos de sessenta annos*».

Como se vê, não podia ser mais artificiosamente explorada pelo prophetismo a corda da credulidade nacional.

Mas ha mais. Aos vaticinios de origem religiosa accresciam os vaticinios de origem popular, fazendo suppôr em intima communicação a alma do povo com os prophetas directamente inspirados por Deus. Assim, as prophecias de Bandarra foram interpretadas n'um sentido inteiramente applicavel á restauração da independencia nacional pela acclamação de D. João IV.

Na *Restauração prodigiosa de Portugal*, composta em 1643 por um jesuita, o padre Manoel Escobar, sob o pseudonymo de Gregorio de Almeida,

as trovas do vate sapateiro de Trancoso são adaptadas á epoca:

Já o tempo desejado
É chegado.
Segundo firmal assenta,
Já cessaram os *quarenta*,
Que se emmenta
Por um douto já passado.
O rei novo é levantado,
Já dá brado,
Já assoma a sua bandeira,
Contra a grifa parideira
Logomeira,
Que taes prados tem gastado.
Saia, saia este infante,
Bem andante.
O seu nome é D. Joam.
Tire e leve o pendão
E o guião,
Poderoso e triumphante.
Vir-lhe-hão novas adeante,
E n'um instante,
D'aquellas terras presadas,
As quaes estão declaradas
E affirmadas,
Tel-o por Rey em deante.

Inculcava-se, pois, que a éra de *quarenta* era predestinada para grandes prodigios. N'uma egreja de Alemquer haveria sido encontrada uma pedra com esta inscripção, em lettras gothicas:

Anno de vinte, quem te não vira!
Anno de trinta, quem te passára!
Anno de quarenta, quem te gosára!

De mais a mais, na Escriptura Sagrada quarenta era um numero assignalado: quarenta dias estivera Moysés no Sinai; quarenta annos guiou o Senhor ao povo de Israel pelo deserto. Ficava assim confirmada a phrase: *segundo firmal assenta*.

Mas, além da auctoridade da Biblia, havia a de S. Bernardo: *que se emmenta, por um douto já passado.*

Quanto á expressão *rei novo*, não podia haver duvidas: D. João IV era o primeiro monarcha depois de interrompida a serie dos reis portuguezes.

Saia, saia significava a ancia com que todo o reino pedia a acclamação de um soberano restaurador.

Não podia, de feito, ser mais feliz a exegése. Todavia, uma pequena difficuldade apparecera: a prophecia dizia:—*Dom Foam*, e não *Dom Joam*. Desde o momento, porém, em que se encontrasse uma explicação verosimil para a troca de uma lettra, a prophecia ganharia foros de indiscutivel veracidade. A desejada explicação encontrara-se, finalmente: a troca de um *I* grande por um *F* fôra alteração adrede introduzida pelos sebastianistas; restava desfazer o que elles tinham feito, mudar o *F* em *I*. A espada de Alexandre cortara mais uma vez o nó gordio: Bandarra havia prophetisado D. João IV.

E houve logo quem recordasse o testimunho de pessoas contemporaneas de D. João III, affirmando que Bandarra havia effectivamente escripto

O seu nome é D. Joam,

mas que — tão certo como dois e dois serem quatro — os sebastianistas haviam adulterado a copia maliciosamente.

D. João IV devia sorrir-se, para dentro, da credulidade ingenua dos seus vassallos, mas para não inutilisar as armas do prophetismo, tão habilmente empregadas em seu proveito, não punha duvida em declarar, perante os ferranhos sebastianistas da sua côrte recemnascida, que se D. Sebastião voltasse, immediatamente lhe entregaria o sceptro e a corôa.

1885 — Fevereiro

II

HISTORIA DE UM QUADRO

Champfleury, no seu livro *Les excentriques*, dá o logar de honra a um portuguez que se tornou notavel em França por muitas originalidades. Era o commendador José Joaquim da Gama Machado, conselheiro de legação em Pariz, gentil-homem da casa real de Sua Magestade Fidelissima, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa e de outras muitas corporações litterarias.

Pertencendo a uma familia originaria de Portugal, Machado foi para Pariz aos oito annos de edade estudar no collegio d'Harcourt, sob a direcção do abbade Coesnon. Concluida a aprendizagem litteraria, Machado viajou largamente e, quando já orçava pelos cincoenta annos, explodiu no seu espirito, subitamente, um grande enthusiasmo pela historia natural.

Desde esse momento, Machado tornou-se um monomaniaco, um excentrico, que vivia mais para os passaros do que para os homens.

Corria todo Pariz assestando as suas lunetas de

ouro para as gaiolas dos passarinheiros, e fazia grandes compras de aves, com as quaes almoçava em estreita camaradagem todos os dias, depois de ter assistido ao banho de cada uma.

Havia, na habitação de Machado, uma sala occupada por pequeninas thermas, onde os passarolos mergulhavam hygienicamente, duas vezes ao dia, sem que nenhum d'elles se equivocasse ao procurar a sua tina.

Durante o almoço, o commendador prodigalisava dedicadissimos cuidados aos seus hospedes.

— Se quero conservar a amisade de cada um d'elles, dizia Machado, preciso não os enganar. O trabalho de gabinete exige menos fadiga do que a vigilancia que reclamam os meus pequenos companheiros. Só com incessantes cuidados se consegue preserval-os de enfermidades, e manter a paz no seio d'esta pequena familia, onde a harmonia, como entre nós, nem sempre reina.

Quando Machado viajava, acompanhava-o inalteravelmente um papagaio seu predilecto. Em malaposta, em caminho de ferro, em paquete, por mar ou por terra, o papagaio favorito não se esquecia de pedir o almoço, dando um grito, sempre á mesma hora, com a precisão de um relogio de Genebra.

Este papagaio correspondia aos carinhos com que era tratado pela cooperação que prestava ao commendador no tratamento dos outros passaros. Quando algum adoecia, o papagaio avisava gritando. Era uma especie de irmã da caridade, de enfermeiro officioso e solicito. Assim avisado, Machado punha em acção todo o seu arsenal thera-

peutico: applicava homœpathicamente a belladona para os casos de epilepsia, de que alguns passaros são atacados; e empregava os globulos de açafrão na epoca melindrosa da mudança de penna.

Foi depois de muitos annos de convivencia com as aves que o commendador Machado conseguiu formular o seu systema da *Theoria das similhanças*, baseado sobre os meios de determinar as disposições caracteristicas de cada animal, segundo as analogias das fórmas, da cauda e das côres.

— A côr, dizia elle, é o verdadeiro piloto da natureza para o conhecimento do valor das suas producções, nos trez reinos, *animal*, *vegetal*, e *mineral*. E' verdade que Bernardin de Saint-Pierre não estava longe d'estas ideas. Nos *Estudos da natureza* diz elle que as côres dos animaes indicam, mais talvez do que se pensa, os seus caracteres, e que a côr virá por ventura a ser o germen de uma verdadeira sciencia. As famosas *analogias* de Fourier partem do mesmo principio.

A exemplificação das analogias encontradas por Machado tomar-nos-ia grande espaço. Deixaremos apenas indicado o assumpto, e transcreveremos algumas das maximas d'este portuguez excentrico, que dizem respeito aos animaes.

«Os animaes nascem sabios sem passar pela educação, ao passo que os homens adquirem conhecimentos á força de maus tratos.»

«Falta ao macaco a palavra: este animal tem conservado a sua *plena* liberdade.»

«A côr é o mobil dos costumes entre os animaes.»

«A natureza parece ter privado o homem de senso commum e havel-o dado aos animaes.»

Como se vê, o commendador Machado havia constituido para si mesmo toda uma sociedade de passaros, na convivencia dos quaes ia rebaixando o conceito que, por estudos comparativos, fazia do homem.

Era preciso accentuar estes traços excentricos da physionomia de Machado, tal como nol-o apresenta Champfleury, para entrarmos na materia especial, que julgamos ser inteiramente nova, d'este artigo.

Se o leitor quizer dar-se ao incommodo de visitar o museu nacional de bellas artes, no palacio das Janellas Verdes, ha de encontrar na sala D um quadro a oleo, que tem o numero 868, e que, segundo a indicação do respectivo catalogo, é do seculo passado.

Quanto ao assumpto do quadro, diz o catalogo:

«Loja de barbeiro.—Diversos macacos fazem officio de barbeiro, barbeando gatos.»

«Legado á academia.»

A' primeira vista, o quadro numero 868 da sala D denuncía apenas a excentricidade de um artista, a phantasia piccaresca de um pintor que se occupou imaginando uma loja de barbeiro, em que os escanhoadores são macacos e os freguezes são gatos. O catalogo contenta-se com dar uma indicação vaga ácerca da aquisição do quadro: legado á Academia. E' pouco, e é falso.

O quadro não foi legado á Academia... mas á Camara dos Pares de Portugal. O testador foi o commendador Gama Machado. E o quadro passou mais tarde da Camara dos Pares para a Academia de Bellas Artes, como vamos mostrar.

Em data de 12 de outubro de 1861 o testamenteiro de Gama Machado participava á Camara dos Pares o legado de trez quadros, e pedia que lhe fosse indicado o meio de envial-os.

Quatro dias depois, o mesmo testamenteiro communicava que por aviso do presidente do tribunal civil estava auctorisado a entregar o legado.

A 8 de dezembro, o testamenteiro participava ter enviado o legado.

A 25 de fevereiro de 1862 a Camara dos Pares mandava officiar ao Ministerio do Reino pedindo que o legado lhe fosse entregue, e a 12 de junho instava pela entrega.

A Camara havia resolvido que os quadros, logo depois de recebidos, fossem enviados para a Academia. Por isso, o director da Academia officiou em 14 de junho, pedindo a remessa d'elles.

Foi-lhe respondido que ainda não haviam sido entregues.

Só a 20 de dezembro foram recebidos na Camara, do que se lavrou o competente auto.

Os trez quadros de que constava o legado eram: dois desenhos de Girodet, representando Galathea e Pigmalião, e o quadro dos macacos e dos gatos, pintado por Decamp—nada menos!

Como se acaba de ver, a indicação do catalogo é não só deficiente, mas tambem inexacta.

A verdade é que o quadro de Decamp foi legado por Gama Machado á Camara dos Pares.

Seria este legado apenas uma excentricidade do diplomata portuguez, inteiramente vasia de sentido? Elle era intelligente de mais para não pôr uma intenção qualquer no que fazia.

E d'ahi talvez que o leitor, analysando o quadro, possa encontrar a intenção ironica do testador.

Os macacos não serão os legisladores? os gatos não serão os contribuintes?

Vão vêr, e digam depois...

1886—Janeiro.

III

UM PREDIO NOTAVEL

A casa do *Pateo do Tijôlo* onde Fontes Pereira de Mello falleceu, tem, como se sabe, duas entradas, uma pela travessa do Conde de Soure, que communica a rua Formosa com a rua da Rosa, a outra pelo *Pateo* d'aquelle nome que liga a rua de D. Pedro V com a entrada nobre do palacio.

N'este bairro, e principalmente n'este sitio, a refundição de Lisboa tem sido profunda até nos nomes.

A inevitavel chrisma municipal converteu a antiga rua do Moinho de Vento em rua de D. Pedro V. Porque? Por *coisissima nenhuma*, como diria um ministro lendario. Aquella rua tanto poderia ser de D. Pedro IV como de D. Pedro V, como de qualquer outro homem notavel... que tivesse passado por ella algumas vezes. A unica denominação que ajustava á sua historia era a de — *Moinho de vento*, porque, em verdade, ali houvera moinhos de vento —e bem trabalhados pelo vento deviam ser n'aquelle alto os moinhos — quando ainda tudo por ali eram terras de semeadura, ao tempo do terremoto, co-

mo indicam os nomes mais ou menos bucolicos das ruas circumjacentes.

Estamos, de feito, n'uma zona onde Ceres e Flora tiveram seus dominios, como denunciam as designações de rua da *Vinha*, travessa das *Parreiras*, travessa da *Horta*, rua dos *Cardaes*, rua e travessa da *Palmeira*, rua dos *Jasmins*, e, finalmente, Praça *das Flores*.

A rua da *Rosa* faz, porém, excepção; não deve enganar o leitor. Esta *rosa* nada tem que vêr com bucolismos e pastoraes, pois que não se trata da rosa dos prados, mas da *Rosa... das partilhas*, uma demandista famosa do seculo XV.

Nós, os que vivemos agora, já não vimos velejar no alto de S. Pedro de Alcantara os tradicionaes moinhos de vento, que apparecem figurados no *Urbium proœcipuarum mundi theatrum*, mas conhecemos a rua do Moinho de Vento muito differente, ainda ha poucos annos, do que é hoje.

O leitor lembra-se por certo do renque de casas humildes — até por signal bem mal habitadas... — que corria desde a esquina da rua da Rosa até junto da Patriarchal Queimada... perdão, da Praça do Principe Real. Demoliram-se essas casas, construiram-se no seu logar as lojas de commercio que lá vemos agora, edificaram-se em frente bellos predios, ultimamente demoliu-se, depois de incendiado, o palacio da familia Braamcamp — que sempre teve a má sina de vêr os seus predios incendiados — desmoronou-se parte do solar dos Salemas, alargou-se a rua, e ella ahi está hoje sendo uma das melhores de Lisboa.

Mas a mudança de nome é que eu não perdôo nem desculpo.

Todos nós nos lembramos ainda de vêr, no *Pateo do Tijôlo*, os restos disformes do palacio dos condes de Soure, titulares que estão actualmente representados, pelo casamento de uma senhora, na casa dos condes de Redondo.

O visconde Julio de Castilho não pôde rastear a data da fundação do palacio, mas pareceu-lhe enxergar nas ruinas vestigios de uma construcção do seculo XVII.

Como quer que fôsse, ahi habitavam, n'aquelle seculo, os Soures, cujo condado fôra em 1652 concedido a D. João da Costa, casado com uma senhora da casa Villa Verde.

Ahi, nas proximidades do seu solar, esteve o primeiro conde de Soure para ser victima de uma cilada nocturna que lhe armaram dois embuçados a cavallo, e de que sahiu incolume.

Aconteceu que voltando de Inglaterra, viuva, a rainha D. Catharina de Bragança, fôra alojar-se nos paços do Calvario, d'onde se transferiu para o palacio dos condes de Redondo a Santa Martha, passando depois d'ahi para o dos condes de Soure, junto aos Moinhos de Vento.

Foi n'este predio, onde, duzentos annos volvidos, haviam de fallecer dois estadistas portuguezes, que D. Catharina de Bragança fez lavrar o seu testamento, datado de 14 de fevereiro de 1699, no palacio *sito ao Moinho de vento na côrte e cidade de Lisboa*.

A rainha de Inglaterra não se demorou muito,

porém, no palacio dos condes de Soure; mudou-se para o dos condes de Aveiras, em Belem. Ainda ahi não ficou. Em julho de 1701 comprou seu irmão D. Pedro II terrenos na Bemposta para mandar-lhe construir o palacio que hoje conhecemos por esta designação.

A escriptura da compra vem publicada no *Gabinete historico* de frei Claudio da Conceição e transcripta por Camillo Castello Branco no 1.º volume do romance *O judeu*.

A esse tempo o representante dos Soures era o terceiro conde do titulo, D. João José da Costa e Sousa que, certamente para deixar livre o palacio do Bairro Alto á rainha da Gran-Bretanha, iria habitar o outro palacio da sua familia, á Penha de França.

Habituado talvez á sua residencia n'este outro palacio, não voltou o conde de Soure a occupar o que D. Catharina de Bragança abandonára.

Então o palacio dos Moinhos de Vento, que tinha hospedado uma rainha, passou a ter inquilinagem menos nobre. Estabeleceu-se ahi um theatro de titeres, theatro onde depois se representaram as farças do famoso *judeu* Antonio José da Silva, protogonista do romance de Camillo, ha pouco citado.

Teve pois aquelle Bairro nada menos de trez theatros: este, *o velho theatro do Bairro Alto*, de *marionettes*, aos Moinhos de Vento; o theatro *novo*, no largo de S Roque, *Pateo do Patriarcha* (porque foi no palacio dos Nizas que habitou o primeiro patriarcha de Lisboa, D. Thomaz d'Almeida) e no largo da Abegoaria a *Academia de opera italiana*.

Outros, de secunduria importancia, haveria talvez.

Disse eu já que a familia Braamcamp fôra infeliz com incendios. O pae do fallecido conselheiro Anselmo Braamcamp habitava um grande predio no Terreiro do Paço entre a esquina da rua da Prata e a da rua dos Fanqueiros. Esse predio ardeu ahi por 1828, pois que o povo, depois de D Miguel ter dado uma queda e de fallecer a rainha D. Carlota Joaquina (7 de janeiro de 1830) cantava nas ruas:

Foi o fogo do Braamcamp
Cometa que annunciou
A morte da *abelha mestra,*
A queda do *rei chegou.*

O vasto predio que o sr. conselheiro Anselmo José Braamcamp habitava, no topo da alameda de S. Pedro d'Alcantara, ardeu tambem, creio que em 1878, pelo que o finado chefe do partido progressista comprou as ruinas do palacio dos condes de Soure, mandando aproveitar as paredes mestras do edificio.

As obras de reconstrucção começaram em julho de 1879, e a refundição do palacio fez-se rapidamente, indo o sr. Anselmo José Braamcamp habital-o com sua familia.

Como se sabe, foi ahi que o illustre chefe do partido progressista falleceu a 13 de novembro de 1885, quatro annos depois de ter abandonado a presidencia do conselho de ministros (25 de março de 1881).

Mezes depois, o conspicuo estadista Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, chefe do partido regenerador, transferiu a sua residencia, do palacete do largo do Poço Novo, para o palacio do Pateo do Tijôlo, propriedade dos herdeiros do sr. Braamcamp.

Está ainda na memoria de todos que a morte feriu de improviso Fontes Pereira de Mello, na noite de 22 de janeiro de 1887.

Logo se notou a triste coincidencia de terem morrido no mesmo predio, apenas com o intervallo de dois annos, os dois chefes dos partidos monarchicos militantes.

Mas o que muita gente ignorava, e ignoraria talvez ainda hoje, é que ali estivera hospedada a rainha, viuva, da Gran-Bretanha, e que o mesmo predio passara depois a ser o velho theatro do Bairro Alto.

Aos esplendores da realesa, representada na pessoa de D. Catharina de Bragança, cuja vida em Inglaterra fôra uma tragedia de amarguras, succedera a comedia personificada no infeliz judeu Antonio José da Silva. Seguiu-se um duplo drama de morte, que cobriu de luto os partidos progressista e regenerador.

Os dois estadistas não falleceram, porém, no mesmo quarto.

Subindo, da rua Formosa, a travessa do Conde de Soure, a primeira janella do segundo andar é a do aposento em que Fontes expirou.

Quando este illustre estadista foi residir n'aquelle predio, os herdeiros do sr. Braamcamp conserva-

ram fechado, durante muito tempo, o quarto, tambem situado no segundo andar, em que elle tinha fallecido.

Estavam ainda ali alguns moveis, suppômos até que o leito, os quaes foram depois removidos por ordem da familia Braamcamp.

Da janella do quarto onde falleceu Fontes Pereira de Mello avista-se um dilatado panorama, que abrange grande parte da casaria do bairro occidental, e o Tejo.

A mobilia do quarto de Fontes era modesta. Entrei ali na manhã do dia 23 de janeiro de 1887. O cadaver do illustre estadista, vestindo o seu uniforme de general, repousava sobre o leito. Recordo-me de ter feito reparo em dois ou trez moveis, elegantes, mas simples: uma commoda moderna e um guarda-fato. Nenhum requinte de commodidade opulenta; nenhuma pompa de tapeçarias, nem *bibelots* de preço. Todavia, no fundo da provincia, quantos não imaginariam, com bôa ou má fé, que os aposentos de Fontes deviam ser principescos!

Conheci Fontes Pereira de Mello em quatro predios differentes, na rua de S. Bento, na travessa de Santo Amaro, no Poço Novo, e no Pateo do Tijôlo, mas em nenhum d'elles a mobilia e os estofos das suas salas deslumbravam os olhos.

1889 — Janeiro.

IV

PETRARCHA E CAMOES

A obra de Petrarcha tem sido copiosamente vulgarisada em francez. Citarei de passagem a traducção de Ginguené, que é estimavel. Mas no texto original conheço a excellente edição de 1541 por um exemplar que pertence hoje ao meu prezado amigo conselheiro Silveira da Motta, e que pertenceu outr'ora a Camillo Castello Branco, que o annotou.

Adquiriu, pois, Silveira da Motta uma dupla preciosidade bibliographica, que lhe peço licença para descrever.

No reverso da 1.ª pagina, a lapis:

Ex-perfeito.

No verso da 2.ª, tambem a lapis:

«Esta edição sahiu no 2.º centenario da coroação de Petrarcha em 1541. *(Esta data está fortemente escripta a tinta).* O commentador Vellutello é o mais apreciado dos antigos interpretes de Pe-

trarcha. N'esta edição ha versos chancellados pela censura — são os que offendem os cardeaes.»

C. Caslello Branco.

E no reverso da 2.ª pagina, a tinta:

Brunet — 60 fr.

C. Castello Branco.

Na ultima pagina, por baixo da rubrica typographica do impressor *(In Vinegia per Giovann'Antonio di Nicolini da Sabio nel anno del Signore MDXLI de Genaro)* tem o exemplar a assignatura do seu antigo possuidor:

D. Jeronymo Correa da Silveira.

E por lettra de Camillo:

E' neto de D. Diogo que adiante traduziu o soneto de Petrarcha; morreu em 16 de maio de 1640.

C. Castello Branco.

Seguem-se trez paginas, sendo duas em branco, certamente introduzidas pelo encadernador. Na 1.ª, porém, lê-se em caracteres manuscriptos:

Tresladação do soneto «aspro core e selvaggio» (calligraphia antiga):

Dura vontade, cruel peito isento
N'uma suave, angelica figura,
Se tanta crueldade muito dura,
Pouco honrava de mim o vencimento.

Que eu de chorar não cesso um só momento
Quando a flôr nasce e perde a formosura.
Bem tenho que queixar-me da ventura,
D'amor, e da que causa meu tormento.

Vivo só d'esperança imaginando
Que marmore não ha que ao uso grande
De pouca agua continua se não renda.

Não ha tão duro peito, que chorando,
Rogando, amando, uma hora não se abrande,
Nem tão frio querer que não se accenda.

E por baixo, em lettra de Camillo:

«D. Diogo da Silveira foi 2.º conde da Sortelha e guarda-mór d'el rei D. Sebastiam.»

Petrarcha fanatisou, pela sua obra poetica e pela sua tradição amorosa, todos os notaveis poetas portuguezes da escola italiana, incluindo Camões.

Sá de Miranda, que introduziu em Portugal o gosto pelos processos de metrificação á-la-moda de Italia, faz n'um terceto o elogio de Petrarcha:

Depois co'a melhor lei entrou mais lume,
Suspirou-se melhor, veio outra gente
De que Petrarcha fez tão rico ordume.

No *Filodemo* de Camões ha uma referencia a Petrarcha, e á bella Laura por elle celebrada:

«...por quantos sonetos estão escriptos pelos troncos das arvores do Vale Luso, nem por quantas madamas Lauras vós idolatraes.»

Creio piamente que *Vale Luso* foi primitivamente um erro typographico, que até hoje tem corrido á revelia nas numerosas edições em que as comedias de Camões andam reproduzidas. O poeta escreveria certamente *Vale chiuso*. Toda a gente sabe que em Avinhão o tumulo de Laura e a fonte de Petrarcha povoam ainda hoje de memorias romanticas a paisagem de Valchiusa. Castilho, referindo-se na *Chave do enygma* á solidão do poeta n'aquelle ermo, escreve na sua doce prosa tocada pela suavidade de frei Luiz de Sousa: «*Valchiusa*, ou, como dizem, *Voclusa*, onde Petrarcha passa tantos annos sonhando com o espectro, primeiro de uma viva, que não vive para elle, e depois, de uma defunta que nunca para elle morrerá, Valchiusa é para todos brenha alpestre, cavernosa, brava, despovoada, mas é vergel e universo para elle, e o casebre do seu refugio, palacio oriental.»

Até 1533 o tumulo de Laura tinha por unico epitaphio apenas quatro lettras: M. L. M. I. *(Madonna Laura morta jacet)*, mas, n'aquelle anno, passando em Avinhão, caminho de Marselha, Francisco I (que em materia de poesia e amor tinha soberana auctoridade) mandou levantar, em honra da bella dama, um rico tumulo de marmore, com epitaphios em differentes linguas, escrevendo elle proprio um em francez.

Antonio Prestes tambem faz referencia a Petrarcha, e por signal que é curiosissima. Vem no *Auto do desembargador*. Trata-se de um boi, que tem o nome de *Namorado*.

Commendador:

Chamavam ao boi namorado;
vacca que visse no arado
lhe fazia mil sonetos.

Moço:

Isso era Petrarcha boi!

Commendador:

Qual Petrarcha! inda me aggravo
do Petrarcha, mui mais bravo
que dez mil Petrarchas foi.

E o mais é que o *Commendador* do auto tinha razão. Em amor, Petrarcha foi um inoffensivo, um platonico, que gastou o coração em sonetos. Nada ha tão irrisorio como dizer: *a Laura de Petrarcha!* A quem ella pertenceu foi a seu marido, Hugues de Sade, do qual houve onze filhos. Esta cabazada de fructos era bastante a esmagar prosaicamente as flôres que Petrarcha metrificava em honra de Laura. Mas o poeta fechava-se na solidão de Valchiusa, ao pé da fonte suspirosa, e gemia saudades pela mulher de Hugues.

Foi n'uma egreja, onde se celebrava a *semana santa*, que Petrarcha a viu pela primeira vez. Tinha ella então vinte annos, e uma belleza radiosa:

Diz o soneto:

Era 'l giorno ch'al al sol si scoloraro
Per lá pietá del suo Fattor i rai,
Quand' i' fui preso, e non me ne guardai
Che i bei vostr'occhi, Donna, mi legaro.

A Camões aconteceu outro tanto. Foi tambem n'uma egreja, e pela *semana santa*, que elle viu pela primeira vez a dama que lhe empolgou o coração, fosse ou não fosse Catharina d'Athayde. O soneto que principia:

O culto divinal se celebrava
No templo d'onde toda a creatura
Louva o Feitor divino, que a feitura
Com seu sagrado sangue restaurava

foi visivelmente calcado sobre aquelle de Petrarcha, o que fez attribuil-o unicamente a espirito de imitação, a fanatismo petrarchiano. Mas o visconde de Juromenha deu á estampa outro soneto de Camões, que desfaz qualquer apprehensão:

Todas as almas tristes se mostravam
Pela piedade do Feitor Divino,
Onde ante o seu aspecto benino
O divino tributo lhe pagavam.

Meus sentidos então livres estavam
Que até hi foi contente o seu destino,
Quando uns olhos de que eu não era dino
A furto da razão me salteavam.

A nova vista me cegou de todo,
Nasceu do descostume a extranheza
Da suave e angelica presença.

Para remediar-me não ha hi modo.
Oh! por que fez a humana natureza
Entre os nascidos tanta differença!

Diz a lenda que foi na egreja das Chagas que Luiz de Camões viu pela primeira vez a dama que tanto veiu a amar. Eu, segundo uma opinião já antiga, pendo a crêr que fosse em Coimbra, onde, dil-o o proprio poeta, «as suas maguas para nunca acabar se começaram »

Camões tem, na sua biographia amorosa, muitos pontos de contacto com Petrarcha. Qualquer dos dois poetas resume toda a sua felicidade n'um sonho: *beato in sogno*. Nenhum d'elles pôde possuir a mulher amada, e ambos lhe sobreviveram. Mas Camões, n'um só soneto, *Alma minha gentil que te partiste*, é muito superior em lacrimavel s udade a Petrarcha nos varios sonetos que compoz chorando a morte de Laura. Todo esse soneto, que é a primeira explosão da angustia, vale mais, pela sua doçura etherea, que a longa ecloga escripta á morte de D. Catharina de Athayde. Sómente o lusitano, medindo se amorosamente com Petrarcha, acha que a sua dama sobrepujava em belleza a do italiano:

> E que toda a toscana poesia
> Que mais Phebo restaura,
> Em Beatriz, nem Laura nunca via.

Camões, o *Trinca fortes*, o *Diabo*, abatido aos pés de Nathercia—como Hercules aos pés de Omphale—não se nos afigura hoje, porém, tão piegas como Petrarcha. É um guerreiro que ama, e que chora. Mas Petrarcha vale-se infructuosamente de

recursosinhos capciosos, faz a Laura o seu presentinho de trufas, gaba-lhe o signo do Touro,

> Quando 'l pianeta che distingue l'ore
> Ad albergar col Tauro si ritorna

e a bella Laura, sempre desentendida, parece dizer-lhe n'um silencio honesto: «Marra, bravo coração, contra a muralha da minha honra: não a abalarás.»

O *Commendador* do auto de Antonio Prestes tinha razão.

1889 — Fevereiro.

V

CHÁ PORTUGUEZ

Strozzi cantou o chocolate, Massieu o café. Não me consta que algum poeta tenha cantado o chá, e todavia ha bons duzentos annos que a Europa se habituou a tomal-o, guindando-o ás honras de um costume elegante.

Foi ao que parece o padre Matheus Ricci, jesuita, missionario na China, quem pela primeira vez o indicou á Europa em 1590. No seculo seguinte, ahi por 1610, os hollandezes introduziram o chá na Europa, e a importação cresceu rapidamente, a ponto que em 1665 era quasi geral o uso do chá.

Subsiste uma phrase indicativa de que tomar chá foi desde logo um titulo de boa sociedade. De uma pessoa grosseira costuma dizer-se: *Não tomou chá em pequeno.* E não é porque o chá fosse recommendado como proveitoso para a saude das creanças. Pelo contrario, o dr. Francisco da Fonseca Henriques, medico de el-rei D. João V, aconselha na sua *Ancora Medicinal* que se não dê chá aos me-

ninos, por ser bebida quente e dessecante, contraria ao desenvolvimento do corpo.

A rasão da phrase está pois, certamente, em ter sido o uso do chá adoptado pelas classes superiores da sociedade, generalisando-se depois por espirito de imitação. Em Inglaterra foram dois lords, Arlington e Ossory, que o introduziram, sendo então carissimo Ainda hoje ha na Inglaterra, e por copia n'outros paizes, incluindo Portugal, o elegante *chá das cinco horas*.

Assim como era de fina gentileza offerecer a outrem uma chavena de chá, o negal-a representava uma sovinaria grosseira.

O bispo do Grão-Pará escrevia para Lisboa a uma freira, D. Antonia Xavier, que se lhe queixára de duas madres que lhe não offereciam do seu chá: «Estimarei que esteja melhor de saude para que não necessite do chá das amigas; quem nega uma chicara de agua quente é capaz de negar um pucaro de agua fria, e tambem tem cara para negar uma divida: o certo é que ha creaturas tão indigestas, que todo o chá é pouco para ellas.»

Dar mau chá era talvez um pouco mais ridiculo do que o não dar. Tolentino diz na conhecida quintilha:

Em bule chamado inglez,
Que já para pouco serve,
Duas folhas lança ou trez
Do cançado chá que ferve
Com esta a setima vez.

E o Braz Carril, da *Assembléa* de Garção, ia arranjar dinheiro a casa do diabo para não deixar de

dar ás visitas sequilhos e chá condignos da prosapia de sua esposa a ex.ma D. Urraca Azevia.

Hoje o uso do chá firmou-se em todos os paizes da Europa, bebem-n'o os ricos e os pobres, os sãos e os doentes, os adultos e as creanças. Peior ou melhor, entende-se. Não está já divinisado pelas lendas que corriam a seu respeito quando começou a ser importado. Dizia-se então que Darma, filho de um rei das Indias, havendo adquirido o habito de viver solitario, passava as noites meditando no seu jardim. Certa noite, porém, entrou com elle um somno teimoso, e o principe, desesperado com essa exigencia animal, arrancou as palpebras, arremessou-as á terra, onde ellas crearam raizes e produziram a planta que dá o chá. Hoje já não correm esta e quejandas lendas, filhas da phantasia oriental; mas, em compensação, toda a gente tira das pequeninas e tenras folhas do *theh* dos chinezes e do *tsiaa* dos japonezes, d'onde provavelmente veiu o nosso vocabulo *chá*, todo o partido possivel — praticamente.

Diz-se que é bom o chá para curar as nevroses dos olhos; sabe-se que é excellente para tirar nodoas. Ha golla de casaca que tem bebido mais chá talvez do que o dono da casaca. E é de bom conselho tomal-o quando se está indisposto, sendo já um habito inveterado bebel-o sempre, esteja-se indisposto ou não.

Ninguem ha de dizer o trabalho que dão a colheita e o preparo da folha do chá. Em trez operações distinctas, qual d'ellas mais laboriosa, se póde dividir esse trabalho. Frei Leandro do Sacramento,

illustre professor brazileiro, licenciado em philosophia pela Universidade de Coimbra, escreveu uma interessante memoria sobre o assumpto, e é de vêr o complicado processo que tem de seguir-se desde que se colhem os rebentos da planta até que, depois das folhas escaldadas, esmagadas, enroladas, torradas, peneiradas, se chega á ultima torrefacção, que é a terceira operação por que o chá tem de passar antes de ir correr mundo.

Sempre quero dizer ao leitor o motivo que tive para me lembrar hoje do chá... Eu devia ter começado por isto. Nenhum assumpto quadra melhor a um jornal que tem estado sempre na brecha a defender os interesses da instrucção, do commercio e da industria. Foram as conferencias ultimamente realisadas pelo sr. José Julio Rodrigues, no theatro de S Carlos, que chamaram a minha attenção para o chá dos Açôres. Chá dos Açôres! exclamará com extranheza o leitor.

Tem razão para extranhar, porque é sestro portuguez despresar as riquezas que temos de portas a dentro. Pois o chá dos Açôres é uma industria creada, desenvolvida não.

Foi em 1878, que na ilha de S. Miguel se fizeram os primeiros ensaios da manipulação do chá. A sociedade promotora da agricultura michaelense mandou buscar dois chinezes, Lau-a-Pan, mestre manipulador; e Lau-a Teng, intreprete e ajudante, para procederem á fabricação, que uma já abundante cultura permittia.

No dia 14 de março d'esse anno colhiam-se as primeiras folhas nas propriedades do sr. José do

Canto, e entravam em exercicio os dois manipuladores chinezes, que a principio pretenderam guardar certo mysterio sobre os processos da manipulação.

Foi nomeado um fiscal dos chinezes, para que pudesse ir apossando se dos segredos do fabrico. Recaiu a escolha no sr. Raphael de Almeida, que, por uma singular coincidencia, é hoje collaborador d'este jornal, e residente em Lisboa.

Os chinezes, sempre disfarçados, procuravam desorientar a pessoa que fora encarregada de vigial-os. Contradiziam-se a cada momento nas explicações que davam. Era preciso recorrer a meios imaginosos para arrancar-lhes a verdade, e lembrou um. Os dois fumavam opio, e emquanto fumavam, faziam inconscientemente revelações importantes. Sonhava um com o dinheiro que tinha ganho e escondido a bom recado. Outro falava dos assumptos relativos á sua profissão, contava minudencias do fabrico, ria-se talvez dos michaelenses que queriam arrancar lhe o segredo da mais perfeita manipulação.

Dizia o primeiro:

—Com o meu dinheiro é que ninguem é capaz de dar. Tenho-o bem escondido debaixo d'aquella arca maior que está ao canto da casa. Eh! eh! quando me for d'aqui irei rico, e os de S. Miguel ficarão sem saber como é que se prepara o melhor chá.

E o segundo, como que ouvindo vagamente o outro na embriaguez do opio, completava-lhe o pensamento:

—Eu explico-lhes tudo ao contrario, de modo que

elles, em nós indo embora, não ficarão a ver chá, mas unicamente navios! Tão tolo seria eu que lhes fosse revelar um segredo da nossa raça, que constitue uma das principaes riquezas do Celeste Imperio! Esperae por isso, que tendes que esperar!

O sr. Raphael d'Almeida ouvia-os, e no dia seguinte dizia ao primeiro:

—Lau a Teng, toma conta no teu dinheiro, que tens escondido debaixo da arca maior, que está ao canto da casa. Se t'o descobrem, podem roubar-t'o, e tu deixarás de rir para ter muito que chorar. Sou teu amigo, e aviso te, impondo-te o dever de tambem seres meu amigo

Lau-a-Teng arregalava os olhos, ficava surprehendido, attonito.

Voltando-se para o outro dizia o sr. Raphael de Almeida:

—Mestre Lau-a-Pan, tu é que sabes fazer o melhor chá. Aqui o Lau-a-Teng não percebe da missa a metade. Ora tu foste contratado para ensinar tudo o que sabes, mas procuras enganar-nos, faltando á tua palavra e ao contrato que fizeste connosco. Toma cuidado, mestre Lau-a-Pan, que tambem nos Açores ha justiça, e tu estás muito longe do Celeste Imperio, de modo que o *Filho do Sol* não te poderá valer.

Lau a Pan não ficava menos assombrado do que Lau-a-Teng.

—Este homem, diziam elles cochichando um com o outro e referindo-se ao sr. Almeida, tem poder sobrenatural: adivinha tudo! E' preciso respeital-o, e obedecer-lhe.

Foi assim, por este processo imaginoso, que a perfidia dos dois chinas pôde ser combatida e vencida.

Na noite de 22 de novembro servia-se no Club Michalense chá açoriano, sem que os socios estivessem prevenidos do caso. Nenhum reclamou, porque não havia motivo para reclamar. O chá de S. Miguel é excellente, foi analysado em Pariz pelo professor Schutzenberg, do Collegio de França. A analyse dera o seguinte resultado:

Cellulose.
Resina, insoluveis, 64,3.
Alumina.
Materia gordurosa.
Teína 4,2.
Tanino 1,1, soluveis 35,8.
Materia gomosa 30,5.

Ora acontece que a maior parte do chá do commercio não contém mais de 2 a 3 por cento de teína, que é o principio activo do chá, ao passo que o de S. Miguel possue 4 2.

Um illustre par do reino açoriano, que assistiu ás conferencias do sr. José Julio Rodrigues, quiz que eu provasse o chá preto de S. Miguel. Fiquei encantado, nunca tão bom o tinha bebido. O chá verde é-lhe inferior, talvez porque Lau-a-Pan era menos perito em manipulal-o.

Pensei então no abandono a que nós condemnamos as industrias que podiam dar a Portugal uma grande prosperidade. Eu proprio nunca tinha ou-

vido falar do chá dos Açores, e, todavia, quantas vezes o haveria tomado cuidando que estava bebendo chá da China! E' que o chá preto de S. Miguel é incomparavelmente mais barato, e comtudo póde bem passar por chinez. Assim succede tambem com as laranjas de Setubal, que, no pregão de quem as vende, são sempre da China.

Dizia-me outro dia o sr. José Julio Rodrigues a respeito do chá:

—Ha uma maneira facil de converter o chá n'uma bebida deliciosissima. E' fazel-o com agua distillada, pondo no fundo de uma chavena trez ou quatro folhinhas e deixando-as abrir depois com a agua distillada, tapando a chavena.

Experimente o leitor, e verá como o chá realmente se transforma adquirindo um sabor que jamais lhe reconhecemos.

Ahi fica, em breves traços, a historia do chá dos Açores.

1891—Julho.

VI

A CRUZ DE BERNY

(CARTA AO VELHO ROMANTICO DOM GASTÃO)

Entre os livros que maior sensação produziram n'essa época, já longinqua, em que o romantismo litterario se traduzia n'uma forte corrente social, n'uma especie de dictadura psychologica a que todas as almas obedeciam, não com repugnancia, mas com essa fanatica exaltação que victíma os martyres de qualquer seita, os fieis de qualquer egreja, a *Cruz de Berny*, romance escripto por quatro das primeiras celebridades francezas, Madame de Girardin, Theophilo Gautier, Méry e Julio Sandeau, obteve um ruidoso triumpho, longamente repercutido n'uma lenta resonancia de applausos.

Em verdade, esse estranho livro, collaborado por uma pleiade de espiritos febrilmente romanticos, cheios de imaginação, opulentos d'estylo, prodigos de vibração e colorido, não era senão a addição resultante da riqueza intellectual de cada um dos seus collaboradores, o conjuncto phantastico de quatro

sonhos extravagantes que se encontraram girando sobre um mesmo pensamento, como outras tantas rodas volteando vertiginosamente sobre um mesmo eixo.

Tudo é inesperado, incerto, caprichoso n'essa famosa novella, a começar pelo titulo—*Cruz de Berny* — que o enredo não justifica e que o leitor, chegando ao fim do volume, não sabe como explicar.

Este titulo, tão imaginosamante procurado, resalta como sendo a primeira excentricidade do livro.

Quando o gosto pelo *Sport* invadiu a França, copiado dos inglezes, um dos arrabaldes de Pariz, chamado *Croix de Berny*, foi o local escolhido para o *steeple-chase*, que desde logo se tornou o divertimento elegante mais em voga.

Foi n'essa occasião que Madame Girardin, Gautier, Méry e Sandeau se propuzeram realisar uma especie de *course* litteraria, de *steeple-chase* romantico, galopando intellectualmente no hypodromo de Berny, saltando barreiras, vencendo obstaculos, largando rédeas á imaginação, como a um cavallo fogoso, n'uma vasta pista accidentada.

Tal a inesperada razão do titulo, razão que ninguem é capaz de descobrir no romance, e que apenas muito vagamente, como se fosse um enygma, poderá suspeitar-se n'esta phrase final: «Todos nós fizemos uma *course* desesperada para attingir a felicidade! Só um chegou—morto!»

Como quatro jockeis muito destros e firmes (incluindo Madame Girardin que amava o *travesti*, pois que no mundo das lettras era conhecida por

visconde de Launay), os auctores da *Cruz de Berny* guiaram galhardamente o corcel da sua phantasia, fazendo prodigios de imaginação, armando ao pittoresco e ao imprevisto, animando-se mutua e lealmente na corrida com o grito enthusiastico que symbolisava a divisa de cada um: Méry, *Pela India!* madame Girardin, *Pela Mulher!* Gautier, *Por Constantinopla!* Sandeau, *Pelo amor!*

Se acompanhardes o infatigavel *steeple-chase* dos quatro, vereis que, effectivamente, através d'essas trezentas paginas eriçadas de obstaculos e barreiras, Méry sonha com a India, que o encantou toda a vida, madame Girardin glorifica a mulher na elevação do talento feminino, Gautier é o polychromo prodigioso que descreveu Constantinopla, e Sandeau põe mais uma vez a sua imaginação aventurosa ao serviço do amor.

Todos elles, hasteando o seu motto, correm ao acaso para um desfecho *à sensation*, mas todos elles giram como n'um *carrousel*, em torno do mesmo eixo, a mulher romantica, intelligente e caprichosa, illustrada e insubmissa, que no mundo das lettras se chamava, por exemplo, George Sand, e no mundo da phantasia tomava differentes nomes como a heroina do romance, agora Iréne de Chateaudun, a rica herdeira, logo Louise Guérin, a operaria, sendo aliás a mesma pessoa.

O que é, no fundo, este estranho romance? Uma mulher. A mulher do romantismo, entenda se, um feixe de nervos aquecidos por um vulcão, a cabeça, e guiados por uma estrella, o amor. Hoje os Goncourts, Zola, Daudet, Huysmans, Maupassant

chamar-lhe-iam uma nevrotica, uma hysterica, uma doente. N'aquelle tempo dizia-se simplesmente a—mulher—porque toda a mulher era assim.

Glorificada pela edade-media na castellã que os trovadores e os cavalleiros celebravam sacrificando se até á loucura, a mulher teve a vertigem da sua grandeza e, como era natural, arrastou comsigo os homens. Foi o romantismo isso. Tudo era pela mulher n'esse tempo, como hoje tudo é pelo dinheiro... até a propria mulher. Ao romantismo succedeu o capitalismo. Sonhava-se então com uma aventura, como hoje se sonha com um syndicato.

A heroina da *Croix de Berny*, amada pelo principe de Monbert (Méry), não acha n'esse amor elegantemente aristocratico a realisação do seu ideal romantico. Precisa correr os perigos de uma paixão cheia de mysterios e aventuras. O que lhe tenta a phantasia não é o amor calmo de um principe, que a ama como quem é. mas a resolução de um enygma, que avista da janella da sua antiga mansarda de Pariz, onde habitou emquanto foi pobre. O que ella ama não é precisamente um homem, mas uma luz, sim, uma luz, que todas as noites, quando vivia na miseria, via brilhar n'uma trapeira visinha. Ora essa luz allumiava o quarto de um aventuroso rapaz, um D. Quixote parisiense, que, entre muitas heroicidades, praticára a de se reduzir voluntariamente á pobreza para valer á desgraça de um amigo. E' o conde de Villiers, isto é, Julio Sandeau. Ambos pobres, ella e elle, essa luz, para ambos mysteriosa, é o traço de união que prende as suas almas.

Fugindo ao amor do principe, como a uma paisagem que á força de ser serena se torna monotona, Iréne de Chateaudun disfarça-se em operaria, interna-se na provincia, e ahi encontra um terceiro amor em Edgard de Meilhan (Gautier), que, loucamente apaixonado, chega a abandonar o seu out'rora tranquillo castello de familia.

Acontece, porém, que são amigos os trez personagens masculinos do romance e que uns aos outros contam as peripecias da sua paixão pela mesma mulher, que com nomes suppostos os desorienta. E' finalmente o conde de Villiers, a quem o amigo pagou tudo o que lhe devia, que consegue desposal a, mas o principe de Monbert e Edgard de Meilhan, vindo a reconhecer a identidade de Iréne de Chateaudun, julgam-se ambos atraiçoados pelo conde de Villiers, desafiam-n'o, e Edgard de Meilhan mata-o em duello. Iréne, fulminada pela morte do seu noivo, morre de desgosto.

Tal é, muito em esboço, o enredo d'esta novella cheia de imaginação e de imprevisto, ás vezes forçadamente romanesca, em que as maiores excentricidades se acumulam e baralham, chegando madame Emile de Girardin a vestir phantasticamente de turco Edgard Meilhan, certamente para lisongear Gautier, que encarnava aquelle personagem, e que, como se sabe, adorava Constantinopla.

E' á India, sua predilecta, que Méry vae buscar muitas vezes, n'este romance, como em tantos outros, comparações brilhantes de pittoresco, como quando descreve o ciume dos tigres nos palmares.

Julio Sandeau foi dos quatro o que menos colla-

borou, mas, em compensação, quão vivo e imaginoso é todo o IV capitulo escripto por elle; quão palpitante de humorismo o quadro em que salva de um incendio lady Penock, uma figura secundaria, mas comicamente accentuada; quão dramatica a situação do sacrificio a que se condemnou o conde de Villiers em proveito do seu amigo Frederico!

Madame Emile de Girardin vence triumphalmente a grande responsabilidade do seu papel de protogonista E'ella que está sempre em scena e é ella que, para asssim dizer, nortea a collaboração dos outros, dando lhes a *deixa*, como se diz no theatro, proporcionando lhes o *motivo* qee elles a bel-prazer variarão nos capitulos seguintes.

E por mais caprichosas e peregrinas que sejam as *variações* de Gautier, de Méry e de Sandeau, ella, sempre com a mesma firmeza de pulso, apanha no ar as espheras de crystal com que elles se entretiveram a fazer jogos malabares.

Ha varias traducções portuguezas da *Dama das camelias*, está traduzida, em edição de luxo, a *Vida de um rapaz pobre*, não posso explicar portanto o facto de não ter sido nunca vertida para a nossa lingua a *Cruz de Berny*, que se pode considerar a torre Eiffel do romantismo, e que daria occasião a que quatro escriptores portuguezes se medissem em duello litterario com as sombras gloriosas de outros tantos escriptores francezes. Uma tal traducção seria duplamente interessante.

Meu caro Dom Gastão, ia a dizer meu caro... (o seu nome, o seu verdadeiro nome) foi por conselho seu que eu li a *Cruz de Berny*; é pois em sua

honra que eu escrevo esta carta e escreverei por ventura outras, procurando sempre um assumpto nas recordações saudosas do romantismo, de que Você é ainda hoje um representante impenitente.

1891—Setembro.

VII

ANDAR A FLAINO

(Carta a Candido de Figueiredo)

Meu caro Candido de Figueiredo:

Reli agora com muito praser, e algum aproveitamento, os seus artigos sobre lingua portugueza, coordenados em livro e em segunda edição.

Você sabe que eu me dou á leitura d'estas coisas, a que muitos chamam desdenhosamente *bagatellas*, e que o faço desde o tempo em que Camillo Castello Branco me emprestava os seus classicos, para que os eu estudasse.

O seu livro agradou-me principalmente como protesto contra esta onda, sempre crescente, de innovadores estramboticos, galliciparlas epilepticos, que, principalmente nos ultimos annos, teem posto a pobre lingua portugueza pelas ruas da amargura. Anda de rastos a pobre lingua, a pontapés de mau senso e peior educação litteraria. *Helás!* (como agora já se escreve á franceza) que miseria e que estrago!

Eu, meu caro Candido, sou, pelo que toca á lingua portugueza, e outras coisas egualmente portuguezas, um conservador moderado.

Explicarei.

Acho que a lingua deve encostar-se tanto quanto possivel á auctoridade da sua origem, e conservar os seus brasões de familia, como qualquer homem, não sendo engeitado, conserva os appellidos de seus paes.

Mas não sou um intolerante em face da natural evolução de todos os organismos vivos. Uma lingua está sujeita a modificações que o tempo acarréta inevitavelmente, porque o tempo traz factos novos, de qualquer ordem que sejam, a que necessariamente hão de corresponder palavras novas.

D'ellas, umas são nacionalisadas pelo uzo, e até pela necessidade de adopção, visto não possuirmos termo equivalente. Outras são auctorisadas pela marca da fabrica com que nasceram, como alguns neologismos inventados por Castilho e Camillo.

Não pretendo que se escreva hoje como escrevia frei Luiz de Sousa, mas não consinto que se enxote brutalmente frei Luiz de Sousa, pelo facto d'elle ter sabido e escripto a sua lingua a primor.

E' certo que nenhum de nós anda agora vestido de casaca, calção e rabicho como n'outro tempo, mas d'ahi até abandonarmos o mais opulento recheio da nossa lingua para cosinharmos uma indigesta mixordia de barbarismos acirrantes, vae uma grande differença.

Pois o que se vê é isto, a mixordia manipulada com uma extrangeirice petulante, que cobre

de escarros e salpica de lama a lingua portugueza.

Pelo que respeita á syntaxe, que é o principal ponto de vista do seu excellente livro, o que ahi se vê, bem claramente visto, é que se faz gala de despresar uma coisa que se tem aperfeiçoado successivamente desde o tempo de Fernão de Oliveira, e que por isso já é antiga: a grammatica portugueza.

Não se trata de saber se tal locução é conforme ao genio da lingua ou pelo menos á razão, isto é, se pelo menos faz sentido, logicamente; não se trata de saber como em identidade de circumstancias os bons mestres resolveram o caso e cortaram a difficuldade; finalmente, não se investiga se no thesouro escripto dos diccionarios ou no thesouro oral do povo seria possivel encontrar uma locução nacional equivalente ao estrangeirismo que se filou pelo gasnete n'um romance francez.

Mas isto póde ser escrever; não é porém arte de escrever, ou, se quizerem, escrever com arte.

E' encher papel como se enchem chouriços: ensacar phrases dentro de phrases, para escrever e andar, como os cães de Nillo, que vão andando e bebendo.

Admitto, e a consciencia me diz que o tenho feito algumas vezes, que de longe a longe, por necessidade ou ainda por variedade, se aproveite uma palavra extranha E', deixe me assim dizer, um effeito de luz que o pintor parcimoniosamente procura. Mas recuso em absoluto o systema, que hoje vae sendo contagioso, de prescindir do portuguez para, com o fim de ter evidencia ou de acobertar a ignorancia, ir acintosamente de encontro a todas os boas normas

e a toda a disciplina grammatical da nossa lingua.

Se isto pudesse ser assim, o melhor que tinhamos a fazer era fechar a porta e liquidar, porque a lingua é seguramente um dos elementos constitutivos da nacionalidade, e então era certo que estavamos a deixar de ser portuguezes.

Você, meu caro Candido de Figueiredo, protesta contra a enxurrada, erguendo na mão os melhores diccionarios e a obra dos mestres egualmente auctorisada como exemplar na pureza do dizer.

Eu quizera tambem que Você de quando em quando fizesse emergir á luz da publicidade os bons lusitanismos, que andam perdidos na linguagem das provincias, onde a nacionalidade dos costumes é mais intensa e que vantajosamente podem supprir algumas frandulagens de contrabando.

Ahi vae um exemplo.

A pag. 209 do seu livro, diz, Você, com indiscutivel verdade, que *flanear* ou *flanar* não existe em portuguez.

E' mais uma invenção dos francelhos, que nem sequer gripham o vocabulo, quando o empregam, obstando assim a que os incautos e inexperientes façam reparo na procedencia do termo, e se acautelem.

Mas, meu caro amigo, se *flanear* ou *flanar* é gallicismo encruado, *andar a flaino* ou talvez *flainar* auctorisa-se com o uso da linguagem popular fallada na nossa provincia da Extremadura.

A primeira vez que eu ouvi dizer *andar a flaino*, justamente na accepção do *flaner* francez, foi em Setubal.

Tinha-me sentado n'um banco do Passeio do Bomfim, ao lado de um velho pescador, que, como eu, gosava a viração suave do fim de uma tarde de verão.

Chegou-se ao pé de mim, a pedir me esmola, um rapasito maltrapido, de olhos ladinos e rosto trigueiro. Dei-lhe dez réis—era ainda o tempo do dinheiro — e o velho pescador, logo que o rapaz se affastou, dirigiu-me a palavra para commentar pouco favoravelmente o meu acto:

— Mal empregada esmola! Este rapaz é um vadio, que anda a flaino, envergonhando as barbas do pae.

Fez-me impressão o *andar a flaino*, que, depois de interrogado o pescador, achei ser correspondente ao *flaner* francez, isto é, andar de um lado para outro sem fazer nada

Paguei a dupla lição ao pescador, com quanto elle só tivesse em vista ensinar-me uma coisa: que era mais necessitado que o rapaz.

Propuz-me logo a tarefa de procurar nas obras de Bocage a locução—*andar a flaino*. Com trabalho e paciencia tudo se consegue. Encontrei-a no soneto intitulado *Furta côres:*

> Quando has de consentir, cruel fortuna,
> Ao magro, de olho azul, de côr morena,
> O bem de *andar a flaino*, e de ir á tuna?

Ora é verdade que José Feliciano de Castilho suspeita que este soneto não é de Bocage, entre outras razões pelo emprego da expressão *andar a flaino*, que o douto critico de algum modo censura

com esta pergunta: será o anti-bocagiano gallicismo *flaner?*

Mas é justamente por causa do *andar a flaino* que eu attribuo a Bocage este soneto.

E' expressão da sua terra, que elle ouviria muitas vezes em pequeno, e que relembraria com a mesma desvanecida saudade com que o grande Camillo empregava as expressões da provincia de Traz-os-Montes, nobilitando-as litterariamente com esta e quejandas notas: «Eu leio muito pelo diccionario inédito do povo d'aquellas provincias, que sabe a lingua portugueza como frei Luiz de Sousa (*O bem e o mal*, cap. III.)

E já que tornei a fallar em Camillo, recordarei a Você que elle tambem empregou a palavra *flaino* visivelmente no mesmo sentido de Bocage e do pescador de Setubal:

«Manuel Vieira não applaudia nem censurava as bandarrices e o *flaino* aparalvilhado do seu collega.» (*Demonio do ouro*, 1.º vol., pag. 75.)

Vem isto, e podiam vir ainda outras cousas por suggestão do seu livro, para dizer que nós remendamos a lingua portugueza por irritante ignorancia do que temos de portas a dentro. Lemos só francezes, e não ouvimos portuguezes, os instruidos e o povo, que tambem tem a sua linguagem secular não menos nacional por ser humilde.

Em bôa hora venha o seu protesto, porque póde servir de exemplo. Felicito-o, porque elle significa que Você ama a sua terra, e o que é propriedade d'ella por direito de inventario. Mas lastimal-o-hei se continuar a querer convencer os impenitentes,

que o são por systema, filho de uma commodidade muito aprasivel á ignorancia. Deixe-os em paz e vá andando; aprenda como tem feito até hoje, para ensinar depois. Não veja nomes nem homens, que é a minha philosophia; salte por cima de vaidades e de conflictos, para honrar a necessidade de trabalhar com alguma cousa que seja mais prestadia do que responder bem aos que nos querem mal. Olhe que já lá disse Gil Vicente:

Que vanas conversaciones
No traen ningum provecho.

1891—Novembro.

VIII

IMPARCIALIDADE POLITICA DE SANTO ANTONIO

Os partidos politicos — no tempo em que a politica não era um «arranjo» de occasião, mas um sacrificio sincero e por vezes heroico — punham a sua fé na protecção dos santos mais abalisados em cotação milagrosa.

Durante as ardentes pugnas entre constitucionaes e absolutistas, durante o cêrco do Porto, os miguelistas contavam com o S. João do Bomfim, os «malhados» com o S. João da Lapa, e os primeiros republicanos portuenses, porque já n'esse tempo os havia, como conta Garrett, confiavam no S. João de Cedofeita.

Ora Santo Antonio, santo de casa, o mais popular entre portuguezes, por ser tambem portuguez, não podia deixar de inspirar a devoção dos partidos militantes. E *militantes* eram em verdade, porque pugnavam com as armas na mão. Aquillo então era a valer; hoje é a fingir.

Liberaes e miguelistas se apegavam com Santo

Antonio. Uns e outros o traziam nas palminhas:— *Meu Santo Antoninho onde te porei?*

Mas o santo, sendo portuguez, não queria favorecer abertamente uns patricios contra os outros. Comtudo não lhe parecia bem conservar-se absolutamente neutral, indifferente, visto que se tratava de uma questão de familia, e elle era da familia.

Então, como homem intelligente e illustrado que tinha sido, resolveu fazer favor para a direita e favor para a esquerda, de modo que ninguem pudesse queixar-se de que um santo portuguez se fizesse surdo a clamores de portuguezes.

Os realistas contavam com elle. Os frades, principalmente, invocavam-n'o como um protector parcial. Enganavam-se. Santo Antonio não era por uns nem por outros. Era por todos, porque uns e outros eram portuguezes, e elle tambem.

Na sua cegueira partidaria, os miguelistas iam até ao ponto de propalar que Santo Antonio algumas vezes fallára em favor d'elles.

Ahi vai um exemplo.

A Chronica Constitucional do Porto, no seu numero de 13 de agosto de 1832, dava noticia de que um piquete do batalhão de caçadores 3 encontrara no sitio da Ramada Alta sete guerrilhas do exercito do visconde de Mont'Alegre, que andavam roubando os casaes.

Dos sete aventureiros miguelistas seis foram mortos pelos soldados liberaes; o setimo fugiu ferido.

Na algibeira de um dos mortos foi encontrada esta carta.

«Meu João. Alembro-te que não te esqueças do

que te disse o sr. Fr. José, que batalhasses em defesa de nosso Senhor Jesus Christo, de Sua Mãi Maria Santissima, e do Sr. Santo Antonio do Convento, que os herejes malhados querem desterrar de Portugal. Não poupes malhado nenhum, porque assim o disse o Sr. Santo Antonio á Maria Benta no dia da Percincla depois da Communhão, e nol-o contou o Sr. Fr. José, que he um Santinho, e me tem trazido sempre dinheiro para meu sustento e das crianças. Põe sempre os olhos em Deus e quando saqueares o Porto traze-me algum cordão de oiro, um xaile e um vestido de seda, não deixeis aos malhados uma palha, porque os herejes não podem possuir nada, e pela heresia, tudo fica sendo da Igreja que escomungão e do Santo Papa, que deo Bulla para nós ficarmos com o que lhe tirarmos. Deus te ajude como te deseja a tua — adeusinho — *Rosa.*»

Mas como fosse tardando um milagre decisivo, abriram-se pouco a pouco os olhos aos miguelistas. Perceberam que Santo Antonio não se queria comprometter, antes viver bem com todos. Descobriram a tactica do thaumaturgo, e diziam então, por ironia, aos malhados que se não fiassem muito no santo, porque lhes não valeria tanto que os livrasse de uma grande sova.

Tambem exemplificarei este caso, soccorrendo-me ainda á *Chronica Constitucional do Porto*, de 19 de setembro de 1832.

Transcrevo textualmente:

«Certa *Lesbia* portuense, que sempre foi exaltada liberal, mas que, na nossa ausencia, se affeiçoou

(por não perder tempo) d'um Alferes de voluntarios realistas, recebeu ha dias uma carta do seu amante. O bravo voluntario, que parece ser uma das boas columnas do altar e do throno, depois de rasgar muita baêta e de encarecer as penas que tem cortido pela ausencia do *seu mais que tudo*, remata assim: «Sou de parecer que por todos os modos possiveis te evadas da cidade, porque de duas uma: ou nós não podemos entrar no Porto, e n'esse caso não fica pedra sobre pedra, pois que a nossa artilheria ha de fazer o seu dever; ou entramos depois d'uma refréga violenta, e então o *saque é de fé*, e os excessos hão de ser inevitaveis. Em ultimo caso, peço-te que fujas do sitio por onde nós entrarmos, porque aos primeiros que se nos apresentarem nem Santo Antonio é capaz de valer.»

«Temos por certo que nenhum dos membros d'este argumento *bicorne* chegará a realisar-se. Veja-se entretanto quaes são as intenções de tal gente. Sangue, roubos, saques, abominações — eis o que entretém a imaginação da canalha miguelista. Mas em a tropa e os guerrilhas se convencendo de que não pode haver saque, porque as trincheiras não se levam assim ás mãos lavadas, e de que as bombas não produzem estragos nem atemorisam ninguem, adeus Viscondes, adeus Capitães-mores, adeus frades!!! Levam tamanha sova *que nem Santo Antonio é capaz de lhes valer.*»

Estavam as coisas n'este pé, quando uma espertalhona de Guimarães, absolutista até á raiz dos cabellos, se lembrou de pôr em cheque Santo Antonio obrigando-o a «manifestar-se.»

E' ainda a *Chronica Constitucional* (de 24 de setembro de 1832) que nos vae historiar o caso:

«Eis aqui uma anecdota que mostra, a um tempo, como teem procurado e conseguido illudir os povos; e quaes são os sentimentos *religiosos* que desgraçadamente lhes teem inspirado.

«Correu em Guimarães que o exercito miguelista entrava no Porto no dia 24 de agosto. A mulher do pregoeiro d'aquella villa (pessima mulher, com presumpção de beata), moradora á Torre dos Cães, começou a dizer em o dia 23 a toda a visinhança «que na sexta feira 24 se ia arrazar e queimar a cidade do Porto, e todos os malhados: e que ella havia de ouvir no mesmo dia a missa das almas, para que ellas ajudassem Gaspar Teixeira e sua divisão a queimar tudo.» — Com effeito na sexta feira de madrugada, a *boa* mulher accendou uma vella a Santo Antonio, e partiu para a missa...»

A beata da Torre dos Cães era esperta, mas Santo Antonio ainda o foi mais, o que aliás não admira.

Apertado entre a espada e a parede, Santo Antonio desentalou-se habilmente.

Sabem o que aconteceu?

Referindo se á solerte vimaranense, continúa a *Chronica:*

«...passado pouco tempo vão os visinhos chamal-a para acudir ao fogo em sua casa; e como ali não tocam os sinos a fogo, ardeu lhe tudo, sem poder salvar um só traste.»

A lição foi mestra. A beata queria incendiado o Porto com o auxilio de Santo Antonio; e o incen-

dio lavrou mas foi na sua propria casa. Toma! Bem feito!

Pena tem a gente, ás vezes, de não ser santo... para castigar assim.

1895 — Maio.

IX

CHRYSÁNTHEMOS

O chrysánthemo, continuando na sua marcha de triumpho, foi agora receber as homenagens dos portuenses, em plena glorificação no Palacio de Christal.

Parece uma celebridade que faz a sua *tournée*, como Sarah Bernhardt, como Novelli, arrancando applausos, conquistando ovações.

E' um potentado do Oriente, um principe do Japão, ás vezes vestido de oiro, como na *Boule d'or*, outras vezes flammejado de purpura, como na *Aida*, suas bellas variedades; adorado pela *Imperatriz Primavera*, biographado por Loti, um academico de França, é a flor da moda na Europa elegante, admirada pelas mulheres, cantada pelos jornaes.

E, comtudo, este maravilhoso principe do Oriente tem em Portugal umas obscuras primas, burguezas e modestas, que vivem nos quartos andares em vasos de barro e que apparecem nos passeios publicos misturadas com a charra hortensia, a flor patarata de todos os arraiaes saloios.

São as meninas *Despedidas de verão*, que, com o seu vestidinho de chita barata, e os seus brincos falsos, nem sequer ousam ir cumprimentar o magestoso parente, que certamente as não quereria reconhecer.

Em Lisboa deu-se o caso notavel de estar o chrysánthemo do Japão sumptuosamente hospedado no palacio da Escola Polytechnica, e das meninas *Despedidas de verão*, suas primas, não passarem do Jardim do Principe Real, onde eu proprio as vi n'um canteiro a contarem o numero de trens que passavam para o beija mão do seu augusto parente.

Ha destinos bem differentes dentro da mesma arvore genealogica!

Ao passo que as *Despedidas de verão*, anemicas, pallidas, rachiticas, parece terem nascido fadadas para viver n'uma trapeira ou n'um caixote de pinho, o chrysánthemo do Japão, magestoso e forte, bellamente colorido, altivo e brilhante, veio ao mundo para ser admirado e para cingir uma coroa, a coroa do outomno, como diz Alphonse Karr, o cortezão das flores.

Mas não pára decerto aqui a alta predestinacão do chrysánthemo, que, florindo no fim do estio, como que estava reservado para ser a flor symbolica de todos os amores tardios, que luctam entre o fogo de uma primavera extincta e o gelo de um inverno proximo.

Aqui está talvez a razão por que o chrysánthemo encontrou tão rapidamente uma acceitação universal, no Levante e no Ponente, na Asia e na Europa, proclamando-se rival da encantadora rosa, que

é a flor da primavera, a divisa dos novos, o symbolo dos corações ricos de seiva e palpitantes de sangue vigoroso.

Dividindo entre si o imperio do amor, o chrysánthemo e a rosa ficaram symbolisando toda a ampla historia do coração humano, representando a profunda psychologia das almas deliciosamente atormentadas pela tempestade de uma paixão ardente.

A rosa, posta sobre o peito dos novos, canta um hymno de esperança, parece brotar d'entre chammas, como se florisse na cratéra de um vulcão em actividade.

O chrysánthemo, enflorando a *boutonnière* dos velhos, nasce de cinzas quentes, que soluçam a doce melodia da vaga ao expirar amorosa sobre a areia loira.

A rosa perfuma os canticos dos jovens poetas com a fina essencia capitosa, que parece ter sido destinada para as estrophes e para os lenços, por igual rendilhados.

Aqui tenho eu, deante de mim, o livro de um novo, o *Livro da minha alma*, de Luiz Guimarães Junior, o successor de uma lyra de ouro; e o aroma que se exhala d'essas paginas em flor, cheias de mocidade e de fé, é o aroma vivo, penetrante da rosa, que desabrocha em abril.

Do altar do Amôr já muito pouco disto...
Vejo na aurora que a neblina encobre,
A doce amada que entre os céus avisto,
Qual Circe linda a cujo olhar me dobre.

E é esse o premio que a sorrir conquisto...
Gosto da Infancia, tenho amor ao pobre,
Mas faço ainda este pedido nobre,
Oh! meu sublime e incomprehendido Christo!

Se ella soltar esta innocente queixa:
Que eu não a adoro e que a não amo... oh! deixa
Sentir-lhe a voz de beijos suffocados,

E nos seus olhos a brilhar incertos
Lêr o que dizem quando estão abertos,
Lêr o que pensam quando estão fechados.

E' a rosa do amor a florir e a cantar em plena primavera da vida sobre a batina de um estudante de Coimbra, em cuja bocca um ligeiro buço de adolescente não póde encobrir sorrisos de felicidade, nem abafar hymnos de esperança.

Mas ainda ha poucas horas encontrei, no polo opposto, o chrysánthemo do outomno, vicejando sobre os destroços de uma primavera longinqua, bello ainda no colorido da expressão, mas privado do aroma que perfuma a corolla, o pequenino *boudoir* da rosa primaveril.

E' outro poeta que falla, mas triste e solitario, carpindo-se de que já vá tão adeantada para elle a estação invernosa, que até as creanças, as rosas do jardim da infancia, a mão da Fatalidade lhe desfolha, para deixar apenas de pé o chrysánthemo, que nasce tarde, na gleba esfriada pelo gêlo.

E' Bulhão Pato que, no Monte de Caparica, chora

a perda de uma creança querida, que todos os dias costumava ir cantar debaixo da sua janella uma mandolinata feita de gorgeios matutinos.

Parece que os versos do poeta passam através de um chrysánthemo de oiro, como a *Boule d'or*, mas frio, porque o inverno proximo o arrefece, e desprovido d'esse gasto aroma, que subiu alto, e se dispersou no azul, talvez perto das estrellas.

Não vás para a valla escura;
Vem para o meu coração;
Vem, que n'esta sepultura
De tantos sonhos passados,
Inda os mortos adorados
Vivem da minha paixão!

Vivem da minha paixão, dos tempos idos em que a *Paquita* nascia, vivem em novembro como o chrysánthemo, o chrysánthemo, a corôa do outomno, a flôr symbolica dos amores tardios, que luctam entre o fogo de uma primavera extincta e o gêlo de um inverno proximo...

Quem é que não teve no coração uma rosa, em abril, na primavera da vida, na estação do sonho e do idillio, uma rosa de pétalas carminadas, rescendente de inebriante perfume?

Mas quem é que não encontrou já tarde, entre as ruinas do sonho e os destroços do idillio, um chrysánthemo outomniço, o ultimo sorriso da vida desenhado no corolla de uma flor retardataria?

Pierre Loti deu o titulo de *Madame Chrysanthème* a um dos seus livros.

Madame, está certo. Nem podia ser de outro modo.

A' rosa cabe, porem, o tratamento de *mademoiselle,* porque nenhuma outra flor traduz melhor do que á rosa a alegria, a graça, a frescura da mocidade.

Madame Chrysanthème, sim, porque tambem nenhuma outra flor traduz melhor do que o chrysánthemo o sonho de uma sésta de amor, quando o sol já vai alto, e as sombras da noite começam a descer do cimo de montanhas geladas.

Que os novos tenham paciencia, e fiquem esperando pelo regresso da primavera, porque aos novos não deve ser penoso esperar, visto que ainda ha pouco começaram a viver.

Agora, o momento é dos velhos, são elles que celebram a festa do chrysánthemo com o enthusiasmo de quem, chegando ao quinto acto da vida, reconhece que as actrizes do seu tempo foram mulheres encantadoras, que ainda valem uma ovação.

Vem ahi Sarah Bernhardt, que tambem decerto tomará logar no cortejo do chrysánthemo.

Quando ha annos ella esteve em Lisboa, mr. Damala tinha-lhe offerecido uma rosa, que a grande actriz viu queimar-se no calor do seu proprio coração.

O que foi feito d'essa flor sêcca, ninguem sabe. Mr. Damala partiu, não sei para onde e, ao contrario das andorinhas errantes, não voltou.

Sarah Bernhardt chega de novo a Lisboa, na época dos chrysántemos, e será essa, provavelmente, a flor capaz de traduzir o que se passa no coração

de uma grande artista, onde a paixão resuscita todas as noites e um polvilho de neve começa a cair levemente, annunciando o inverno da vida.

Pois bem. Enfeixemos um *bouquet* de chrysánthemos para depôr aos pés de Sarah Bernhardt.

1895. — Novembro.

X

CONTRATOS DO CORAÇÃO

Apesar de estarmos n'um periodo de penitencia, a dois passos das Endoenças, o Amor, este eterno pagão de todos os paizes, não perde pitada.

Ainda ha momentos li eu, n'um jornal do Alemtejo, a pequenina historia d'uma galanteria amorosa implantada em Montemór-o-Novo no domingo de Ramos.

E' a dos contratos do coração. Sabem ?

Vou transcrevel-a, que são poucas linhas:

FESTA DOS RAMOS

«A'manhã, na egreja Matriz, realisa-se esta tradicional festa, dedicada aos *novos*

«N'este dia, á entrega do ramo bento, são firmados os chamados contratos do coração.

«Quantas alegrias e felicidades se disfructam pelo fiel cumprimento d'essas escripturas ?...

«E quantas desillusões e miserias?...

«Mas... são costumes.»

Naturalmente a troca de ramos estabelece entre um rapaz e uma rapariga um contrato de escravidão amorosa.

Foi o ramo offerecido e acceito? Pois bem! o contrato fica lavrado: devemo-nos reciproca lealdade; seremos fieis um ao outro — palavras tabelliôas dos contratos de amor.

Mas ás vezes, como acontece em muitos outros contratos, não é respeitada a escriptura, e o peior é que, no amor, o lesado nem sequer pode voltar-se para a Boa Hora, aggravar para a Relação, recorrer para o Supremo.

Se apitar, não lhe acudirá ninguem, nem a policia, nem a guarda municipal, ninguem.

Por isso figuraram talvez os antigos o amor n'um menino alado.

Como a creança, tem caprichos indomaveis, e quando bate as azas não ha meio de lhe deitar a mão.

A este respeito sinto-me tentado a contar-lhes um caso tão authentico como o diluvio universal e a guerra de Troya.

Era uma vez uma actriz.

Chamava-se Leontina.

Não seria este o nome que lhe puzeram na pia do baptismo. Uma collega dizia malevolamente que o verdadeiro nome d'ella era Engracia de Jesus, segundo resava a certidão de idade que mandára tirar por vingança de qualquer conflictosinho de bastidores. E quando fallava a seu respeito dizia sempre: a Engracia.

Mas o cartaz, que fallava mais alto, porque fallava para todos, dizia: Leontina.

Engracia ou Leontina, o que é certo é que ella nascêra mais para Leontina do que para Engracia.

E foi ella mesma a primeira a reconhecel-o, porque lendo uma vez certo romance em voga, e encontrando ahi o nome de Leontina, convenceu-se de que esse nome lhe ficaria tão bem como o ultimo chapeu que comprára.

No dia seguinte, quando se foi contratar com o empresario, poz o chapeu de Pariz na cabeça e o nome de Leontina na escriptura.

Ficou encantadora, porque só um nome bonito lhe faltava para o ser completamente.

Leontina lembrava o que quer que fosse de leoa... Ella tinha, effectivamente, alguma coisa de féra: despedaçava corações, dilacerava peitos apaixonados, espesinhava illusões e esperanças.

Mas, tal como a leoa amorosa, ás vezes tornava-se féra mansa, submettia-se, escravisava-se voluntariamente... por pouco tempo.

N'essas occasiões deveria chamar-se antes Columbina.

Accusavam-n'a de leviana. Na sua vida de actriz tinha sempre dois repertorios: o das peças e o dos amantes. E estes dois repertorios estavam appensos um ao outro: se mudava de peça, mudava de amante.

Uma vez appareceu no camarim de Leontina um rapaz de familia ingleza, que lhe fôra apresentado e que lhe offerecera uma rosa de estimação.

Era tão correcto e pautado de maneiras, que daria á primeira vista a impressão de ser frio.

Os seus amigos diziam-n'o um vulcão coberto de gelo, como os da Islandia.

A rosa foi acceita por Leontina com um sorriso: estava lavrado o contrato, como os dos rapazes e raparigas de Montemór-o-Novo quando em domingo de Ramos trocam flores na egreja.

E' certo que a actriz apenas sorrira, mas os seus sorrisos eram rosas... caras.

Havia n'esse rapaz, que talvez se chamasse John como todo o bom inglez, alguma coisa de novidade para Leontina: o seu caracter primoroso, as suas maneiras gentis.

Os outros sempre mais ou menos davam pretexto a que ella se desfizesse d'elles.

Para esses, Leontina encontrava facilmente uma phrase justificativa:

— O sr. offendeu-me hontem.

Ou então:

— O sr. não é precisamente o homem que eu desejava ter encontrado.

Equivalia a um mandado de despejo, que alguns parecia não quererem comprehender.

Mas Leontina, n'essas occasiões, constituia-se em tribunal: sentenciava, e o réo, ainda que estivesse innocente, tinha que submetter-se.

E não era ella mulher que se incommodasse muito com as cartas amargas que os despeitados pudessem escrever-lhe depois.

Li as, rasgava-as e costumava dizer comsigo mesma n'um tom de profundo desdem:

— Sempre o mesmo estylo! Hontem, um apaixonado; hoje, um lacaio.

John, entrincheirado na sua galanteria serena, muito britannica, prendera Leontina por mais tempo do que seria de esperar.

Era uma novidade na sua vida.

Alguns dias assaltara-a, vagamente, a ideia de mudar de amor, pois que já tinha mudado de chapeu e de peça, quatro ou cinco vezes, sem mudar de amante.

— Mas este homem não me dá um pretexto! exclamava Leontina, quando se reconhecia bella deante do espelho.

John chegava, offerecia-lhe uma flor, pousava-lhe um beijo na testa, como se se tratasse de uma primeira entrevista.

— Como hei de eu dizer a este homem, pensava Leontina, que elle já alguma vez não foi bastante delicado comigo!

Um bello dia, depois de ter comprado um chapeu novo, Leontina sentiu mais que nunca a suggestão da novidade.

— E' do chapeu! disse ella de si para si, desculpando-se.

E o chapeu completou a sua obra revolucionaria convidando-a a mudar de rumo no amor, sem que ella tivesse comtudo a coragem de despedir officialmente a Gran-Bretanha.

John veio a sabel-o. Em vez de recorrer a uma folha de papel, para despedir-se segundo o estylo dos outros, enviou lhe uma linda rosa, tão bella como a primeira que ella acceitára, e enviou-lh'a com um cartão de visita em que escrevera estas simples palavras:

«Tenho a honra, Leontina, de lhe offerecer a minha ultima rosa »

Quando Leontina a recebeu, em vez de desfolhal-a, como teria rasgado uma carta, foi pôl-a n'uma pequenina jarra de Sevres, que lhe tinham dado n'uma noite de beneficio.

A rosa emmurcheceu, seccou, mas ficou ali.

Era como um pequenino cadaver mumificado.

Desde essa epoca, Leontina adoptou uma nova phrase para despedir cada amante que começava a aborrecer-lhe:

—Ah! decididamente, John foi o homem mais amavel que tenho encontrado em toda a minha vida!

Seguia-se, naturalmente, uma scena de ciume. E... rua.

Uma noite, Leontina, que não entrava na peça, tinha ido para uma frisa.

Rodeiavam-n'a quatro ou cinco dos seus admiradores. Conversavam, riam. Ella parecia triste.

Depois do primeiro acto, John entrára na platéa.

Procurou a sua cadeira: ficava proxima á frisa de Leontina.

John viu a actriz, cumprimentou-a gravemente, sentou-se, e nunca mais tornou a volver os olhos para procural-a.

Leontina mudou de humor: ria por tudo e por nada. Mostrava-se alegre, jovial, a ponto que um dos seus companheiros de frisa lhe dissera com azedume:

—Estás hoje nas tuas noites de «bôlha», Leontina!

Ella pensou então:

—De «bôlha»! Aquelle homem que ali está não seria capaz de me dizer isto.

E Leontina continuou a rir, a rir muito, a rir sempre, por tudo e por nada.

D'ahi a dois dias John recebeu este bilhete de Leontina:

«Estou muito doente. Pedia-lhe o favor de vir vêr-me.»

John não se fez esperar e encontrou Leontina muito aborrecida, sentada n'uma *chaise-longue*, com trez ou quatro romances postos sobre o *guéridon*, como se todos quizesse lêr e nenhum tivesse aberto ainda.

—Ah! disse elle ao vêl-a. Folgo de que não esteja tão doente como decerto imaginou, quando teve a bondade de me escrever.

—Doente, talvez não, talvez sim. Aborrecida, muito, isso muito. Sabe que mais?

—Dir-me ha.

—Faz-me falta um bom amigo.

—Pergunte ao seu espelho, Leontina, se essa phrase poderá ser verdadeira.

—Faz-me falta... o senhor.

—Eu!?

—Sim, porque é o homem mais amavel que eu tenho encontrado na minha vida.

—Não seja lisonjeira, Leontina.

N'este momento entrava uma amiga da actriz, sua collega de outro theatro.

John ergueu-se, estendeu a mão a Leontina e disse com uma tranquillidade glacial:

— Desejo immensamente a continuação das suas melhoras, minha bôa Leontina.

Logo que elle voltou costas, a collega de Leontina, aproximando-se d'ella, quasi a fallar-lhe ao ouvido, perguntou-lhe:

— Então isto reatou-se?

Leontina suspirou, pegou n'um livro, folheou-o distraídamente, e disse um momento depois:

— Para os corações leaes o amor é uma coisa impertinentemente séria! Este homem é tão amavel, que não ousou recordar-me ainda esta verdade. Mas é certo que não voltará.

— Tens razão, filha, os homens são tão grosseiros, que se não pódem aturar! O meu fez-me uma grande scena esta noite.

— Com razão? perguntou Leontina ironicamente.

— Não! nunca!

Leontina ergueu-se da *chaise-longue*, estendeu os braços espreguiçando-se, e disse, perfumando a phrase com um sorriso triste:

— No fim de contas, eu não tenho motivo para queixar-me. John bateu as azas: é o que eu tenho feito muitas vezes.

— Com razão? perguntou a outra pagando-se da ironia.

— Com razão... desde que John me foi apresentado, porque nenhum homem o pôde igualar ainda em gentileza de maneiras.

Este caso é uma lição, um exemplo, aliás confirmado pelo jornalista alemtejano, que pôz estas palavras no seu jornalsinho:

«E quantas desillusões e miserias?...

«Mas... são costumes.»

E' que o mundo de Montemór é como o mundo de toda a parte,

As flores trocadas na egreja em, domingo de Ramos, são contratos que muitas vezes se rasgam.

Pois bem! é o que toda a gente tem feito alguma vez na sua vida: rasgar um contrato.

XI

A BRÔA

I

Durante a semana appareceram em alguns jornaes epistolas tendentes a recommendar o uso do pão de milho como vantajoso para a alimentação publica.

Até agora, o sul do reino chamava com certo desdem *broeiros* aos habitantes do norte do paiz, especialmente aos do Porto. A familia de Camillo Castello Branco, oriunda de Villa Real de Traz-os-Montes, recebeu a alcunha de *Brocas* posta em Coimbra a Domingos Correia Botelho, e «bem ou mal derivado, explicou o grande escriptor, o epitheto *brocas* vem de brôa.»

Portanto a designação de broeiros, que pretendia ser ridicula, galgou para além do Porto, e alcançou todas as provincias septentrionaes onde o uso do pão de milho está tradicionalmente generalisado.

Mas o que foi que determinou o alvitre dos au-

ctores d'aquellas epistolas? Toda a gente o sabe. Foi a insufficiencia do trigo nacional para o consummo publico; o elevado direito de importação estabelecido pelo governo sobre o trigo extrangeiro; e a exorbitancia do prémio do oiro com que este trigo tem de ser pago nos paizes exportadores.

Então lembrou o recurso ao pão de milho como salvatério. E assim como um doente em perigo quer mudar de travesseiro, para vêr se encontra algum descanço no leito, pretende-se que o paiz mude de alimentação, para não morrer de fome, por não ter bastante trigo nacional, nem oiro para pagar a importação do trigo extrangeiro.

O sul, clamante e apprehensivo, volta-se para o norte do paiz e pede que lhe acuda com a sua brôa.

Se o alvitre indicado fosse acceito pelos povos do sul, o que não seria facil de conseguir, teriamos que a mudança de alimentação acarretaria uma transformação nos costumes, nas idéas e disposições do paiz, porque, segundo o testemunho da sciencia, a alimentação influe nos actos da vida psychica pela acção directa que exerce nos orgãos essenciaes á economia animal.

O lisboeta, conhecido no norte do paiz pela designação ironica de *alfacinha*, passaria, se o alvitre pudesse ser adoptado, a ser *broeiro* como o minhôto, o transmontano e o beirão, e d'ahi lhe proviriam certamente idéas, aptidões e sentimentos differentes d'aquelles que téem até hoje constituido a sua differenciação com os povos do norte do paiz.

Mas o habito fórma uma segunda natureza, e Lisboa, que está habituada ao pão de trigo, não

acceitará facilmente o uso da brôa de milho, com que não foi educada, a não ser que lhe seja imposta, n'um caso extremo, pela força da legislação como o caldo negro aos habitantes de Sparta.

E' certo que entre as familias gradas das provincias septentrionaes, o *molléte*, pão molle, como lá chamam ao pão de trigo, já ganhou terreno, suppiantando quasi a *bróa*, mas o povo d'essas provincias continúa a alimentar-se de pão de milho, e só n'um dia de festa se permitte, como gulodice, cravar o dente no «pão alvo», outra designação vulgar do *molléte*.

Já no seculo XVI era tão raro o consummo do pão de trigo no Alto Minho, que o foral dado por D. Manuel á villa de Monção não o considerava uma fonte de receita para o cofre do concelho;— por isso de cada fornada de pão bregado (talvez rala) e de callo (mistura) que se vendesse na praça, mandava cobrar um real; «porque de pam molléte não pagarão nada.» A base do consummo do pão era, pois, o milho, e por isso sobre elle incidia o respectivo imposto de real por cada fornada.

Alimentado pela brôa, o homem do povo no norte do paiz, cavador ou artifice, differe profundamente nos costumes e sentimentos do maltez ou do operario das provincias meridionaes.

E' forte, resistente, valoroso, e tão soffredor que não exige ter *bróa* fresca para a sua alimentacão quotidiana. Ordinariamente os operarios de construcção, no Porto, voltam de casa na segunda feira, de madrugada, e trazem dentro de um sacco a *bróa* que hão de comer durante toda a semana. Da

taberna apenas gastam a sardinha assada e o caldo verde. Nos ultimos dias da semana o pão está secco, mas assim mesmo o comem. E quando recolhem a casa, no sabbado ao anoitecer, vão encontrar a mulher preparando a nova fornada de que elles se hão de alimentar na semana seguinte.

Tudo vae bem para o trabalhador do norte emquanto o milho não encarece. Quando este facto se dá, a fome ameaça-o, e o motim popular não tarda. Assim aconteceu no Porto, ahi por 1856, quando a carestia dos cereaes alvoroçou o povo, que largou a cantar em grande algazarra:

Viva D. Pedro V!
Vinho a pataco e milho a pinto!

Que tempos aquelles!

O povo, ameaçado de perto pela fome, e temendo-a, revoltava-se, mas, na revolta, dava vivas ao rei. Hoje, o diccionario do povo não tem palavras amaveis para exprimir a indignação e a ironia

E' certo que o trigo, rico em gluten, possue propriedades alimenticias superiores ao milho, mas não padece duvida que o trabalhador do norte do paiz, que só do pão de milho se alimenta, é sádio e robusto, seja pelas condições da sua propria existencia ou por selecção de raça, ao passo que o trabalhador do sul, alimentado a trigo, se fizermos excepção do cartaxeiro, que é um typo de robustez e actividade, lhe fica muito inferior em faculdades de trabalho.

A alimentação dura e parca enrigece o caracter,

torna o homem forte para resistir ás tentações dispendiosas. O trabalhador do Douro e do Minho não applica as suas economias senão ao ouro, porque ouro é o que ouro vale. Não compra fundos portuguezes, porque mudam de cotação. E' pratico. Se precisa vender o cordão ou as arrecadas de ouro, que são da mulher, apenas perderá o feitio; o peso não varia como as cotações dos fundos. Não vai ao theatro, a não ser de graça, quando os *reigeiros* representam autos pelo Natal para se divertirem uns aos outros

Que o pão de milho, por isso mesmo que possue materias gordas, satisfaz plenamente ás necessidades da alimentação, prova-o á evidencia o povo do norte, que d'elle se nutre, e de pouco mais.

So na doença é que os lavradores e os operarios d'aquella região comem *molléte*, aconselhado pelo medico, por ser de mais facil digestão. Logo que a saude volta, volta com ella o regime da *brôa*.

Pode affoitamente dizer-se que todos os homens notaveis das provincias do norte ja hoje mortos ou velhos, foram educados na alimentação da *brôa*. Passos Manuel, filho de um lavrador de Bouças, não comeu na infancia outro pão. E na sua legislação ha o que quer que seja de forte e salutar como o pão de milho. Na litteratura, Camillo, que foi educado em Traz-os-Montes e viveu no Minho, Arnaldo Gama, que residiu sempre no Porto, são dois exemplares magnificos de que o estylo é o pão que se come. Camillo, se se lhe toma o verdadeiro sabor, nem é o pão francez, nem o pão de Meleças, nem o molléte nacional; é o miolo da brôa

aperfeiçoado n'uma cosedura habil, e cosido n'um forno bem quente; Arnaldo Gama é a brôa encodeada, mais dura, mas saborosa e nutritiva.

Herculano, com ser alfacinha, nada e creado em Lisboa, parece na rigesa do estylo e na solidez dos conceitos um escriptor educado a *bróa* Isto tem explicação. Elle viveu alguns annos no Porto, onde foi bibliothecario, além de ter comido o pão negro do Cêrco desde 1832 a 1833.

Se me fornecerem prosa de trez escriptores do Porto e de trez escriptores de Lisboa, occultando os nomes dos auctores, aposto que vou dizer sem hesitação onde é que está o trigo (ainda que o trigo tenha joio, o que frequentemente acontece por cá) e onde é que está o milho, quaes escriptores são de Lisboa e quaes do Porto.

Pelo que respeita aos poetas, parece-me poder asseverar que no *Firmamento* de Soares de Passos se reconhece á primeira vista a farinha do milho que alimentou o poeta. Junqueiro, na satyra politica, é um *broeiro* escodeando as instituições para as mastigar melhor. Nos epigrammas e ironias de Tolentino ha um «palhinha» de dicção só compativel com a digestão branda do pão trigo em torradas. A satyra do Juvenal lisboeta agrada ao paladar, mas derrete-se como a manteiga. E Garrett? perguntar-me-hão. Garrett era portuense, e quando comeu a *brôa* dura no quartel dos Grillos, fez o *Arco de Sant'Anna;* quando digeria o pão alvo de Lisboa, escreveu as *Viagens na minha terra.*

Ahi fica a resposta, sem cercear a nenhuma d'estas duas obras o seu valor real.

A fabricação da *brôa* no Porto exige um pessoal sadio e robusto, alimentado por ella. São as camponezas de Crestuma e Avintes que a padejam, passando noites inteiras ao calor do forno em chammas; foram ellas mesmas que fizeram a amassadura; foram ellas, tambem, que conduziram, através dos montes, o milho ao moinho; são ainda ellas que remando os seus barcos, com uma esbelta solidez de movimentos, vão levar a *brôa* ao mercado na cidade.

Em Lisboa, as machinas de moagem farinam o trigo, que vai ser descarregado á porta do padeiro. Mas para amassar a farinha e forneal-a, para o trabalho mais duro de toda a panificação, são chamados os beirões, os transmontanos, os minhôtos, rapazes fortes como sovereiros, tão fortes e alegres, que depois do trabalho se divertem pulando com uma viola na mão.

Ora os alvitres propostos parecem-me illusorios, porque os habitos adquiridos pelo corpo tornam-se ainda mais tenazes que os do espirito. Seria tão difficil habituar Lisboa a comer a brôa de milho, como acostumar o Porto a almoçar fava-rica ou burrié. Succede até que o minhôto, se durante alguns annos deixou de alimentar-se a pão de milho, já não consegue voltar a essa alimentação. Os *brazileiros* do Minho, que foram creados com a brôa, rejeitam-n'a quando regressam á patria. E' um facto todos os dias presenciado n'aquella provincia. O «pão nosso de cada dia» é não só a mais urgente necessidade da alimentação publica, mas tambem o mais inveterado de todos os habitos.

Estou convencido de que pedindo o «pão nosso de cada dia» cada um pede o pão que está habituado a comer, e não outro.

1896 — Dezembro.

II

Meu caro sr. Trindade Coelho: Teve v. ex.ª a amabilidade de me escrever cinco cartas *sans voyelle*, como agora estão fazendo em França alguns litteratos engenhosos, com a differença de que a vogal supprimida por v. ex.ª era justamente... uma consoante. Refiro-me ás cinco variedades de pão transmontano, com que me presenteou, e nas quaes o «milho» era o cereal supprimido. Escuso dizer-lhe que me regalou a sua amavel lembrança, e a achei muito mais saborosa do que as epistolas *sans voyelle* com que o *Petit Journal* está engenhosamente provando a existencia de uma litteratura «fim de seculo».

Pois, meu presado amigo, quando vi deante de mim os cinco specimens de pão transmontano, honestamente vestidos de burel, como v. ex.ª disse com muita propriedade, entrei a crêr que essa singelesa de *toilette* e a face morena do pão do Mogadouro haviam forçosamente de crear homens muito differentes, no pensar e sentir, dos que se alimentam com mimoso pão alvo de trigo fino.

Porque a verdade é que até o pão-trigo de Traz-os-Montes, solidamente enrolado em carôlo, faz uma differença enorme do molléte que os nossos buro-

cratas *lancham* ahi pelas repartições, com recheio de linguiça.

Sempre os transmontanos tiveram fama de valentes, e não admira. Pão duro, volto á minha, faz homens fortes e robustos. A população rustica de Traz-os-Montes é capaz de, gingando um cacete, varrer uma feira. As damas que ao serão comem bolo de azeite em vez de bolacha Maria, são florentes de boas côres e boleiadas de formas esculpturaes. Os escriptores alimentados a pão de centeio e carôlo de trigo, não podem ter um estylo desnervado, nem uma linguagem molle. E a prova, meu presado amigo, está em v. ex.ª mesmo.

Não sei se foram os provincianos do norte que puzeram aos peraltas alambicados de Lisboa a alcunha diminutiva de *pãesinhos*. Mas olhe que é uma definição; uma synthese. Quanto ás damas alfacinhas, que não comem ao chá bôlo d'azeite nem ao jantar carôlo de trigo, ahi as tem v. ex.ª no Chiado para se desenganar de que florescem menos, no colorido e no boleio, do que as portuguezas de Traz-os Montes.

Pelo que respeita á arraia-miuda, ao *Zé-Povinho*, como dizemos hoje, olhe lá se elle ginga, nas desordens, um cacete. Qual! Mette na manga da jaqueta uma navalha, com um gesto certeiro puxa-a até á palma da mão, segura-a entre os dedos, e crava-a á falsa fé.

Admiram-se em Lisboa de que os faquistas de maior polpa sejam uns «fracas figuras». Pudéra! Uma navalha peza pouco. E para dar um golpe não é preciso ser valente; basta ser cobarde.

Os transmontanos, que comem pão de centeio, os minhôtos, que comem pão de milho, até na malquerença são leaes. Erguem o varapau á luz do sol, para que se veja bem, fazem-n'o zenir na esgrima, para que todos oiçam, e só depois se julgam auctorisados a desmiolar a cabeça do adversario.

E' a força, a coragem, a nobresa do duello: aqui vou eu; defende-te lá.

Um amigo meu, natural de Lisboa, objectou-me que a minha asserção, de que o estylo é o pão que se come, naufragava no padre Antonio Vieira, que no escrever parecia creado a pão duro, sendo aliás alfacinha por nascimento.

E' verdade que sim; mas uma excepção confirma a regra. Comecei depois a procurar qualquer outra excepção, e não a encontrei.

Ora o mesmo padre Vieira ligava ao pão tamanha importancia, que chegou a dizer do pulpito abaixo: «Lançae os olhos por todo o mundo, e vereis que todo elle se vem a resolver em buscar o pão para a bocca.» Se para mim o pão é o estylo, para o grande Vieira era a vida.

«Que faz o lavrador na terra, perguntava elle, cortando-a com o arado, cavando, regando, mondando, semeando? Busca pão. Que faz o soldado na campanha carregado de ferro, vigiando, pelejando, derramando o sangue? Busca pão. Que faz o navegante no mar, içando, amainando, sondando, luctando com as ondas, e com o vento? Busca o pão.»

E' certo que o padre Antonio Vieira nasceu em

Lisboa e se creou a pão alvo, mas não é menos certo que andou pela Europa e pelo Brazil comendo o «pão que o diabo amassou». Não póde haver pão mais duro.

Dos habitantes do Minho, Douro e Beira Alta, que se alimentam a pão de milho, os que eu conheço melhor são os do Minho e Douro.

Em pequeno, regalava-me de andar, no estio, por umas serras fragosas em companhia dos pastores da minha idade. Durante horas consecutivas comiamos um naco de brôa e uma cebôla crua. Era um manjar! Perdão, eram dois manjares. Os pastores cantavam, não tristezas á maneira de solau, que, como diz Bernardim Ribeiro, «era o que nas cousas tristes se acostumava», e ainda menos as melancolias chorosas do *Fado*. Não, senhor!

Pendurados sobre rochedos imminentes á corrente tôrva do Douro, lages escorregadias como Tarpeas, os pastores da minha idade implicavam, cantando improvisos dicazes, com os marinheiros dos barcos rabêllos, que do meio do rio, ao compasso vigoroso dos remos, lhes respondiam a ponto, em genitivo de injuria.

Vida aspera, mas alegre, que se não parecia absolutamente nada com a do proletario ou do vadio de Lisboa, pendido sobre a guitarra, ao fundo de uma taberna do Bairro Alto ou d'Alfama, a repenicar o *Fado* entre decilitros de Torreano e buchas de pão trigo—com a navalha sempre na algibeira, para o que der e vier.

Os povos de Traz-os-Montes e da Beira Baixa, que se alimentam a pão de centeio (salvo em Traz-

os-Montes os da Regua e ainda os de Villa-Real que tambem comem pão de milho, o que v. ex.ª explica, e a meu vêr muito bem, por estarem mais visinhos do Douro) conheço-os menos, mas sei-lhes da fama de valentes, e ahi temos visto em Lisboa, no parlamento, alguns exemplares de raça fina, que até falando usam cacete oratorio, e empregam tropos rijos como arrôchos.

Nas provincias do sul predomina o trigo, e vê-se bem. O sul não faz revoluções; quando muito faz tumultos. Gomes Freire quiz implantar o constitucionalismo com homens do sul, e tropeçou... n'uma sentença de morte. Foi do Porto que veio a revolução liberal, posta em obra. Foi do Minho que veio a *Maria da Fonte* A *Janeirinha* e o «31 de janeiro» tambem vieram do Porto. E no principio do seculo, o Junot, que entrou pelo sul, ficou; para expulsar de vez os francezes foi preciso varrel os lá de cima, com alma.

No Alemtejo come-se pão trigo, comquanto no districto d'Evora, por exemplo, tambem se consumma algum pão de centeio. Os alemtejanos, salvo algumas regiões sezonaticas, são robustos e sadios, porque a lavoira os fortifica. Mas são indolentes para tudo o mais. Luctam frequentes vezes com as crises agricolas. e chiam pouco. Quando o anno corre mal, gemem na miseria, mas tão frouxamente, que raras vezes se fazem ouvir em Lisboa...

Para o duro trabalho das ceifas no Alemtejo é chamado, em reforço, o beirão, o *ratinho*, que desce das suas montanhas vestido de saragoça, cheio de

pó e sol, com a cabaça a tiracollo e a colhér de pau atravessada no chapeu. Vem ceifar, vem talvez morrer asphyxiado pelo calor. Diz Fragoso de Siqueira, nas *Memorias economicas da Academia*, que n'um só anno morreram em Elvas 400 ceifões abrazados pelo sol. E' a Beira Alta, «o pão de milho», é a Beira Baixa, «o pão de centeio», acudindo, no trabalho mais violento do anno agricola, ao Alemtejo, «o pão de trigo.»

Os algarvios tambem se alimentam a pão de trigo, em certas regiões importado de Hespanha. Ora os algarvios, que elles me perdõem, cantam muito, e vae-se-lhes o tempo no cantar. São as cigarras de Portugal. Estiveram annos e annos a pedir um caminho de ferro, que só muito tarde chegou. E elles lá se iam resignando com a sua alfarrôba. O norte, mais decidido, bateu o pé, e teve logo dois caminhos de ferro em vez de um: o do Minho e o do Douro.

São factos, ou antes... é o pão.

Já vae longa esta carta, mas não chega ainda a ser maior do que a minha gratidão para com v. ex.ª A culpa foi sua, em me dar pão e conversa. Mas agora me lembra que ainda está no fundo do tinteiro uma coisa que eu queria dizer a respeito do bolo de azeite.

Sabe? Fez-me lembrar de uma superstição popular do Douro, que ainda não vi contada por nenhum dos colleccionadores de *folk-lore*.

Quando uma creança anda desmedrada como se tivesse visto bruxa, dão-lhe a comer, atraz de uma porta, um bolo de milho amassado em azeite. Diz-

se lá que essa creança anda *ougada*, «aguada», e crê-se que comendo o tal bolo, que sabe tanto a azeite como a «bolacha» transmontana, começará a medrar e a ter boas côres.

Aguados andamos nós todos depois de certa idade. Por isso, quando cá apanhei o bolo de azeite, que v. ex.ª me mandou, metti-me atraz de uma porta, e mastiguei o.

Pode ser que faça bem; mal não me fez nenhum.

E, quanto ao mais, que Lisboa possa habituar-se ao milho e ao centeio, são lérias dos economistas.

Seria preciso começar por mudar o Chiado para a Serra da Estrella ou do Marão, e o Marão e a Estrella para o Chiado.

Não é facil.

De v. ex.ª, com a maior consideração litteraria e estima pessoal, agradecido camarada

ALBERTO PIMENTEL.

1896 — Dezembro.

XII

VINHO NOVO

Notava o *Diario de Noticias* que a noite de S. Martinho passára este anno quasi despercebida.

A culpa foi talvez da chuva, porque o vinho aguado não presta.

Conta-se o caso de certo borracho que, estando muito doente, foi pelo medico assistente intimado a que deixasse de beber vinho.

— Isso não pode ser! respondeu convictamente o enfermo. Se deixar de beber vinho, morrerei mais depressa.

— E' o que lhe parece, porque gosta de o beber.

— Conheço-me, doutor. E não quero fazer a experiencia, porque receio vir a morrer antes de estar curado...

— Mas então beba menos e com agua.

— Ah! isso pode ser. Mas que sacrificio!

— Resigne-se, porque a outro doente não consentiria eu que bebesse nenhum.

— Como assim?!

— E' que os medicos precisam transigir um pou-

co com os habitos adquiridos, que constituem uma segunda natureza.

— Então, se a medicina é uma sciencia amavel, consinta que eu beba só vinho... por amabilidade.

— Nem tanto ao mar...

— Não me falle d'agua, doutor!

— Deixe-se de gracejar, e faça o que lhe recommendo, se quizer viver.

— Com que então agua e vinho?

— Seguramente

— Ah! doutor! resignar-me-hei. Mas olhe lá...

— Diga.

— Em vez de agua e vinho, eu não poderia beber vinho e agua?

— E' a mesma coisa!

— Não é tal. Dá-se o logar de honra ao vinho, que vai á frente, e eu devo-lhe essa consideração.

— Pois seja

Quando chegou a hora do jantar, a mulher do doente levou-lhe vinho com agua.

— O que foi que tu deitaste primeiro no copo?

— O vinho.

— Já estou arrependido de ter dito isso!

— Por que?

— Porque o vinho ficou no fundo e a agua é que está ao de cima. Foi o que eu senti primeiro na bocca.

E erguendo o copo, depois ter provado a bebida, exclama o enfermo sentenciosamente:

— Dizer-se que a ûnião faz a força! Olha p'ra isto!

Depois, tomando um novo golo:

— O' mulher, tu dizes ás vezes que é uma excellente bebida a agua....

— Eu bebo muita.

— E eu acho que não ha melhor bebida que o vinho.

— Cada um falla por si.

— Mas a verdade falla mais alto que todos. A agua é boa? O vinho é bom? Pois bem! juntar o vinho com a agua é estragar duas bebidas boas!

Ora assim aconteceu este anno na noite S. Martinho: o vinho foi estragado pela agua, que era muita de mais, como diria o Garrett.

Choveu a potes, e não ha calor de vinho que resista a uma valente carga d'agua.

Mas, na provincia, pouco importou que chovesse.

O temporal não conseguiu prejudicar a folia de S. Martinho, e, por lá, ainda se conserva a tradição de fazer do dia 11 de novembro uma especie de terça feira gorda.

Todas as liberdades e satyras são permittidas n'esse dia.

E a policia, se a ha, não tem que dizer nada.

E' o costume da terra.

Ainda de tarde saiem para a rua alguns patuscos da localidade, munidos de campainhas, choçalhos e caldeiros, fazendo um barulho infernal.

Enchem-se as janellas de mulheres e creanças para ver passar a «irmandade de S. Martinho».

E' uma especie de bando burlesco, que annuncia a grande solemnidade consagrada a Baccho.

Percorre o bando todas as ruas da povoação batendo a uma ou outra porta.

— Está cá o sr. Fulano?

E' a casa de algum sujeito conhecido por gostar de boa pinga.

No caso de ser pessoa de boa feição, vem elle proprio falar ao bando:

— Estou, sim, senhor.

— Pois nós vimos aqui distribuir-lhe a cêra para a festa.

A «cêra», velas ou cirios, são palhas de centeio ou vimes.

Uma troça pegada.

E no acto da entrega da cêra o rapazio faz ruido nos caldeiros, badaleja com os chocalhos e as campainhas.

— Pois muito obrigado pela cêra e podem contar que não deixarei de festejar o nosso grande santo.

Se o sujeito é de genio arrebatado, dá cavaco com a brincadeira.

E então pode ficar certo de que não dormirá toda a noite.

Volta e meia o bando passa-lhe á porta, fazendo uma assuada enorme, capaz de accordar os mortos no cemiterio.

— O' sr. Fulano, venha receber a cêra!

— Aqui está o cirio!

— Já são horas de começar a festa!

— Olhe que os outros «irmãos» estão á espera!

— Tome sentido, que vae sendo tarde!

E bumba! pancadaria nos caldeiros, repiques de campainhas, dobres de chocalhos.

De modo que o melhor que o sujeito tem a fazer é embebedar-se logo para não ouvir a algazarra in-

fernal, que de momento a momento se repete cada vez mais atroadora.

Tambem é costume andar distribuindo por portas as listas para a eleição dos mesarios, que devem gerir durante o anno os negocios da irmandade de S. Martinho.

Em cada lista vem escripto o nome de um bebedor conhecido.

E deixa-se-lhe a lista em casa.

Quando o sujeito tem graça, tira partido da situação:

— O que?! Pois inscreveram-me? Não póde ser! Ha outras pessoas mais qualificadas para esse cargo.

— Nós é que fazemos a eleição.

— Mas se eu sou elegivel, tambem sou eleitor. O meu voto é a favor de Fulano...

E cita um nome, que ás vezes tinha esquecido, e que é effectivamente o de uma pessoa que não regatea sacrificios a Baccho.

Este anno, segundo dizem de S. João da Pesqueira, eram onze horas da noite e ainda nas ruas da povoação andava o alegre bando tangendo campainhas e chocalhos, repenicando nos caldeiros.

Um amavel correspondente d'ali, mandando noticia do caso á redacção do *Popular*, commenta-a com esta consideração:

«Quando todos os costumes tradicionaes tendem a extinguir-se lentamente, pasma-se ao ver o enthusiasmo frenetico, a exaltação febril com que em muitas terras do reino, principalmente no norte, se *festeja* o S. Martinho ou antes o Deus Baccho.»

Emquanto o rapazio se esfalfa a gritar pelas

ruas, os felizes que teem pipa em casa, tratam de metter-se na adega a tirar a prova do seu vinho novo.

Os portuguezes antigos diziam: Em dia de S. Martinho, lume, castanha e vinho.

Que, no fim de contas, o S. Martinho é uma festa agricola para celebrar a «novidade» do anno, e comprehende-se que nas regiões vinhateiras seja essa festa mais ruidosa do que nos logares aonde a tradição pode ter chegado, mas onde a cultura da vinha é quasi nulla ou insignificante.

No Douro e no Minho ha folia rija.

A «novidade» do anno é desflorada no dia de S. Martinho, principalmente á noite, em convivio de amigos e visinhos.

E chovem os commentarios:

— Boa «novidade»!

— De se lhe tirar o chapeu!

Porque, a respeito de vinho, os lavradores parecem-se com os litteratos, no juizo que fazem da ultima producção: é sempre a melhor.

E não é improficua a prova para o effeito da venda, porque os visinhos e os amigos vão espalhar pela povoação a fama do vinho novo que provaram.

— Quem tem uma rica pinga este anno, é Fulano!

— Um nectar!

— Um balsamo!

Se é no Minho, está claro que não é precisamente um balsamo, mas um *valsamo.*

— Este anno, o *berde* de Fulano é um *valsamo!*

E estalejam com a ponta da lingua no ceu da bocca para dar a impressão de que ainda se não fartaram de saborear o *valsamo berde*.

O correspondente da Pesqueira acrescenta á sua interessante informação este pormenor:

«Alguns dos que em sua casa tiram a prova do vinho novo, fazem-n'o tão desastradamente, que adormecem nas adegas por não atinarem com a cama ou lhes parecer a noite muito quente e não poderem supportar o calor que os cobertores lhes causariam.»

Mas quanto mais feliz é a vida da provincia do que a da capital — até na rapioca do S. Martinho!

Na provincia pode uma pessoa embebedar-se na sua propria casa, dentro da sua adega, e adormecer ali.

Em Lisboa tem de ir embebedar-se á taberna ou ao *restaurant* e não sabe o que succederá até conseguir dar entrada em casa.

Conta-se de um alfacinha que na noite de S. Martinho, não podendo equilibrar-se, por vêr andar á roda todas as casas, se sentára no passeio da rua e ali se deixára ficar.

Veiu a policia.

— O que é que faz aqui?

— Estou á espera que passe a minha casa para enfiar pela porta dentro.

1898 — Novembro.

XII

BONECOS E LOIÇA DE BARRO

I

Decerto viram nos jornaes a noticia de que estava actualmente fazendo sensação em Berlim uma exposição de bonecos?

E talvez ririam...

Mas, que diabo! a Allemanha não é precisamente um paiz frivolo e futil, que dê importancia a ninharias ridiculas.

A exposição não foi promovida por uma creança ou por um maniaco, senão que por uma illustre dama, que tem na Europa uma evidente posição social.

A iniciativa deve-se á rainha da Romania, conhecida no mundo litterario pelo pseudonymo de Carmen Sylva.

Quem deu execução á ideia da iniciadora foi outra dama, de quasi igual evidencia na aristocracia europea: a princesa de Wiede.

Devemos então reflectir um momento n'esta simples coisa: que não se reuniriam duas senhoras distinctas, intelligentes e nobres, para realisar uma empresa balda de qualquer pensamento alto e expressivo.

Effectivamente, os bonecos agora expostos em Berlim não constituem um brinquedo de creanças, uma *enfantillage* frivola, mas um facto de importancia scientifica, de interessante valor ethologico, porque os bonecos representam uzos e costumes de varias epocas e paizes.

A collecção mais admirada é a que pertence á rainha da Romania, composta de manequins vestidos com os trages uzados na região dos Balkans.

N'esta «expressão» historica reside principalmente o interesse da exposição, á parte o valor artistico da esculptura, da pintura, e o valor material da riqueza dos fatos.

Eu fiquei contentissimo com a noticia d'esta exposição, que infelizmente não posso vêr.

E á sombra d'essa empresa, iniciada e realisada por duas princesas, tratei de abrigar a minha antiga predilecção pelos bonecos de barro, que representam costumes portuguezes, e que, nas horas que eu passo trabalhando, me rodeiam alegremente em numero não inferior a quatrocentos.

Tem cada pessoa a sua mania, e se as manias não molestam ninguem, são dignas de absolvição.

A fallar verdade, pouco me importa que me absolvam ou condemnem; sou assim, e já agora é tarde para mudar de caminho.

O boneco que mais me interessa e encanta é o

pequenino, de um decimetro de altura, ás vezes de uma ingenuidade de esculptura verdadeiramente primitiva como obra de arte, mas tocado de uma certa expressão de naturalidade na physionomia e na attitude.

Conheço desde creança os bonecos do Porto, que teem o triplo da altura dos de Lisboa, e que são primorosos como obra de arte, sobretudo no apuro e perfeição dos trajos.

Lá estão ainda expostos á venda na rua da Assumpção ou, como na minha infancia se dizia, *atraz dos Clerigos*. Lisboa conhece alguns exemplares, que apparecem aqui á venda n'uma ou n'outra loja, e cujo preço vacilla entre 18 e 25 tostões. Exceptuêmos os grupos, como o *carro de bois*, que custa sete ou oito mil réis, e a *procissão*, que pode custar cinco ou seis libras.

Conheço os bonecos da ilha da Madeira, em terra cotta, de que possuo apenas dois exemplares, que me enviou do Funchal o sr. conselheiro Sousa e Silva, quando ali era governador civil.

Mas a minha sympathia foge para os bonequinhos de Lisboa, que ordinariamente se compram a cinco e seis vintens, e que representam a vida das ruas, a expressão caracteristica do nosso povo em plena actividade.

Sim, collecciono furiosamente esses bonequinhos, que algumas creanças despedaçam sem piedade, e que eu vou reunindo com dedicado empenho.

Outras pessoas ha que pacientemente organisam collecções de sellos, bengalas, pinturas, loiças, crystaes, leques, alfinetes, etc.

Eu collecciono bonecos de barro e confesso com franqueza que é esse um dos maiores regalos e prazeres do meu espirito.

Como nasceu esta mania? Não sei bem. Como nascem as paixões e as doenças? Quasi nunca se sabe ao certo. Um dia, sem que me lembre já onde e quando isso foi, comprei os primeiros bonecos, cujo valor ethologico avultou aos meus olhos, apesar da imperfeição da esculptura.

N'esse tempo, creio poder affirmal-o, apenas as creanças iam ás capellistas comprar bonecos de barro, especialmente pelo Natal, em que teem maior procura as figuras de Presepio.

Lembro-me de que uma vez, conversando com o lojista Prior, na rua Augusta, lhe perguntei se eram muitas as pessoas adultas que entravam no seu estabelecimento a comprar bonecos de barro.

— Não, senhor, respondeu elle. Apenas creanças e extrangeiros.

— Extrangeiros?

— Sim, senhor. Quando toca algum paquete em Lisboa, muitos passageiros, especialmente allemães e inglezes, aqui vém procurar os bonecos, que apreciam muito.

— Pudera! repliquei eu n'um afogo de collecionador apaixonado. Isso comprehende-se. São pessoas intelligentes, que passando por um paiz, e não podendo levar os homens e as mulheres que viram e representam os uzos e costumes d'esse paiz, compram como recordação os bonequinhos que dispensam os viajantes de estar copiando de afogadilho trajos e physionomias nas paginas do seu album.

E alguns não saberiam desenhar, infelicidade que tambem me acontece a mim. Mas o boneco de barro salva a situação, porque é, no fim de contas, a miniatura de um povo.

Adquiridos os primeiros bonecos, começou a passar me pelo espirito a ideia de que seria possivel aperfeiçoal-os. Entre os imperfeitos escolhi os mais perfeitos, e tratei de averiguar quem tinha sido o oleiro que os produzira.

Fui a sua casa, e por signal que dei uma boa caminhada.

Entrei n'uma mansarda que respirava pobresa e miseria. E encontrei um doente postado deante de uma banca de pinho a fazer bonecos.

Sentei-me, e mettendo a mão no bolso do *paletot* tirei um archeiro... de barro.

Pul-o sobre a banca e disse ao obscuro artista:

— Foi o sr. quem fez este archeiro?

— Não sr. Devia ser Fulano.

Citou o nome de outro oleiro amador.

Ora o archeiro que eu levava, era um mamarracho pintado a almagre e ocre, em barro crú, com umas pantorrilhas enfunadas, os hombros depremidos, os braços pregados ao corpo, as mãos inchadas de frieiras, e uma casaca de chéché. Nenhuma expressão humana, nenhum brio profissional, isto é, ausencia de *pose* e «caracter» de classe.

— Mas diga me uma coisa, tornei eu, não se sente com forças de fazer em barro cosido um archeiro melhor do que este?

O homem respondeu com convicção e desvanecimento:

— Sinto, sim, sr. Mas não vale a pena, porque as lojas pagam muito mal.

— Não se trata de lojas; trata-se de mim. Sou eu quem lhe encommendo um archeiro, cujo preço não discutirei.

— Pois bem! Farei um archeiro de que o sr. ha de gostar. Se quizer pagar bem, pode custar-lhe um crusado.

— Conte com cinco tostões, se sahir como eu desejo. Quando posso voltar?

— Para o fim da semana.

— Adeus, até sabbado.

Não faltei, e obtive um archeiro com expressão, bella *pose*, um fato bem pintado, uma alabarda de papelão prateado: uma figurinha que representava um grande progresso na esculptura dos bonecos de barro, se bem que as pernas deixassem ainda alguma coisa a desejar em verdade anatomica.

D'ali por deante comecei a encommendar outros bonecos ao mesmo artista, que se foi aperfeiçoando successivamente, a ponto de produzir dez ou doze figuras que são ainda hoje das melhores da minha collecção.

Era eu que lhe indicava os typos. E alguns, como o vendilhão ambulante, o padeiro, o fadista, sahiram magnificos; regalei-me de os vêr.

Pouco depois notava eu que nas lojas do Prior na rua Augusta e do Cardoso na Bitesga começavam a apparecer bonecos muito mais perfeitos, se bem que mais caros.

Desvaneci-me de ter concorrido para esse pro-

gresso, e, para o animar, comprava os bonecos, embora os tivesse repetidos.

Mas comecei a achar um novo encanto no facto mesmo da repetição dos bonecos: o de ter deante de mim a historia da evolução do boneco de barro como obra de arte.

Ultimamente, no Costa da rua do Ouro e no Joyce do Calhariz, tenho comprado deliciosas figurinhas cheias de expressão e de verdade.

Ainda ha poucos dias, estando presente o oleiro, encommendei na loja do Calhariz uma *sopeira* em colloquio amoroso com um soldado da guarda municipal.

Quarenta e oito horas depois mostravam-me ali o *specimen* da sopeira em barro crú. Não digo que seja uma maravilha; mas tem verdade, especialmente no trajo. Eu sou, indirectamente, o pae d'esta *sopeira*, o que é, talvez, a melhor maneira de ser pae.

Que querem? Alegra-me, quando pela manhã abro a janella do meu escriptorio, vêr animar-se com a luz do sol todo esse mundo de figurinhas portuguezas, que representam os uzos e costumes do meu paiz, e que do alto das prateleiras em que se alinham me dão a impressão de partir cada uma d'ellas para o seu destino, para o seu trabalho quotidiano, para as suas occupações diarias: o vendilhão e a varina para as ruas, o archeiro para o Paço, o official e o soldado para o quartel, o padre para a egreja, o operario para a fabrica, o cosinheiro para a ucharia, o engraxador para o seu vão de escada.

E parece-me até que algumas vezes trocamos palavras de estimulo e conforto.

— Vamos a isto, digo eu aos meus bonecos de barro, começando a trabalhar.

— Nós já cá estamos, respondem elles. Você hoje levantou-se mais tarde, seu mandrião!

Ha poucos mezes ainda, um dos meus bonecos faltou á sua apresentação matutina. Vi uma lacuna na collecção; fui saber se algum d'elles teria partido para as suas occupações sem me haver dado os bons-dias.

Então encontrei estatelado na prateleira um chefe de esquadra, que costumava ser muito pontual no serviço. Tive um desgosto grande. Era o primeiro morto da minha collecção.

De que morreria elle, coitado? Alguma congestão cerebral, talvez? Cahira, e partira pelo meio, como se tivesse quebrado... a espinha dorsal.

Haveria crime? Haveria suicidio? Os outros entrincheiraram-se n'um silencio impenetravel. E as investigações da judiciaria não deram resultado.

Pois era um bom chefe de esquadra, elegante, airoso, com certa attitude marcial.

Nem sequer pude desejar que a terra lhe fosse leve, porque o deitaram no barril do lixo e foi d'ali para a carroça.

A acquisição dos bonecos trouxe-me o desejo de estudar a sua fabricação através dos tempos em Portugal. Dei-me a esse trabalho, e creio que ainda ninguem iria mais longe em recolher dados, pormenores, minucias. Mas é um trabalho pesado o de emprehender a coordenação de todo esse *mare ma-*

gnum de apontamentos, e não me sinto realmente em boa disposição de espirito para realisal-o agora.

Se ha tanto quem de animo ligeiro escreva a respeito de tudo!

Para que hei de eu estar a cançar-me em ensinar os outros, que m'o não agradecerão?

Contento-me com olhar para os meus bonecos, ouvil-os, conversal os, entendel-os e responder-lhes.

Acreditem: é um grande prazer.

Talvez os senhores duvidem de mim? Pois vão perguntal-o á rainha da Romania e á princesa de Wiede.

1898 — Dezembro.

II

Se torno a fallar nas figurinhas de barro, não e porque essa minha predilecção se vá tornando monomania, nem porque eu ufanamente queira celebrar o glorioso facto do boneco nacional ter já conquistado o Chiado.

Mas a verdade é que conquistou. Lá estão na *montre* do Bénard algumas figurinhas, guarda avançada do exercito conquistador. Finalmente chegaram á rua mais elegante de Lisboa, onde até agora apenas tinham accesso os bonecos francezes e almães. Subiram, treparam, aristocratisaram-se! Deus queira que se não estraguem... de vaidade.

Que, a fallar verdade, deve ser para endoidecer o fragil barro de que é feito o boneco e... o homem, vêr-se fóra da humilde lojinha de capella,

onde viveu tantos annos obscuramente, achar-se de um momento para outro em exposição no Regent-Street de Lisboa, dar nas vistas ás senhoras do tom e aos janotas da *élite*, sentir-se afidalgado deante do povo boquiaberto que certamente exclamará: «Olha quem elles são! Conheci os laranjeira nas capellistas de Alfama e do Bairro Alto!»

Teve o Bénard, honra lhe seja, a lembrança de fazer uma exhibição portugueza: um trecho das novas obras do porto de Lisboa. Sobre a muralha collocou alguns bonequinhos de barro, typos populares, adquiridos no *Centro Commercial, Agricola e Industrial*, da rua do Loreto. Ficou uma linda *montre*, que o povo não se farta de admirar.

E isso, em pleno Chiado, já não é pequena gloria para envaidecer os bonecos de barro.

Quanto aos homens, que, segundo a Biblia, são feitos da mesma massa, sei eu que entontecem de orgulho e tomam grandes ares de toleima quando se encostam a uma porta do Chiado. Muitos d'elles não valem um chavo gallego, mas é vel-os ali, e acreditar, porque elles o acreditam, que valem um dobrão de D. João V.

Quanto aos bonecos, tambem de barro, que appareceram agora ali na *montre* do Bénard, fizeram-me melhor impressão, achei-os menos irritantes e muito mais modestos do que os homens. Estão bem! nem acanhados, nem arrogantes; nem timidos, nem philauciosos. Muito discretos, sem *gaucherie* e sem pretensão. Uma lindeza de bonecos!

Mas se eu volto a fallar d'elles, é a proposito e

por causa dos Presepios, agora expostos ao publico nas egrejas que os possuem.

Já não me quero referir ás casas particulares, porque além do Presepio que as creanças organisam de um dia para o outro n'esta epoca do anno, com figurinhas compradas em qualquer loja de capella, rara é a casa de familia antiga onde por esse paiz fóra não haja um Presepio de algum valor, e endoideceria quem se propuzesse fazer a sua resenha ou descripção.

Todos os conventos, de frades ou freiras, tinham seu Preesepio, obra aceiada, e até conta frei Luiz de Sousa, na *Historia de S. Domingos*, que foi uma freira do mosteiro do Salvador em Lisboa quem, em consequencia de uma devota visão, mandou fazer o primeiro Presepio que se viu em Portugal.

Seria assim ou não seria. Mas frei Luiz de Sousa lá o diz, na chronica: «E d'aqui se começaram a fazer por outras egrejas os presepios que hoje se fazem em quasi todas.»

Tenho um montão de apontamentos sobre Presepios que vi em conventos da provincia, e alguns, quantos! me terão escapado. Mas quero fallar, ainda que seja rapidamente, de um só, porque notei n'elle uma circumstancia digna de menção especial. E' o do Varatojo. Como ainda hoje acontece em quasi todos os Presepios, ha n'esse um tocador de gaita-de-folles, que figura de cego, com uma borracha de vinho a tiracollo. E o moço do cego, aproveitando-se da confusão, vae bebendo subrepticiamente o vinho da borracha.

Tem graça. E' uma novidade jocosa, que falta

n'outros Presepios, e que de algum modo o anima e embrinca.

Ramalho Ortigão, no livro *O culto da arte em Portugal*, chama «encantadoras» ás figurinhas dos Presepios que sahiram das mãos de Faustino José Rodrigues, de Antonio Ferreira e Machado de Castro. Tem razão. E' realmente um encanto para os olhos esse lindo Presepio da Sé Patriarchal, que está ainda completo — o que é raro — e que se encontra na 3.ª capella da charola, isto é, por detraz da capella-mór.

As figuras foram modeladas pelo famoso Machado de Castro, por encommenda de um beneficiado de appellido Oliveira, que depois as doou á Sé.

Além do Presepio da Sé, Ramalho Ortigão falla dos da Madre de Deus, Coração de Jesus e marquez de Borba, que se destroçaram.

Mas cumpre mencionar ainda o da Estrella, cujas figuras tambem são de Machado de Castro (1775 a 1800) e o de Belem.

O da Estrella é decerto o maior de Lisboa. Tem figuras muito bem tratadas, posto que os anachronismos sejam em barda. Ha um bello gruposinho de judeus que estão jogando as cartas (as cartas santo Deus!) tão feliz na expressão e tão perfeito, na esculptura, que já por trez vezes o quizeram roubar. Outras figuras foram mutiladas pelas creanças que d'antes podiam aproximar-se do Presepio, e agora não. Bem entendido; pena foi ser já tarde.

Tambem merece especial menção o Presepio de Santo Antonio dos Capuchos, que paga bem a ma-

çada de subir ao Campo de Sant'Anna para o ir vêr.

E' comtudo preciso estar de pé atraz com uma infinidade de figuras, que por ahi nos inculcam como tendo sido feitas por Machado de Castro. Nos *bric-à-bracs*, quando apparece á venda algum Presepio de casa particular, é sempre de Machado de Castro — por força! E pedem por elles quantias fabulosas, que não valem, porque de Machado de Castro não teem nada.

E' certo que este artista, que morreu muito velho, trabalhou muito, mas ainda que tivesse tido dobrada existencia, não lhe chegaria o tempo para todos os bonecos que lhe são attribuidos.

O sr. visconde de Castilho diz judiciosamente que o Presepio é o vestigio derradeiro do *mysterio* medieval. Farei comtudo uma observação: vestigio, sim; derradeiro, não. Ainda hoje, por essas aldeas do Minho fóra, se representam *mysterios*, de uma ingenuidade verdadeiramente mediévica, e até na maior parte das vezes são representados deante de algum Presepio.

Mas não padece duvida que a singela iconographia dos Presepios tem o perfume das ultimas flôres sêccas da idade-media, cuidadosamente conservadas na tradição popular.

Muitos dos seus anachronismos são deliciosos de ingenuidade, e demonstram, a meu vêr, a força de resistencia da religião christã. Os oleiros, segundo sua epoca, vão collocando no Presepio as figuras do seu tempo, e talvez ainda venham a apparecer em torno da lapinha de Bethlem personagens de

chapeu alto descendo pela montanha, reis magos vestidos de generalissimos. Mas isso quer dizer que o christianismo vae passando de geração em geração, de moda em moda, sem se sentir defraudado na fé e culto que inspira, como sendo uma religião que resiste a todas as revoluções philosophicas, incluindo a do chapéu alto... ôco de philosophia.

Nos Presepios portuguezes figuram os nossos pastores do norte ou os nossos saloios do sul, como se Bethlem fosse uma terreola do Minho ou da Extremadura.

Mas quanta côr *local* n'essas figurinhas dos Presepios! como ellas, em relação ao nosso paiz, são verdadeiras no trage, na physionomia, e na attitude! Perdoa-se-lhes o anachronismo pelo bem que parecem. E' uma vasta collecção de figuras portuguezas representando um grande drama que não foi portuguez, nem pelo protogonista, nem pelo local da acção.

No *Anatomico jocoso* vém descriptas algumas d'ellas, que são nossas, muito nossas, ainda hoje vivas. Querem vêr a saloia dos queijos? Pois ella ahi vae:

> ... a senhora
> saloia dos queijos,
> cara de toranja,
> olhos de morcego,
> gibão de prestinas,
> collete vermelho,
> saia debruada,
> manteo amarello.

Ahi vem agora descendo para a lapinha a pastora de Odivellas — outra saloia:

lenço soqueixado,
manteo de parrilha,
bota até o artelho,
gibão de pretinas.

E' o Presepio portuguez do sul em toda a sua verdade ethologica.

Nos Presepios do norte as botas das pastoras são substituidas pelas solêtas, os lenços da cabeça pelos chapeus redondos e pequeninos, os cabazes pelas canastras, as capas dos homens pelas palhoças e o barrete de lã pelo sombreiro de Braga.

Deante de todas estas figuras do sul ou do norte, sente-se a vida simples, singela de Portugal, a alma boa e crédula do nosso povo agricola, e percebe-se que um Presepio, assim constituido, seja um forte traço de união para reunir, na noite de Natal, todas as pessoas da mesma familia n'um serão delicioso de intimidade.

Mas o costume vae a acabar, especialmente no sul. Em Lisboa ha os theatros, os colyseus, as associações de dar á perna, que dispersam as familias. No norte, ha ainda o Presepio, sempre o Presepio, o auto religioso ou *mysterio*, a ceia de vinho quente, as rabanadas, os ovos mexidos, os bolinhos de bacalhau e bolina, a congregação da familia toda á volta da mesa, porque até os filhos prodigos voltam n'essa noite á casa paterna e são perdoados.

Quando a invasão dos costumes modernos inundar as villas das provincias do norte, quando ceder o logar á guarda municipal ou á policia civil, verse hão dois policias de sentinella á lapa de Bethlem, esquadrões de lanceiros descendo a montanha

illuminada por candieiros de gaz, *reporters* de jornaes tomando apontamentos á pressa, mas o Presepio subsistirá, amoldado ás circumstancias do tempo, e com o Presepio triumphará, através de todas as idades, a recordação do grande facto historico, que se memora e commemora religiosamente na noite de Natal.

Se os senhores querem ver um lindo Presepio, que seja digno de ver-se, vão ali á Sé ou á Estrella, que hão de dar o seu tempo por bem empregado.

Mas passem primeiro pelo Chiado e parem um momento deante da *montre* do Bénard a observar as figurinhas de barro, que lá estão expostas, e que conseguiram aristocratisar-se a ponto de ficarem entaladas entre duas lojas *chics*, uma com janotas á porta, outra com viscondes dentro.

1898—Dezembro.

III

E' costume, nos Passos de Carnide, os alumnos do collegio militar marcharem, atraz do pallio, muito garbosos e serios — com a consciencia de serem o exercito... do futuro.

Hontem, na Luz, vi a procissão, mas não vi os alumnos, que faltaram, dizia-se que por causa da chuva.

Em todo o caso, na auseneia d'essas figurinhas vivas de jovens militares, lembrou-me, não sei bem dizer como, certa nota de Filinto Elysio a respeito

de uma antiga procissão que outr'ora se fazia na quaresma, em Lisboa, e na qual as imagens e os penitentes eram ainda mais pequenos, decerto, que os alumnos do collegio militar.

Eram de barro — eu amo as figuras de barro, já sabem—e os estudantinhos da Luz tambem o são, porque, lá diz muito bem o auctor dos *Avisos do ceu:* «mais barro, menos barro, tudo n'este mundo é barro.»

Não somos outra coisa.

Chegando a casa comecei a folhear Filinto no empenho de encontrar a nota.

— Pois você tem em casa o Filinto! que peste! dirá algum leitor mais sabio entre os sabios modernos.

Tenho, sim, porque esse diabo de homem, que era um duro poeta, refractario á rima, tem um vocabulario tão seu, e tão nosso, um geito de phrase tão pittoresco e luzitano, uma ironia tão funda e ao mesmo passo tão ingenua, que não se pode prescindir d'elle n'uma livraria que valha alguma coisa.

Sempre me ha de lembrar que o antigo professor do Lyceu do Porto, o sr. Manuel Emilio Dantas, que foi meu mestre, me dizia uma vez no botequim da *Aguia d'ouro*:

— Não se pode saber portuguez sem se ter tomado o gosto á traducção de *De rebus Emanuelis* por Filinto Elysio.

— Acha isso, sr. Dantas?! perguntei eu, que então não podia entrar com o bom do Francisco Manuel.

Preferia-lhe Soares de Passos, o das tristezas, o

doce poeta da morte, que era em poesia o meu evangelista.

E não sei se ainda será... porque não topei melhor — nem maior.

O professor Dantas desfechou-me na cara uma d'aquellas pyramidaes gargalhadas, que retumbavam quando lhe sahiam dos labios como uma bomba de dynamite, e, descançando um momento, disse entre alegre e auctoritario:

— Não trate você de entender-se com o Filinto e queixe-se depois.

Esse Dantas era bem meu amigo, e, alguns annos mais tarde, lembrando-me o seu conselho, segui-o.

Entendi-me com o Filinto.

Pois bem. Chegando a casa, á volta de Carnide, fui procurar a nota. Deu-me algum trabalho a encontral-a; mas encontrei. Eil-a aqui:

«Se já não vem pela quaresma a Charola da Ajuda dar um descante ao Divino, pelas ruas de Lisboa, necessario será contar aos rapazes de agora a composição d'ella. Pelo pouco que me recordo, creio que era um andorsinho assentado em dois varapaus, cangado nos hombros de dois saloios, acobertado c'uma toalha de mãos, como carro de romagem, com muitos senhorinhos dos Passos, muitos penitentes brancos, todos de barro pintado, e tudo por dentro allumiado com rolinhos de cêra; e em roda, por detraz, e por diante muito aldeão berrando certa lenga-lenga devota; e pedindo muita esmola, que espalhadas pelas mãos e algibeiras dos cantores, e mais matula (porque ali n'aquella confraria

todos são thesoureiros) iam diminuindo pelas baiucas, até chegar á Ajuda, sem páda.»

Digam-n'o melhor, se são capazes.

Não são.

E, parando deante da nota de Filinto, como tinha parado deante da procissão de Carnide, comecei a pensar na delicia que eu sentiria se possuisse alguns dos bonequinhos da charola da Ajuda e pudesse dizer a mim proprio authenticando-os:

—São os mesmos de que falla Filinto!

Não tenho essa procissão, mas tenho outra, a dos Passos moderna, toda, completa, até com a guarda municipal, cuja banda me parece ir tocando as marchas do sr. visconde de Oliveira Duarte, tanto vivem aquelles inanimados bonequinhos.

E então comecei eu a pensar n'uma noticia que tinha visto nos jornaes e que, ao lêr a nota de Filinto, me acudiu á lembrança por associação de ideias.

Que o Atheneu Commercial vae fazer uma exposição de ceramica portugueza.

Toma lá!

O *Popular* já disse, e com razão, que essa exposição era muito difficil de organisar e que, mal feita, seria melhor não fazer-se.

Pois assim mesmo é que é.

Uma exposição d'esse genero, para corresponder inteiramente ao seu fim, deve abranger os bonecos e as loiças. São dois capitulos vastos — especialmente as loiças.

Querem uma ideia das difficuldades que terão a vencer os organisadores d'essa exposição?

Ahi vae. Em Lisboa e em todo o paiz são muito conhecidas as bilhas de Estremoz, e bem o merecem, porque são as melhores, mas em muitas regiões de Portugal se fabricam potes, cantaros, bilhas, talhas, infusas, pucarinhas *sui generis*, que andam até mencionados nos poetas antigos.

Lembram-se d'aquellas lindas voltas de Camões?

Leva na cabeça o pote,
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Sainho de chamalote:
Traz a vasquinha de cote,
Mais branca que a neve pura;
Vae formosa, e não segura.

Tambem se hão de lembrar da glosa de Rodrigues Lobo sobre o mesmo assumpto:

A talha leva pedrada,
Pucarinho de feição,
Saia de côr de limão,
Beatilha suqueixada:
Cantando de madrugada,
Pisa as flores na verdura,
Vae formosa e não segura.

A's pucarinhas, que ainda hoje são uzadas para guardar mel, se refere Gil Vicente no *Auto da Feira*, quando chega ao tablado Branca Annes e diz feirando:

Eu queria ũa pucarinha
Pequenina para mel.

Pois em quasi todo o paiz se fabricam vasilhas de barro para agua e mel, não obstante ter a pri-

masia Estremoz, que é a bem dizer a cidade de Andujar portugueza.

Os senhores sabem que a riquesa vital da antiga cidade de Andujar, na Andaluzia, é um barro leve, amarello-pardacento, de que ali se fazem as vasilhas que téem o nome de—*alcarazas*.

Postas ao ar, refrescam e purificam a agua, como acontece com as bilhas de Estremoz.

Trez quartas partes dos habitantes de Andujar são oleiros.

Isto é que não acontece em Estremoz, onde ha apenas actualmente cinco casas que, verdadeiramente em familia, fabricam bilhas e moringues.

Uma d'essas casas é a de Antonio Guerreiro (Peixe), sexagenario quasi inválido, que trabalha com dois sobrinhos, um de quarenta annos e doente; o outro, um rapaz de quatorze annos, cujo trabalho, a bem dizer, sustenta o estabelecimento.

Casa de José Gallego, homem de mais de cincoenta annos, com um filho rachitico.

Casa de José Feiticeiro, sexagenario.

Estas trez olarias terão um movimento annual de 500$000 réis cada uma.

Casa de José Maria Firme, o qual já completou cincoenta annos, e tem filhos, aliás pouco aproveitaveis para a industria.

O seu movimento annual será de 800$000 réis.

Casa de Caetano Augusto da Conceição, conhecida pela designação de *Casa Alfacinha*. Conceição não é oleiro de origem, mas dedicou-se a esta industria, em que educou trez filhos e trez filhas, das quaes já morreu uma. Além da familia, traba-

lham na officina mais dois homens e cinco mulheres. Conceição exporta loiça para a Africa, Brazil e Inglaterra. Já foi premiado por duas vezes, em 1884 e 1890.

O movimento annual d'esta casa orça por 1:000$000 réis. Mas o proprietario lucta com a falta de capital, que lhe não permitte ter bons fornos.

A industria em Estremoz está decadente, quasi ameçada de morte. Quando o Conceição ali se estabeleceu, havia ainda 15 officinas; agora, apenas 5. Os donos d'essas olarias foram morrendo na pobresa, sem deixar descendentes habilitados. Assim como desappareceu em Estremoz a linda loiça branca, que ali se fabricava no seculo XVIII e ainda no principio do seculo XIX, a loiça vermelha tende a desapparecer, e desapparecerá, se a *Casa Alfacinha* cessar por qualquer motivo.

O barro, em Estremoz, encontra-se a rodos, por toda a parte, abundando principalmente nos aterros que em tempo se fizeram para as muralhas.

As bilhas são de duas especies.

1.ª — Lavradas, com ornatos representando passaros, flores e fructas; e pedradas, com embrechados de calcareo muito branco.

O famoso poeta Christovam Falcão, que era alemtejano e viveu no seculo XVI, descreve as bilhas de Estremoz quando diz:

Ua coifa não lavrada,
Antes sem nenhum lavor,
E em cima, por mais dor,
Ua talhinha pedrada
Ou um pedrado atanor.

Christovam Falcão escreve atanor, designando esta vasilha ; mas no portuguez antigo encontram-se quatro formas : atanor, atenor, tanor e tenor.

2.ª especie: bilhas lisas, muito polidas, lustrosas; a simplicidade não lhes prejudica a bellesa.

Em Andujar está garantida a fabricação das *alcarazas*, porque quasi todos os habitantes são oleiros.

Em Estremoz, onde a loiça é linda, comquanto os bonecos, que tambem lá os fazem, sejam detestaveis, a industria agonisa, morrerá talvez.

Mas faz pena isto, vêr os poderes publicos, vêr principalmente a repartição de industria, tratando de coisas grandes e problematicas, sem curar de acudir a uma pobre industria alemtejana, que definha ali em Estremoz á mingua de recursos.

O governo lerá folhetins ? Talvez não. Se lesse, eu abençoaria a hora em que, principiando por vêr a procissão de Passos em Carnide, me lembrei da nota de Filinto e, depois, da projectada exposição do Atheneu Commercial, até que vim parar, não sei bem como, na famosa loiça de Estremoz.

O meu dever é conversar com o leitor ; conversei o que me lembrou.

Se o leitor não gostou, outra vez gostará mais — se gostar.

1899—Março.

XIV

O SILENCIO

Durante toda esta semana se fallou de mais.

Um supposto assassino contou a um guarda-portão a historia dos seus crimes.

E desde então toda a gente, imitando o guarda-portão, começou a fallar, a fallar, a fallar... sem saber ao certo o que dizia.

Faz lembrar aquella linda canção popular da Grecia, imitada por muitos poetas, segundo a qual dois namorados se beijaram tendo por unica testemunha o ceu brilhante.

Mas cahiu n'esse momento uma estrella, que foi contar ao mar o que viu. Passava pouco depois um navio, e o mar — naturalmente recommendando sempre o maior segredo — contou ao leme esse terno segredo de amor que havia surprehendido. O leme não descançou emquanto não disse tudo ao piloto, que desembarcando o contou logo á sua amante. E d'ahi a pouco tempo toda a gente o sabia. Até os rapazes da rua cantavam a historia do beijo.

Com razão disse o propheta Jeremias que o maior castigo da humanidade, a morte, subiu pelas janellas. *Ascendit mors per fenestras.*

Santo Ambrosio explica o que sejam estas janellas, que se tornaram perigosas por terem estado abertas.

E' que nossa mãe Eva abriu a bocca para conversar com a serpente, a qual tambem de certo não fechou a bocca para fallar.

D'estas duas janellas imprudentemente abertas veio a maior semsaboria da vida: a morte.

Foi como se entrasse uma corrente de ar, que tolheu a humanidade inteira.

Eu estou de perfeito accordo com o padre Manuel Bernardes quando exclama: «Veja se se importa tapar bem esta janella, pois por ella mal tapada entrou a ruina de todos os filhos de Adão»

Li isto ha muitos annos e nunca mais me esqueceu.

A's vezes, quando me sinto tentado a fazer uma confidencia, obedecendo á indole expansiva de todos os meridionaes, sinto um braço invisivel tocar-me para me conter.

Já sei quem é Detenho-me. E oiço então a voz do padre Manuel Bernardes segredar-me ao ouvido:

— Fecha a janella.

E cerro a adufa.

Nunca me arrependi de ter fallado de menos, pelo que estou intimamente convencido da profunda verdade d'aquelle proverbio oriental que diz: «A eloquencia é de prata; mas o silencio é de oiro.»

E se algum oiro possuo é ainda o silencio. Tambem já não ha outro.

Conta-se que existiu um certo bispo, muito lido nos Santos Padres, que tinha horror de fallar.

Lembrava-se constantemente do apostolo S. Thiago, que judiciosamente observou ter sido a tagarellice de Eva uma pequena faisca de que se originou o incendio de um bosque inteiro.

O silencio constituira n'esse discreto bispo um habito inveterado, de modo que se estava doente o constrangia muito ter de responder ás perguntas do medico.

Era uma séca.

— Dorme bem, vossa ex.cia reverendissima?

— Não.

— E vontade de comer?

— Pouca.

— Uma grande apathia, não é assim?

— Sim.

— Bocca saburrosa?

— Muito.

— Grande cançaço?

— Bastante.

Por mais insignificante que fosse a doença, o questionario do medico era sempre fatigante.

A's vezes o prelado dizia comsigo mesmo: «Quando eu tiver uma doença grande, como poderei aturar o doutor?»

E esta ideia entristecia-o quasi tanto como o temor da enfermidade.

Passaram annos, acabrunhou-se-lhe a velhice, que é já de si mesma a maior das doenças.

O coração, o figado, os rins começaram a regular mal, como um relogio que está cançado de trabalhar.

Aconselharam sua excellencia reverendissima a que chamasse um medico.

— Valha-me Deus! dizia o bispo coçando na cabeça. Os medicos fazem tantas perguntas!

Mas veio o medico, porque os familiares do bispo assim o quizeram; na casa dos grandes quem governa são os pequenos.

Realisou-se o que o prelado receiava: maior doença, maior interrogatorio.

Tão fatigado ficou o bispo com as perguntas do medico, que se lembrou de fingir que estava melhor só para não ter que aturar outra vez o doutor.

Mas era preciso mentir, e a mentira repugnava-lhe.

— Se eu pudesse fechar a janella... pensava o prelado.

O medico voltava no dia seguinte e abria-a de par em par—vidraça e portas.

Se sentia aquillo? se sentia aquell'outro? se o remedio fizera effeito? se o havia tomado a horas? se não haveria engano nas dóses?

Certa manhã o bispo lembrou-se de que os irracionaes eram mais felizes do que os homens, porque não tinham que responder a perguntas nenhumas quando estavam doentes.

Felizes brutos! pensou o bispo, que se curam sem fallar!

Sempre cogitando n'esta idéa, de consequencia em consequencia, lembou-se de que ali ao pé da porta do paço morava um alveitar de grande fama.

Chamou um dos famulos mais intimos e disse-lhe que desejava ser tratado pelo alveitar.

Espantou-se o famulo; era a primeira heresia que tinha ouvido ao seu prelado.

— Faça o que lhe digo, insistiu o bispo. E quero que elle me trate pelo systema das bêstas.

— Meu senhor!

— Não quero abrir a janella, nem que elle tambem a abra. *Ascendit mors per fenestras.* Quando os alveitares tratam as cavalgaduras perguntam-lhes alguma coisa?

— Não, meu senhor.

— E não as curam tantas vezes?

— Sim, meu senhor.

— Os mudos não são tratados á semelhança das bêstas sem que ninguem lhes pergunte coisa nenhuma?

— São, meu senhor.

— Pois eu, que não sou mudo, desejo que o alveitar me trate como irracional. O que pode acontecer de peior? Que me não cure? Mas, ao menos, não me terá maçado.

Veio o alveitar muito em segredo, e bem industriado pelo famulo: que não dissesse nada mais e nada menos do que dizia ás bêstas que tratava.

Que sim; que faria do mesmo modo, visto que era isso o que o senhor bispo queria.

Entrou o alveitar e sem dizer palavra apontou para o leito, indicando ao prelado que se deitasse para ser examinado melhor.

O bispo obedeceu em silencio.

Então o alveitar, arremangando a camisa, es-

palmando as grandes mãos calosas, começou a apalpar as costellas do bispo.

Mas quando chegou a tocar-lhe no figado, o bispo doeu-se tanto, que se contorceu violentamente.

E o alveitar, proseguindo serenamente apostrophou:

— Chó!

O bispo gostou muito, porque tinha encontrado uma pessoa que se propunha tratal-o sem gastar mais que um monosyllabo.

Não ha em verdade maior delicia para o espirito, nem menos perigosa, do que a de estar entregue cada um aos seus proprios pensamentos.

Sinto em mim duas costellas de frade cartuxo. E tenho reconhecido que o silencio triumpha muito mais que a linguarice.

O duque de Loulé foi o presidente de conselho que menos tem fallado em Portugal.

Batiam-se contra elle os grandes oradores d'esse tempo, que foram os maiores do regime parlamentar.

O duque levantava-se, sempre muito correcto na sua *pose* elegante, e dizia apenas duas palavras.

Pois eram essas duas palavras que valiam.

Porque a camara, depois de as ter ouvido, sabia que o governo não tornaria a fallar...

E por ellas ficava orientada sobre o que lhe cumpria fazer.

Conta-se que um ancião virtuoso, e visinho da montanha que hoje se chama Bussaco, ia ali passar grandes temporadas no silencio do ermo.

Negocios de sua casa obrigavam-n'o a voltar ao povoado, mas, quando descia da montanha, toda a

gente pasmava que voltasse remoçado, mais novo e guapo do que fôra.

Elle dava uma explicação do caso:

— D'aquelle monte *saco bus*.

Como se dissesse: venho saturado de silencio, que é uma coisa que faz muito bem á saude.

Ou, segundo a lição do propheta Jeremias: «Fechei a janella emquanto lá estive.»

Crêem alguns que d'estas palavras *saco bus* veio, por caprichosa transposição, a dizer-se — Bussaco.

E assim o dava a entender aquelle monge do painel que estava á entrada da porta no mosteirinho da serra, e que não sei se ainda lá está, o qual monge, com o dedo indicador erguido sobre a bocca, recommendava silencio.

Uma vez encontrei em Mafra uma ingleza velha, ha muitos annos residente no Porto, que andava vendo o templo.

Fui achal a no vestibulo parada deante da imagem de S. Bruno, o fundador da ordem dos cartuxos, imagem que, pela expressão da physionomia e pela verdade das roupas, é uma verdadeira maravilha artistica.

Essa dama ingleza, que logo trocou comigo a sua admiração deante d'essa bella imagem, chamou particularmente a minha attenção para o bem cinzelado do habito, aqui apanhado, ali cahido, com uma verdade inexcedivel.

— S. Bruno, respondi eu, não precisaria talvez d'esta bella imagem para sua gloria. Bastar-lhe-ia decerto a de ter sido o fundador da Cartuxa, cujos monges pensavam muito e fallavam pouco.

A dama ingleza voltou a sua luneta para mim e fixou-me ironica dizendo:

— Pois é um portuguez que diz isso?!

Apanhei o pião á unha. Senti cahir em cheio sobre mim um epigramma, que abrangia todos os meus compatriotas.

Entramos na egreja quasi ao mesmo tempo.

A ingleza dizia-me coisas, ia chamando a minha attenção para isto e para aquillo.

Eu não respodia nada. Fechei a janella para desaffrontar o paiz. Quando nos separámós, a ingleza apertou-me a mão em silencio e foi almoçar para o hotel Moreira. Se a lição me tinha aproveitado, não lhe aproveitou menos a ella.

Vinguei Portugal, mas o caso não veio ás gazetas e por isso não cheguei a apanhar uma portaria de louvor.

Silencio! gelosia da alma, defesa do espirito, que falta fizeste esta semana!

A faisca, despedida da bocca de Eva, ainda agora está abrazando o mundo.

Fallou-se nas ruas e botequins a respeito do Bigode. (1) Fallou-se na camara dos pares a respeito do milho e do trigo. Cada par do reino fallou durante dois dias para mostrar talvez que um par do reino o deve ser em tudo — até nos dias que consome fallando.

---

(1) Appellido de um individuo julgado e condemnado na comarca de Almada como auctor da morte de uma mulher.

O propheta Jeremias bem dizia do alto da claraboia da sala:

— Fechai a janella.

Ah! bispo! bispo! se tu pudesses resuscitar para dirigir este paiz, ha muito tempo que elle não seria tratado senão por alveitares...

E talvez já estivesse curado.

1899 — Abril.

XV

O FUNDADOR DO ASYLO

Era um homem velho, mais de sessenta annos, nutrido, muito sereno no andar e no fallar, sempre com um sorriso indulgente nos labios.

A expressão dos seus olhos, entre generosa e resignada, revelava uma infinita doçura, calma e profunda.

Rico, muito rico, tinha regressado do Brazil á sua terra natal, uma linda cidadesinha do norte do paiz, onde os salgueiros engrinaldam as margens de um rio que parece feito de crystal.

A sua familia eram duas filhas, duas creaturinhas morenas e languidas, cujos olhos tinham clarões mais brilhantes do que longos. O olhar quebrava-se-lhes, a breve trecho, n'uma calmaria doce, que lembrava o apagar de um occaso.

Eram conhecidas pelas — brazileiras — e consideradas os melhores casamentos de sete leguas em redor.

O pae, tendo desposado a filha de um capitalista do Rio Grande, enviuvára aos quarenta annos e, saudoso da patria, escolhera para viver aquella mo-

desta terra de provincia, onde havia nascido pobre.

Não o deslumbraram as grandes capitaes da Europa, onde a vida é alegre e faustosa. Procurara os montes e as arvores que primeiro amára. Julgou não precisar de mais nada para ser absolutamente feliz na opulencia.

Das suas duas filhas, a mais velha principiara a manifestar symptomas de tuberculose hereditaria. A mãe tinha morrido tysica no Brazil. E para salvar a vida da filha, o *brazileiro da Praça*, como na sua terra diziam, fôra passar alguns invernos na ilha da Madeira, porque n'aquelle tempo não se fallava ainda em climas de altitude.

Todos estes cuidados, dispensados a peso de oiro, apenas conseguiram retardar a marcha da doença. O *brazileiro* vira morrer a sua primeira filha ao cabo de quatro annos de soffrimento, quando já a outra revelava inquietadores signaes d'essa terrivel herança de familia.

N'uma tristeza tranquilla, cheia de resignação e de conformidade, o *brazileiro* dedicara-se á vida e á saude da sua segunda filha.

Fizera largas viagens por mar, voltara a passar os invernos no Funchal, n'uma bella quinta que só tinha sido habitada por lords inglezes e principes russos.

Mas a tuberculose seguira a sua marcha, e o *brazileiro* perdera a segunda filha como já havia perdido a primeira.

Ficára só no mundo, com o seu dinheiro que era muito, e que chegava a pesar-lhe como uma coisa inutil de que a gente se esquece.

Procurára lenitivos na caridade, fonte inexgotavel de resignação.

Mandou construir um vasto asylo para velhos e velhas e, desde pela manhã cedo até ao fim da tarde, elle proprio fiscalisava as obras, estimulava a actividade dos operarios gratificando-os, e indicava as alterações que julgava preciso introduzir no projecto do edificio para maior commodidade dos asylados.

Concluida a obra, que levou muito menos tempo do que toda a gente imaginava, rapidamente se povoou o asylo com velhos e velhas, «que não tinham familia.»

Era esta a condição unica, que elle impunha na escolha dos asylados.

Levantando-se ao romper da manhã, o *brazileiro* sahia logo do seu palacete na Praça em direcção ao asylo.

Ia assistir á oração, depois ao almoço. Adoentado ás vezes, nem por isso faltava. O mais solicito empregado não poderia excedel-o no zelo e carinho com que elle tratava «os seus velhos e as suas velhas», quasi todos rabujentos, muitos d'elles já dementes.

A's vezes um velho, de olhar desvairado, parava deante d'elle a querer deter-lhe os passos e a dizer-lhe :

— E's o meu Ricardo, sim, és tu mesmo... Foste embora ha tanto tempo, e não tinhas apparecido... Ingrato !... Não me lembro bem como isso foi, mas nunca mais tornaste a apparecer a teu pae.

E o *brazileiro*, em cujos olhos se avivava mais a

expressão calma de profunda doçura, parava a ouvil-o com bondade, sem ousar dizer-lhe uma unica palavra, que pudesse roubar ao pobre velho a illusão de ter encontrado seu filho ha muito tempo ausente, e talvez já morto.

Havia no asylo uma velha — eu mesmo a vi e ouvi algumas vezes — que tinha um odio profundo ao *brazileiro*.

Estava paralytica das pernas e passava os dias sentada na cama a regougar ameaças, a cantar, com voz roufenha, cantigas de uma vaga nebulosidade apocalyptica, que ninguem podia entender.

Quando via o fundador do asylo, exaltava-se, gesticulava, fazendo menção de aggredil-o; tentava arremessar-lhe a almofada do leito.

— Foi este mesmo, foi este monstro, bramia ella — que desgraçou a minha Carlota... Estás nas profundas do inferno, monstro! Hei de matar-te um dia e mandar-te de presente ao diabo, que não ha de ficar rico comtigo.

O *brazileiro* passava rapidamente ao longo do dormitorio, fugindo para não prolongar a exaltação da velha asylada.

E ia dizendo: «coitadinha! coitadinha!» cheio de ternura e de misericordia.

E voltando-se para o fiscal que o acompanhava sempre:

— Tratem-n'a muito bem, muito bem. E nunca procurem convencel-a de que eu não sou o homem que julga. Ao menos, assim, desabafa a sua dôr. Coitadinha! coitadinha!

A' porta da capella, sentada n'um degrau, cos

tumava pousar, esbaguando as contas do rosario, uma velha que resava muito, que resava sempre, desde que se levantava até que adormecia.

Quando o *brazileiro* passava, ella erguia-se do degrau, avançava para elle, detinha-o e dizia lhe:

— Resemos um Padre Nosso pelas almas do Purgatorio.

E o *brazileiro* resava tambem:

— Padre Nosso, que estaes no ceu, santificado seja o vosso nome.

Depois, muito satisfeita por ter conquistado mais um allivio para as almas do Purgatorio, a velha do rosario ia sentar-se no degráu da capella e continuava a rezar — *Padre Nosso.*

Quando o *brazileiro* chegava á secretaria, de cujas paredes pendiam os retratos das suas duas filhas, demorava o olhar nos retratos, e nunca os seus olhos pareciam mais doces do que n'essa occasião.

Depois, já sentado na cadeira de couro tauxiado, que lhe era reservada, dizia habitualmente: Coitadinhos! coitadinhos d'elles, os meus velhos!»

E examinava as contas, as tabellas, os mappas, pagava aos fornecedores, dava instrucções aos empregados.

A's vezes, quando sahia, ouvia cantar a velha que o costumava insultar, e recommendava ao fiscal:

—Não a desilludam nunca, coitadinha! coitadinha!

E já na rua, se encontrava alguem:

— Venho de vêr os meus velhos, que são a minha familia.

1900 — Julho.

XVI

O PAPAGAIO

Entrou o inverno em scena — e a Duse tambem. Duas celebridades consagradas, ambas colossaes, porque uma é o vendaval e o trovão e a outra tem o que quer que seja de revôlta tempestade de talento e de nervos...

Ambas inimitaveis, porque a chuva e a trovoada no theatro ficam muito áquem da verdade da natureza, e a Duse não pode ser copiada por ninguem, tão complicada é a sua organisação artistica, tão carregados de electricidade vibram os seus nervos de actriz originalissima.

Alem do que, o inverno parece-se com os actores famosos, em não mudar de repertorio, visto que tanto um como os outros dão a volta ao mundo sempre com o mesmo scenario e as mesmas peças.

Assim, a *Segunda mulher de Tanqueray* e a *Princesa George* estalam de acto para acto em ribombos de ciume, mas a *Dama das camelias* é como um

dia de sol romantico intercallado n'uma semana de temporal, o que ás vezes acontece e ainda esta semana aconteceu.

Pelo que respeita a *toilettes*, são roçagantes e magestosas tanto as das grandes invernias como as das grandes actrizes.

Qualquer dia de cerração, como os que temos tido agora, obriga a natureza a vestido preto constellado de gotas d'agua.

Na *Segunda mulher de Tanqueray*, a Duse appareceu tambem de preto, com perolas, parecendo que essa soberba *toilette* era realmente feita de nuvens e de gotas de agua.

Ha pessoas que gostam muito do inverno, dormindo melhor quando ouvem cahir a chuva ou assobiar o vento, e jantando vorazmente depois de terem apanhado uma formidavel molhadella.

Do mesmo modo, ha quem só esteja deliciado no theatro quando vê em scena famosas celebridades, embora representem n'uma lingua extranha, de que se perde pelo menos metade das palavras.

Outras pessoas não gostam senão dos dias serenos e inoffensivos, e dos actores que não façam agitar muito os nervos.

Quanto ao inverno, eu acho-o uma estação insupportavel, a mais deprimente de todas para o orgulho dos homens.

Vêr uma pessoa na rua, n'um dia de temporal desfeito, com as botas enlameadas, o *paletot* escorrendo agua e o chapeu de chuva esfrangalhado, é humilhante para a nossa especie.

Não ha celebridade que resista a um aguaceiro.

Encharcados, todos os homens são iguaes. Perdida a elegancia, o aprumo, a impassibilidade gentil, real ou apparente, que uma pessoa affecta possuir quando sai de casa, não fica mais que a «junça do brejo» a que se referia Herculano, uma coisa reles e mesquinha, o manequim desconcertado pelo vento, pela chuva e pela lama das ruas.

Resta, é verdade, o recurso do trem.

Mas se o trem tem o que quer que seja de triumphal n'um dia de sol, quando parece que vae conduzindo heroes e rodando para o Capitolio, n'um dia de chuva faz lembrar uma carruagem cellular, que transporta penitenciarios empilhados uns contra os outros, dobrados sobre si mesmos, privados de vêr a luz e de respirar livremente.

Um exercito, ainda que marche victorioso, se o fizer n'um dia de temporal, perde todo o seu garbo militar, todo o seu brilho marcial, as bayonetas não scintillam, as plumas não fluctuam, a côr das fardas não vive.

Quanto a celebridades de theatro, ha muitas pessoas que não dão um passo para ir vêl-as.

Teem-lhes medo como á tempestade e contentam-se de ler nos jornaes a noticia do espectaculo, como se se tratasse de saber onde foi que na vespera caiu uma faisca electrica, ou onde foi que a inundação causou maiores estragos.

Entram n'este numero as sr.as Germundes, que durante toda a semana não puzeram pé no theatro D. Amelia e andaram passando as noites por casa de algumas das suas amigas, as quaes pensam do mesmo modo a respeito de celebridades dramaticas.

Em que se entretiveram todas essas boas senhoras nos serões de tão calamitosas noites de inverno, como as que temos tido agora?

Nas mil bagatellas que podem entreter a conversação n'uma sala, com alguns numeros de piano e alguns expedientes de phantasia para aligeirar as horas.

Terça feira, noite em que as senhoras Noronhas receberam, uma d'ellas fallou do seu tótó, que parece ensinado por qualquer palhaço do Colyseu. Anda a pé, com as mãos no ar, pára, marcha, volteia, segundo as vozes de commando que lhe dão.

Veio á sala o tótó para fazer prova publica das suas habilidades, e todas desempenhou com notavel galanteria.

Levantou-se, firmou-se, marchou, parou, volteou. Um encanto!

Mas a D. Gabriella Germunde, que é a mais ladina de todas as Germundes hystericas, não se deu por deslumbrada com esta exhibição maravilhosa do canito bailarino, e apregoou que o seu papagaio, que o padrinho lhe trouxera do Pará, não era inferior em habilidades e prendas.

— Que fallava como o José Estevam! affirmou.

Movimento de incredulidade na assembléa.

— Ora essa!

— Esta Gabriella tem exaggeros!

— O' menina! por que não fizeste deputado o teu papagaio?

A Germundesinha estomagou-se.

— Não acreditam! Pois é certo que apanha um assumpto no ar e discorre logo sobre elle.

— Sobre o ar?

— Não! sobre o assumpto.

— O' filha! deves andar pelo mundo a mostrar essa maravilha de bicho.

— Duvidam ainda! Pois como trouxemos o criado, vou mandar buscar o papagaio.

As irmãs gritaram logo:

— Que tolice, Gabriella! deixa-te de creancices. Quando estas senhoras lá forem a casa, poderão vêr.

— Ha de ser hoje, que eu não gosto de estar sob a suspeita de mentir.

As outras senhoras fizeram côro:

— Isto não é ponto de honra, Gabriella!

— Olha que não vale a pena!

— Quando nós lá formos.

Mas a Germundesinha quiz liquidar a questão do papagaio e mandou o criado a casa buscal-o.

Chovia. Disseram-lh'o. Não se importou. Contrapoz que os criados não faziam apenas serviço no bom tempo. De mais a mais moravam perto.

Como era de suppor, o criado, quando soube que ia buscar o papagaio, aborreceu-se.

Estava a namorar uma criada na cosinha das Noronhas. Empregou argumentos para não ter que sahir: que o papagaio podia constipar-se; que lhe faria mal perder o somno, etc.

Mas a Germundesinha bateu o pé com auctoridade: que fosse immediatamente.

O criado foi.

Quando elle entrou em casa das Germundes vociferava:

— Com uma noite d'estas mandam as toleironas buscar o papagaio!

O animal abriu os olhos no poleiro e mostrou-se espantado de que o fossem incommodar áquella hora.

— Tem paciencia, meu bicho!

A cosinheira das Germundes perguntou ao criado o que tinha vindo fazer a casa para incommodal-a a abrir a porta.

O criado continuou a vociferar:

— Com uma noite d'estas mandam as toleironas buscar o papagaio!

E pegando no poleiro, muito indignado, desceu a escada resmungando.

O guarda-portão, que ouviu bater com força a porta do segundo andar, accordou no seu cubiculo e perguntou:

— O' sr. José! que veio você cá fazer?

Teve logo a resposta:

— Com uma noite d'estas mandam as toleironas buscar o papagaio!

E sahiu a porta com o poleiro abrigado debaixo do chapeu de chuva.

Assim que a Germundesinha, em casa das Noronhas, ouviu tocar a campainha, correu ao corredor a esperar o papagaio.

Estavam tomando chá, á roda da mesa, onde collocou o poleiro.

O papagaio parecia mono, dorminhoco.

Mas foi excitado por Gabriella, que lhe bateu as palmas, maneira habitual de o fazer fallar.

Houve um momento de espectativa anciosa.

Gabriella insistia com repetidas palmadas e com algumas phrases de animação e estimulo: «Falla, meu loiro. Não me deixes ficar mal, meu bicho.»

Finalmente, o papagaio fitou-a muito sereno, resolveu-se a fallar e disse de rijo:

— Com uma noite d'estas mandam as toleironas buscar o papagaio!

1900 — Dezembro.

XVII

VILLÃ E FIDALGA

No opusculo *A vilan fidalga ou aventuras e transformações da filha de um moleiro conhecida em Lisboa pela alcunha de D. Marianna Joaquina Franchiosi Rolem Portugal*, publicado em Lisboa (1840) por Luiz Caetano da Rocha, conta-se que esta D. Marianna, famosa aventureira, tinha uma filha cuja paternidade attribuia a D. Miguel de Bragança.

Não parece coisa facil saber se D. Marianna era, effectivamente, a mãe d'essa creança, pois que durante algum tempo a apresentou como sua afilhada, filha de uma mulher que lhe fazia serviços, e depois a declarava sua filha e de D. Miguel.

Tambem se dizia que era filha de um inglez.

A propria D. Marianna, se realmente era mãe da creança, não saberia dizer ao certo quem fosse o pae, tão variada e numerosa foi a galeria dos seus amantes.

Uma coisa, apenas, parece bem clara: é que D. Marianna teve relações intimas com D. Miguel, cu-

jos aposentos frequentava dia sim, dia não, e cuja causa politica servia fazendo espionagem.

Camillo Castello Branco encontrou no folheto de Luiz José da Rocha a mãe e a filha, que introduziu como personagens no romance *O carrasco de Victor Hugo José Alves*.

Diz ahi, para conduzir a acção da novella, que D. Marianna era a mesma dona da casa de hospedes, onde o principe Lichnowsky se aposentou na rua do Corpo Santo, junto ao Caes do Sodré.

E' certo que D. Marianna teve uma hospedaria, mas em outro local: ao pé da Praça da Figueira na rua dos Douradores.

A pessoa a quem o principe Lichnowsky se refere não se chamava Marianna; era a *Carlota dos pés grandes*. cuja filha, sua e de D. Miguel, foi D. Maria da Assumpção de Bragança, que falleceu em Roma no mez de julho de 1897.

Devo ao marquez de Vallada, que chegou a conhecer a *Carlota dos pés grandes*, a informação de que ella fôra a mãe d'aquella princesa bastarda, e de que tivera, ao Corpo Santo, a casa de hospedes onde Lichnowsky se aposentou.

Camillo urdiu phantasiosamente, sobre o folheto de Luiz Caetano da Rocha o enredo do *Carrasco de Victor Hugo José Alves*.

Apenas corresponde á verdade historica a identidade de D. Marianna, cuja vida, n'um impulso de vingança, o Rocha assoalhou cruelmente, se bem que ella tivesse sido uma aventureira que explorou o amor escorripichando, sedenta, os corações e as algibeiras do proximo... masculino.

No romance de Camillo, a filha de D. Marianna e de D. Miguel, se é que o foi, chama-se Maria José, luveira estabelecida na rua Nova da Palma, depois condessa de Baldaque.

A filha da *Carlota dos pés grandes*, que o romancista identificou imaginosamente com a filha de D. Marianna, viveu em Roma sustentada por uma pequena pensão do Instituto Portuguez de Santo Antonio.

A folha parisiense *O Figaro*, de 10 de julho de 1897, dando noticia do seu fallecimento, dizia ter havido um momento em que D. Maria d'Assumpção de Bragança esperou obter a situação de princesa de sangue, mas que a morte de el rei D. Luiz impedira que os seus desejos tivessem solução favoravel.

Isto não é verdade, nem o podia ser, segundo o decreto de 18 de março de 1834 e a carta de lei de 19 de setembro do mesmo anno.

O que é certo é ter o papa Pio IX querido reconhecer D. Maria d'Assumpção como filha de D. Miguel de Bragança, e ter o cardeal Antonelli contrariado este designio por se não saber se relativamente á mãe haveria algum impedimento canonico.

Posto isto vamos n'um relance contar a biographia de D. Marianna, a famosa aventureira, que teve intimidades com D. Miguel de Bragança.

Esta mulher, segundo a versão do folheto *A vilan fidalga*, é um typo completo de romance realista.

Precedeu Zola e todos os outros luminares da photographia litteraria que reproduz em flagrante os costumes torpes.

Foi baptisada aos 2 de novembro de 1797 na freguezia da Santa Izabel em Lisboa, como filha de Euzebio Joaquim, moleiro em Azeitão, e de Marianna Joaquina, recebendo o mesmo nome da mãe.

Muito nova ainda, fugiu ao pae com um official de marinha, que a trouxe para Lisboa, onde lhe poz casa junto á Fundição

Depois, rôtas essas ligações, teve artes de apanhar um marido acommodaticio, João Lopes Gonçalves, natural da Covilhã, sombreireiro de profissão, com quem casou em Villa Fresca de Azeitão a 25 de outubro de 1814, tendo ella dezesete annos de idade.

A breve trecho o marido fugiu-lhe, talvez por se desenganar de que Marianna era rebelde á rehabilitação canonica.

De 1817 para 1818 vamos encontral a em casa de madame Chapsal como criada de servir.

Quatro annos depois, Marianna tinha achado melhor collocação como governante de um padeiro rico, Manuel Rodrigues, estabelecido na travessa do Secretario da Guerra e domiciliado n'um 1.º andar do pateo do Picadeiro a S. Carlos.

A esse tempo, a aventureira assignava-se Marianna Joaquina da Conceição Elisia, nome plebeu, em que aliás denunciava uma certa tendencia para futura aristocratisação.

Marianna puxava-se aos Elisios.

Cinco annos durou a cohabitação com o padeiro. Mas um bello dia Marianna passou-lhe o pé, roubando-lhe anneis de diamantes, colhéres de prata, dinheiro e roupas.

O padeiro deu querella em juizo, e Marianna foi pronunciada como ladra.

Mas não consta que fosse presa, certamente porque a esse tempo já dispunha de protecções valiosas e... numerosas.

Os valores subtraidos ao padeiro serviram-lhe para estabelecer na rua dos Douradores uma hospedaria, destinada a fins occultos, e muito bem frequentada.

Ahi encontrou Marianna Joaquina não só freguezes, mas tambem apaixonados, que ella acceitava sem olhar a idades, e sem distincção entre paisanos e militares.

Assim foi que teve por amantes Luiz da Motta Feo, o coronel de milicias Barrão, o tenente de cavallaria Antonio Sicard, um tal Rego cuja posição social ignoro, e o desembargador Ferraz, a cuja casa, na travessa do Pombal, Marianna Joaquina ia todos os dias.

Foi com o auxilio do desembargador que ella começou a aristocratisar-se.

Largou a hospedaria e a rua dos Douradores, vindo morar para o largo do Carmo.

Subia. Já lhe não servia a Baixa.

O desembargador Ferraz, cabelleira lamecha, atirou com a beca por cima dos moinhos, e entregou-se d'alma e vida aos encantos de Marianna Joaquina.

Poz-lhe carruagem, e esteve por um triz a acceitar a paternidade de um menino de que fôra padrinho e de que ella se dizia mãe, o qual tinha sido baptisado como filho de pais incognitos na freguezia de S. Nicolau.

A esse tempo já a famosa aventureira se intitulava D. Marianna Joaquina de Portugal, no que aliás não mentia, por ser effectivamente Marianna Joaquina, e de Portugal — por ser portugueza.

O desembargador Ferraz morreu quasi de repente, e Marianna apoderou-se de um bahu em que elle tinha os seus papeis.

A fim de que não pudessem facilmente encontral-a, nem ao bahu, mudou-se furtivamente do largo do Carmo para o Paço do Boi Formoso.

Cada vez mais audaciosa, tentou conseguir que o prior de S. Nicolau alterasse o assento de baptismo do menino, de modo que figurasse como pai o desembargador, que por procuração se havia feito representar como padrinho.

Uma trapalhada.

O prior resistiu a esta tentativa de suborno, e Marianna Joaquina teve artes de arrancar ao vigario geral do patriarchado uma ordem para que o referido parocho fizesse investigações sobre a paternidade authentica do menino.

Foram ouvidas como testemunhas trez mulheres, indicadas por Marianna Joaquina, mas o prior de S. Nicolau surprehendeu-as em contradicções, que plenamente lhe confirmaram o embuste.

Finalmente, um preto, de nome José de Faria, que alternadamente tinha sido criado do prior e de Marianna Joaquina, poz tudo a claro: declarou que ella havia comprado o menino para o impingir ao desembargador, primeiro como afilhado, depois como filho.

Aqui falhou a audacia, porque a trapaça não pegou.

Continuando a subir na escala da sua profissão, Marianna Joaquina principiou a habitar predios caros, nas ruas da Emenda e da Magdalena.

Não lhe foi difficil captar as boas graças de D. Diogo de Menezes Ferreira d'Eça, terceiro conde da Louzã, ministro e secretario dos negocios da fazenda em 1828, no governo do infante D. Miguel.

Data d'esta epoca o valimento politico de Marianna Joaquina, que principiou a explorar a industria de protectora de pretendentes.

De ministro para cima estava natural e logicamente indicado o principe reinante: por isso Marianna Joaquina tratou de enfeitiçar o infante D. Miguel, crescendo em audacia a ponto de lhe querer impingir uma filha por o mesmo processo que tinha seguido com o desembargador Ferraz.

Quando veio D. Pedro, D. Marianna Joaquina Franchiosi Rolem Portugal tinha-se naturalisado franceza.

Diz Luiz Caetano da Rocha que seria para mais facilmente poder evitar que a policia liberal a perseguisse como creatura de D. Miguel e dos miguelistas.

A causa não póde ter sido esta, porque um documento, que o proprio Rocha publica, mostra que já em 1831, isto é, antes de vir D. Pedro, Marianna Joaquina tinha adoptado o appellido Rolem, graphado á portugueza; e que o moleiro de Azeitão e a mulher, para favorecerem a nobilitação da filha, haviam declarado perante um tabellião que elles não eram seus pais, nem parentes, mas que Marianna lhes tinha sido confiada na infancia para crear.

Pendo a crêr que a aventureira, estonteada pela convivencia do ministro da fazenda e do principe reinante, apenas pretendia aristocratisar-se, e que, para maior verosimilhança de uma origem nobre, inventou que não era filha de seus pais e que sendo — de Portugal — não era portugueza.

Dignos pais de tal filha! digna filha de taes pais!

Em 1839, Luiz Caetano da Rocha, o auctor do folheto *A villan fidalga*, quiz fazer valer um titulo de divida que Marianna Joaquina lhe tinha passado. Ella declarou em juizo que a sua assignatura havia sido falsificada por elle.

O Rocha foi processado, esteve 80 dias preso e, na audiencia para ratificação da pronuncia, o juiz obstou a que o advogado do réo, o dr. Antonio José Dique da Fonseca, puzesse ao sol toda a vida de Marianna Joaquina, lacuna que o proprio Rocha depois suppriu publicando o folheto em seu desaggravo.

O jury não ratificou a pronuncia; e reconheceu ter havido dolo na querella

O delegado do ministerio publico não teve mão em si que não censurasse fogosamente os jurados em pleno tribunal.

Depois de 1840 perde-se a pista de Marianna Joaquina Franchiosi Rolem Portugal.

Ella devia ser ainda uma bella mulher de 43 annos, cuidadosa e ciosa do seu corpo, que tão lucrativos serviços lhe havia prestado.

E' de suppôr que causasse outros damnos e conflictos, porque lhe estavam na massa do sangue as manhas de aventureira seductora.

E o que o berço dá a tumba o leva.

Camillo explorou liberrimamente o opusculo de Luiz Caetano da Rocha, e em parte o contrariou fazendo suppôr aos leitores do *Carrasco de Victor Hugo José Alves*, que Marianna Joaquina não era filha do moleiro de Azeitão, mas sim quarta neta de uma filha de Affonso VI.

Uma filha de Affonso VI parece coisa inverosimil.

Tanto mais que teria nascido de uma Catharina Arrais, a qual havia fugido de Coimbra com um primo, Manoel Arrais, e com elle vivia quando lhe foi violentamente arrancada dos braços por ordem de Affonso VI.

Para o effeito da paternidade acho que o Arrais seria mais apto marinheiro do que o platonico piloto que succedeu no throno a D. João IV e que, segundo reza a fama, naufragou sempre nos mares deleitosos do amor.

Quer isto dizer que não creio nada na historia da filha de Affonso VI, e que Marianna Joaquina nem foi neta de reis, nem mãe de principes, mas apenas — o que já não é pouco — uma aventureira de trez assobios.

1901—Janeiro.

XVIII

A MENINA DOS ROUXINOES

No dia 1.º de setembro de 1901 passei algumas deliciosas horas no logar de Argemil, concelho e freguezia de Santo Thyrso, onde um parente e amigo meu, Guilherme da Costa Leite, me offereceu um jantar de familia e uma festa campestre.

N'esse dia, que não posso esquecer, por muitas vezes me acudiu ao espirito o nome de Garrett, e não sei que vaga mas insistente lembrança das *Viagens na minha terra.*

Isto até certo ponto explica-se.

Eu tambem andava viajando na minha terra, não ao sul, como Garrett, mas ao norte, e n'uma provincia, que Almeida Garrett conheceu e amou, onde residem pessoas que teem o seu appellido.

Argemil é um logar deleitoso, á beira do Ave, eapaz de competir em formosura e amenidade com o Valle de Santarem, o antigo, que o actual está muito mudado e differente do que era.

Garrett pintou assim o Valle: «não ha ali nada grandioso nem sublime, mas ha uma como syme-

tria de côres, de sons, de disposição em tudo quanto se vê e se sente, que não parece senão que a paz, a saude, o socego do espirito e o repouso do coração devem viver ali, reinar ali um reinado de amor e benevolencia».

No tempo em que Almeida Garrett o visitou, era aquelle logar muito mais pittoresco do que hoje é.

Toda a região de vinhos desde o Cartaxo até ao Valle de Santarem cançava pela sua monotonia, e uma aridez desolada extendia-se em vasta charneca até ao ponto em que se encontrava o caminho do Valle.

Era uma azinhaga onde a vegetação crescia livremente. A um dos lados deslisavam as aguas de um arroyo claro. Lindo prologo do Valle, que finalmente apparecia, sempre bello, delicioso pomar de laranja onde, no tempo da flor, os aromas que se espalhavam no ar eram inebriantes e suavissimos.

Tudo isto preparava agradavelmente o espirito, dispondo-o para os devaneios da imaginação.

Facil foi, pois, a Garrett, a um tal homem como Garrett, poetisar a casa do Valle e encantar-se deante da janella onde uma cortina branca deixava entrevêr o vulto de Joanninha, a menina dos rouxinoes e dos olhos verdes.

Eu sempre estive capacitado de que Joanninha era a recordação de uma pessoa querida na vida de Garrett, posta ali, n'aquelle então formoso Valle de Santarem, como se põe uma téla de estimação na melhor moldura que pôde encontrar-se, embora a téla tenha vindo de longe á procura de moldura condigna.

Lancei os olhos para o passado do poeta, em busca de uma prima, de uma companheira e amiga de infancia, de uma creatura meiga e boa, talvez nada formosa, que, annos volvidos, lembra de repente com profunda e doce saudade, n'um sitio em que a gente experimenta um grato bem-estar do espirito no meio da paz e da harmonia da natureza.

Disse isto uma vez ao dr. Carlos Guimarães, genro de Garrett. Elle não repelliu esta hypothese e ficou de fazer uma revisão a toda a correspondencia intima do poeta, no empenho de encontrar algum documento que me désse razão. Achou uma carta, de uma prima, que vivia na quinta da Carreira, em S. Miguel das Aves, actualmente concelho de Santo Thyrso, tambem.

E essa prima chamava-se «Joanna», e na carta fazia recriminações a Garrett por a ter esquecido na vida tumultuosa de Lisboa.

Gritamos: «Eureka!» Mas appareceu tambem um retrato da signataria da carta, e esse retrato — Deus meu! — abriria conflicto com a esthetica de qualquer poeta vulgar, quanto mais um poeta de tão fino gosto como Garrett.

Não ha duvida que as *Viagens* dizem a respeito da *menina dos rouxinoes*: «Joanninha não era bella, talvez nem galante siquer no sentido popular e expressivo que a palavra tem em portuguez, mas era o typo da gentileza, o ideal da espiritualidade.»

Eu não vi o retrato, mas encontrou-o e viu-o o dr. Carlos Guimarães, que o deve ter deixado no seu espolio; e foi elle mesmo, o genro de Garrett, que me disse e affiançou que a «prima da Carreira»

não revelava nenhum traço de identificação com «a menina dos rouxinoes.»

Mas a carta lá estava — e deve estar no espolio do dr. Carlos Guimarães — e continha queixumes, lamentações da signataria por haver sido esquecida, talvez em razão de não ser bella, nem sequer galante como a *menina dos rouxinoes*, e nem ao menos tão gentil e espiritual como ella.

O que restava, pois? Identificar a alma dedicada, leal e dolorida da «prima da Carreira» com a gentileza, a graça, a physionomia e a figura de outra mulher.

Ora isso é o que eu vou fazer.

Tenho que fallar, portanto, de duas mulheres. Comecemos pela primeira, a prima. A boa logica manda começar pelo principio.

A prima de Garrett tinha duas irmãs: uma, Antonia, que desposou José de Menezes, residente na Gollegã; outra, Maria Antonia, que parece ter sido freira professa em Aveiro.

Seus pais chamavam-se Thomaz de Aquino e Almeida e D. Anna Lima Barreto.

D'este consorcio tambem houve um filho: foi o conego Thomaz de Aquino de Lima e Almeida.

Joanna deixou todos os seus bens a uma senhora D. Thomasia Maria Amalia do Amaral, creio que sua sobrinha.

Foi esta senhora que por sua vez deixou em testamento a quinta da Carreira a Alexandre Garrett [1], irmão do poeta.

---

[1] Pai de Rodrigo, José Maria e Gonçalo Garrett: este ultimo é lente de mathematica na Universidade.

O registo do testamento fez-se na administração do concelho de Santo Thyso em 27 de abril de 1838.

A testadora deve ter fallecido n'essa occazião em S. Miguel das Aves, solteira.

A quinta da Carreira ficou pagando uma pensão á baroneza de Almeida. Quando esta titular falleceu, a pensão passou para sua irmã D. Henriqueta de Menezes. Estas duas irmãs eram mais proximas parentas de Joanna que os Garretts.

Eis aqui o que eu pude averiguar á cerca da prima de Garrett, segundo os apontamentos que me deu o dr. Carlos Guimarães.

Resta tornar a dizer que era feia, tando um bocca quazi defeituosa pela má implantação dos dentes.

Mas esta «prima da Carreira», que chorava saudades do primo, e que lh'o dizia, chamava-se «Joanna», que foi o nome que Almeida Garrett poz á menina do Valle.

O Carlos das *Viagens* era primo de Joanninha, e Garrett era primo da menina da Carreira.

Eu creio ainda que a Joaninha do Valle é a Joanninha da Carreira ao menos no nome, no parentesco e por suave recordação de infancia.

Em tudo o mais. . . ha outra. Quem é?

Procurei sabel-o por intermedio d'uma pessoa que conhecesse a preceito o Valle de Santarem.

Essa pessoa appareceu, foi o meu illustre amigo e digno par do reino sr. Luiz Antonio Rebello da Silva, filho do fallecido e brilhante escriptor d'estes appellidos. Tem casa no Valle, herdada de seu avô,

desembargador; casa que serviu de quartel general ás brigadas que ali se acantonaram em 1810, 1833 e 1846.

O sr. Rebello da Silva, para me obsequiar, colheu o depoimento de um velho do Valle, Belchior da Costa, que tem perto de 90 annos, e toda a lucidez de espirito, ainda.

Oiçamos o que disse a tradição oral colhida no Valle:

O nonagenario Belchior da Costa crê que a «menina dos rouxinoes» fosse D. Maria Ritta de Oliveira, tia de Rodrigo da Costa Alvares, senhora muito intelligente, instruida e sympathica. De mais a mais, tinha os olhos verdes.

No tempo em que o visconde de Almeida Garrett passou no Valle, Rodrigo da Costa Alvares, residente na casa onde actualmente está a viuva Monteiro, trazia de arrendamento a quinta do Bico, onde, em pleno Valle, D. Maria Ritta ia passar muitos dias.

Não admira que Almeida Garrett a visse, e reparasse na côr dos olhos, e conversasse a dama, e ficasse encantado com a sua graça e intelligencia. Nem tambem deve admirar que, por conveniencia social, lhe occultasse o nome, e fosse buscar para ella o nome da «prima da Carreira», ao qual viria presa alguma recordação da infancia: assim tambem o verde frouxel do musgo vem preso á pedrinha que se arrancou a um muro velho como recordação de algum logar.

Não se me dá de apostar que a «prima da Carreira» teria os olhos pretos, a que Garrett chamou

os mais sinceros e leaes. Leaes e sinceros, porque ainda o viam de longe, e choravam por elle. Confessa Garrett que «nasceu» na religião dos olhos pretos. Mas uma *unica vez* na sua vida viu os olhos verdes, e encantou-se. Foi quando passou no Valle, e encontrou D Maria Ritta de Oliveira.

1902 — Abril.

XIX

O PRIMEIRO TORMENTO DE UMA RAINHA

Toda a correnteza de lindas salas, que constituem o pavimento inferior do palacio de Queluz, brilhava n'uma ardentia immensa de candelabros, talha dourada e espelhos, como se um polvilho luzente e palpitante cahisse do ar esvoaçando n'um incessante adejo.

As paredes, ouro e crystal. O chão em marmore de côres e xadrez de madeira com phantasiosos embutidos. Os tectos caprichosamente apainelados por notaveis pintores. O mobiliario sumptuoso e deslumbrante: tremós e cadeiras do tempo de D. João V, adquiridos pelo infante D. Francisco; grandes talhas do Japão, especialmente n'uma das salas, a que deram o nome; escabellos e tamboretes, branco e oiro, estofados de preciosas almofadas de Damasco azul ou vermelho; coxins e supedáneos de velludo escarlate com altos relevos doirados; columnas de ebano torneado sustentando bustos e estatuetas; jarras da India guarnecidas de preciosas flores ar-

tificiaes manipuladas nos conventos de freiras; cofres de madre-perola, de tartaruga, de xarão, de prata *repoussée*, alguns de oiro, cravejados de pedras preciosas; infinidade de custosos *bibelots* vindos de longe por mimo realengo e esparsos sobre os contadores e as misulas.

Todas as portas, abrindo sobre o jardim, deixavam entrar a frescura da noite, o aroma das flores, o murmurio da agua.

Das arvores pendiam lanternas multicores, que esmaltavam a verdura e illuminavam os canteiros. riscados á italiana, as estatuas, os vasos de marmore, as estufas, os lagos, os repuxos, os canaes e as pontes.

A grande cascata, por entre jorros de agua e de luz, liquefazia diamantes que rolavam cantantes e phosphorescentes sobre um fundo esculptural de marmore branco.

No vasto terreiro, que se enobrece com a fachada do palacio, muito embrincada de ornatos, jonicos e doricos, ardiam fogueiras e cantavam saloias, celebrando, sob o favor real, a noite tradicionalmente alegre do Precursor.

Em Queluz podia haver serenins e opera em qualquer noite do anno, distracção predilecta da côrte de D. Maria I, como já o fôra no tempo de seu pae: a pintura do tecto n'uma sala do palacio testemunha ainda hoje as aptidões musicaes da familia real portugueza, guiadas sob a direcção do maestro David Peres.

Mas as duas noites de maior brilho e animação em Queluz, durante todo o anno, eram a de S. João,

por tradição popular, e a de S. Pedro, nome do marido da rainha, seu tio paterno.

A' festa da côrte, n'essas privilegiadas noites, correspondia a festa da rua. Duplicava-se o regosijo, fóra e dentro do palacio; dir-se-ia uma obra composta em dois tomos e inspirada por uma alegria commum.

Na côrte resplandeciam ainda os ultimos fogachos de grandeza cezárea, que D. João V requintára com os olhos postos em Luiz XIV, e que tendiam a apagar-se agora, como um sol no occaso. A realeza, amparada pela frouxa mão de uma rainha timida e excessivamente escrupulosa, decahia de antigas pompas e do fausto que a engrandecera. No palacio dos nossos reis ia se perdendo a alegria de viver, a consciencia e orgulho do poder real. Era como se tivesse soado a ultima hora das magnificentes elegancias, copiadas de França; do esplendor dos saraus, das caçadas e dos torneios; das aventuras amorosas de capa e espada; e até d'essa polychromia estonteante dos estofos vivazes que revestiam as salas e os corpos n'uma opulencia de côres, que as duas côrtes de Luiz XIV e Luiz XV haviam posto em moda.

O cezarismo amára as tintas claras, os tecidos luminosos, as joias rutilantes, as fitas e plumas variegadas.

Era um symptoma inconsciente da sua propria vitalidade.

Na rua, as festas populares reflectiam, ainda ao iniciar-se o reinado de D. Maria I, o brilho de que se opulentava o devocionário dos reis.

As de Queluz, no S. João e S. Pedro, eram ruidosas e largamente subsidiadas pela munificencia régia; além das fogueiras e descantes, havia um grandioso fogo de artificio, a que a familia real vinha assistir da ampla janella do pavilhão central.

Na côrte, o esplendor dos saraus tinha a alimental-o não só os ultimos vestigios do cezarismo moribundo, mas tambem a feliz coincidencia de haver em torno da rainha um grupo de princesas suas irmãs, que, juntando-lhes todas as suas camareiras, damas de honor, donas da camara e açafatas, constituiam uma interessante e graciosa constellação feminina.

E já Francisco I, o mais entendido dos monarchas em assumptos de galanteria, havia dito com grande conhecimento de causa: que uma côrte sem mulheres é um anno sem primavera e uma primavera sem rosas.

N'este requisito essencial, a côrte de D. Maria I devia contentar os mais exigentes.

A começar pela rainha...

Quando sua magestade subiu ao throno tinha já completado quarenta e dois annos de idade, e havia dezesete que estava casada. Era mãe de seis filhos. Não fôra nunca um modelo de belleza, mas devia considerar-se um perfeito exemplar de raça fina. Aspecto nobre e insinuante, maneiras ao mesmo passo discretas e suaves: o que quer que fosse de auctoridade e brandura.

Lord Beckford, tão sabido em coisas de côrte, exigente como estrangeiro e artista que era, viu a rainha de Portugal e achou-a talhada para exercer

o mando, porque ao mesmo tempo diffundia respeito e agrado.

A infanta D. Marianna, pouco mais nova que a rainha, conservava nas suas linhas geraes o typo de familia; era distincta, se bem que menos brilhante que as outras suas irmãs.

Faltava já no grupo uma infanta, D. Maria Francisca Dorothea, que a morte acommettera aos trinta e dois annos de idade.

Mas a infanta D. Maria Benedicta, quarta filha de el-rei D José, tinha belleza e prestigio de sobra para compensar com seus encantos, n'esta florida corbelha de princesas, a perda de uma d'ellas, por mais estimavel que fosse

Era agora princesa do Brazil, pois casára com seu sobrinho o principe herdeiro D. José, rapaz de quinze annos apenas, mas já de tão levantados espiritos e graves maneiras, que toda a côrte e todo o reino punham n'elle os olhos como na promessa de um grande rei.

N'esta noite de S. João, do anno de 1777, estavam noivos de quatro mezes, adorando-se um ao outro como desposados felicissimos; que a distincção das mulheres attenua-lhes a idade no amor, e a princesa parecia ter tanta mocidade como o principe, comquanto se differençasse no dobro dos annos.

A rainha, acclamada havia pouco mais de um mez, estava tranquilla e contente das alegrias de familia e do ligeiro gravame que lhe davam então os negocios do Estado.

Não tinha desgostos como esposa, porque se habituara honestamente á convivencia de um marido,

que, falho de dotes superiores, não merecia possuil-a; e, mãe e irmã dedicada, estimava ver tão bem encaminhado o futuro do principe herdeiro, alliado ao de uma princesa que deveria felicitar o marido e o reino.

Politicamente, a situação parecia bem definida e calma; dir-se-ia que todo o passado se apagára com um só golpe de penna, sem deixar vestigios. Os nobres e os jesuitas estavam satisfeitos, em caminho de plena rehabilitação.

O marquez de Pombal fôra ja apeiado com um simples decreto, apparentemente honroso; os presos regressaram a suas casas e familias; aos desterrados mandou a rainha levantar o interdicto.

O indulto geral serenára, no primeiro momento, os animos; e a revisão dos processos, exigida pela nobreza, acabaria certamente por sentenciar a innocencia de vivos e mortos.

Era o inicio feliz de um reinado, que se annunciava de clemencia e paz, tanto enganam as primeiras horas nas grandes emprezas, e não ha empreza maior que a de governar nações e acalmar odios antigos

Cada aurora traz um sorriso de esperança, muitas vezes mallogrado, e n'aquelle mez de junho de 1777 amanhecia sereno o reinado tempestuoso de uma rainha infeliz.

Das festas de Queluz apenas poderiam blasphemar os amigos do marquez de Pombal, se elle os tivesse ainda. Mas onde costumam estar os amigos dos ministros decahidos? Ninguem os viu, nem tem visto, na hora da desgraça.

Toda a côrte folgava, pois, e com ella a rainha, e com a rainha o povo.

Que o povo deixa-se embair como as creanças; recebe os golpes e não os sente logo.

Começára o sarau do paço de Queluz por um serenim em que a princesa do Brazil brilhára, como sempre, na interpretação de uma ária de Jomelli.

Depois viera a familia real á janella para ver queimar, entre saudações e applausos populares, o fogo de artificio.

Foi ahi que a camareira-mór, D. Constança Manuel, marqueza de Tancos, principiando a notar certo constrangimento na rainha, lhe perguntou:

— Sente vossa magestade alguma indisposição?

— Nenhuma, respondeu D. Maria I sorrindo com o nobre agrado que lhe era peculiar.

Se não era indisposição, o que poderia ser? O povo estava contente, a côrte tambem. E a voz queixosa do marquez de Pombal, desterrado, não podia ouvir-se ali...

Mas a rainha, para quem de perto a conhecia, tinha o que quer que fosse que a inquietava.

Tambem a princesa do Brazil o notou, e o disse ao marido, que foi interrogar a mãe.

— Nada, meu filho, não tenho nada que me afflija. E' apprehensão vossa.

Mas o fogo de artificio ardera e a familia real regressou ás salas para dançar o minuete de Haydn, que era o epilogo obrigado de uma noite de festa palaciana.

A rainha, ao tomar assento no throno, ao lado

de seu marido, viu o truão Falperra fazer duas momices graciosas e, contra o seu costume, ficou indifferente.

O arcebispo de Thessalonica, espirito alegre e desempoeirado, confessor da rainha, notou este facto e, subindo os degraus do throno, aproximou-se de sua magestade, fallando-lhe ao ouvido.

D. Maria I respondeu-lhe tambem em muita confidencia.

O arcebispo sorrira. Entre confessor e confessada não havia segredos: elle tinha o direito de perguntar; ella o dever de responder. Se era um escrupulo que inquietava sua magestade, de pouca monta devia ser, pois que o arcebispo tinha sorrido. Mas algum mysterio desvendára elle, que tornou atraz para lembrar á rainha a humildade de Job no soffrimento:

— Levo um cilicio cosido sobre a minha pelle, e cobri de cinza a minha carne.

O mestre-sala D. Antão de Almada bateu palmas e logo a musica da real camara deu o alamiré do minuete.

Organisaram-se os pares.

A rainha mandou convidar para seu parceiro o velho duque de Lafões, agil e distincto ainda apesar de velho. A escolha de sua magestade tinha evidentemente um proposito politico. O duque, D. João de Bragança, acabava de voltar do desterro a que o marquez de Pombal o havia condemnado. De modo que o braço da rainha, encurvando-se no minuete para encontrar a mão do duque de Lafões, era como um arco-iris, signal ostensivo de alliança,

que se desenhasse benigno entre a monarchia e a nobreza.

El-rei D. Pedro dançou com a duqueza D. Henriqueta, certamente por indicação da rainha, para tornar ainda mais evidente o alto significado politico da reconciliação.

O principe D. José teve como parceira a sua noiva, tão enamorados andavam aquelles recem-casados ditosos, a quem a lua de mel sorria promessas de longa felicidade, que uma prematura catastrophe mallográra.

Teve este minuete algum tanto de bellamente mythologico, porque n'elle figuraram as *Trez Graças.* Assim eram designadas na côrte as encantadoras filhas do marquez de Marialva: D. Maria do Carmo, marqueza de Loulé; D Joaquina, marqueza de Louriçal; D. Henriqueta, duqueza de Lafões.

Entre as damas gentis, que em tão avultado numero floresciam nas salas de Queluz, sobresahia tambem, n'um alto relevo de distincção, a alegre e espirituosa duqueza de Cadaval, irmã do duque de Luxemburgo.

Os penteados altos, toucados de perolas e marabus; as côres vivas dos vestidos roçagantes; os pingentes, estrellas e collares de pedras preciosas; as rendas que pendiam em flocos de espuma alvinitente sobre os braços nus; e, mais que tudo isto, a belleza, a elegante plastica, o *quid* nobre das raças finas, divinisavam todas aquellas lindas figuras de mulher, dignas de serem agrupadas n'um leque de Watteau.

A rainha ostentava um rico vestido de Damasco

azul claro, ricamente lavrado em florões e laçarias. O justilho, muito espartilhado, refulgente de estrellas de brilhantes, rematava em angulo agudo sobre a cintura. Um decote modesto aflorava d'entre as rendas do collo. Sobre os cabellos levantados, o diadema real. Nas orelhas, pingentes que se articulavam em duas phalanges de pedras raras. Nas mãos, luvas bordadas, que subiam até cobrir todo o ante-braço. Pendente de um cordão de ouro, uma ventarola de grandes pennas de avestruz, constellada de pequeninas esmeraldas muito vivas.

Ao começar o minuete, a rainha não parecia mais tranquilla do que no momento em que o arcebispo de Thessalonica lhe recordou o versiculo de Job.

Soffria. Na sua face, doce e grave, passava subtilmente uma contracção dolorosa, que se repetia por vezes, e que sua magestade procurava disfarçar sorrindo. Bem quizera D. Maria I ser, n'essa hora de requintada elegancia, uma das rudes camponezas que folgavam em liberdade no terreiro do palacio. Sua magestade parecia querer retrair por momentos a sua mão direita, que o duque de Lafões segurava respeitosamente na ponta dos dedos.

O minuete evolucionara n'um rythmo lento, cortado de cadencias mesuradas. Ouvia-se a marcação choreographica dos passos no marmore do pavimento. As plumas dos penteados baloiçavam em ondulações isóchronas, e os pares dançantes requebravam-se em meneios gentis, e successivas flexões, pautadas e certas. Os espelhos enquadravam em sumptuosas molduras de talha dourada a reprodu cção d'este minuete palaciano, dividindo-o em gru-

pos, e dando assim maior destaque e mais brilho a cada par e a cada figura.

A rainha viu-se de relance n'um espelho, e ella mesma reconheceu que a sua physionomia estava perturbada.

Logo o versiculo de Job lhe tornou a lembrar, e d'elle pareceu receber sua magestade um novo estimulo de resignação e paciencia.

Quando o minuete terminou, e com elle o sarau, a côrte, esperando os coches no vestibulo do palacio, trocava rapidas impressões sobre o dessocego da rainha, que a pouco e pouco se tornára evidente aos menos intimos.

A nobreza mostrava-se apprehensiva, receiando que sua magestade começasse a enfraquecer subitamente na sua obra de restauração politica.

O marquez de Pombal ainda de longe assustava, esmagado.

O que teria a rainha? perguntava-se.

Esta pergunta ficou sem resposta durante annos, e só a obteve quando já não inquietava.

Por morte do arcebispo de Thessalonica appareceu no seu diario o seguinte apontamento referido ao anno de 1777: «*Noite de S. João*—Sua Magestade a Rainha, segundo ella propria me declarou á puridade, foi atormentada no sarau da côrte em Queluz por uma pulga contumaz e raivosa, que repetidas vezes a mordeu, e muito a maltractou, sem que Sua Magestade pudesse acudir a este molesto incidente por ser contra a etiqueta retirar-se antes de terminado o minuete. Deus ordena ás vezes seus grandes ensinamentos por intermedio de minuscu-

los objectos, mas a lição que vem do alto deve aproveitar-se sempre porque é portadora de philosophia divina.»

Só então se ficou sabendo que n'aquella noite de S. João, em Queluz, a divina philosophia tomou a fórma de uma pulga.

1902

XX

O GALLO

A feira estava na sua hora de maior bulicio e movimento.

Havia um ruido atroador e uma ondulação violenta de guardasoes vermelhos, brancos ou verdes com que os grupos de camponezes se defendiam da calma intensa do sol.

Palavras de amor, trocadas em verso no estylo da Maia, perdiam-se no côro immenso de outras vozes humanas, pregões de vendedores, guinchos do rapazio, gargalhadas alváres, assobios estridulos.

Por sua parte, os animaes dependentes do homem imitavam-n'o n'esta inferneira colossal, ingente: as gallinhas cacarejavam, os bois mugiam, os burros zurravam, os porcos grunhiam, e de vez em quando ouvia-se ganir um cão, que os lavradores repelliam a pontapés.

De espaço a espaço chegavam *char-à-bancs* enormes, frageis *charrettes* pintadas de amarello, *breaks* repudiados pelos antigos donos.

Fez-me impressão um dos *char-à-bancs*, que entrou na feira rodando vagaroso por entre os grupos para os não atropellar e para não espantar as rezes.

Conduzia um homem e sete mulheres.

O carro parou á porta da estalagem do Carneiro, despertando a attenção de muitas pessoas.

Logo ali se disse que o homem era o Brazileiro da Portella, com as suas sete mulheres.

Um serralho ambulante!

Fiz então maior reparo no sujeito.

Teria 45 annos. Estatura meã, hombros largos, beiços grossos, olhinhos pequenos, muito vivos.

Trazia chapeu de palha e collete branco, esses dois caracteristicos infalliveis do trajo de qualquer brazileiro minhôto.

Foi elle que desceu primeiro. Apeiou-se e estendeu a mão a uma das sete mulheres, que dispensou, sorrindo, a galanteria do macho. Aquella era a Favorita; logo ali disseram. As outras seis desceram umas atraz das outras, todas ellas saltando galhardamente, em pinchos acrobaticos, sem que o Brazileiro lhes offerecesse o mesmo galante appoio.

Trajavam saia de flanella, refegada, chambre de merino, lenço de seda na cabeça; calçavam meia preta e solêtas.

Nenhuma tinha ainda trinta annos.

Eram bons exemplares de moçoilas do Minho, accusando robustas florescencias de sebo e cevo.

Emquanto o autócrata entrou na estalagem do Carneiro, a encommendar o almoço, as sete mulheres ficaram á porta, charlando alegremente,

n'uma familiariedade muito intima, em que não vislumbrava a menor reserva de ciume.

Vi o Brazileiro a falar com a cosinheira da estalagem, que era uma raparigaça escarolada e sadia, e que parecia dizer-lhe n'um sorriso attractivo: «Se precisar da oitava, cá estou eu.»

E elle, os olhinhos mexendo muito vivos e gaiatos, respondia-lhe n'um olhar demorado: «Póde ser. Cesteiro que faz um cêsto, faz um cento.»

Encommendado o almoço, o Brazileiro juntou-se ás sete mulheres e foram todos passeiar pela feira, onde ellas compraram lenços de Guimarães, chailes de casimira e anneis de cornalina.

O povo abria passagem ao sultão da Portella e seu harem, dando mostras de respeito e acatamento, d'onde inferi que a gente do Minho não sente repugnancia nenhuma pelos costumes turcos.

Contaram-me então a vida do Brazileiro, sobre a qual eu lanço um véu discreto, comquanto elle, Brazileiro, trazendo o serralho a passeio, parecesse não gostar de pudibundos véus, nem de arcas encouradas.

Fazia jogo franco.

Mas contarei apenas a historia do gallo vivo, symbolo heraldico da casa burgueza da Portella.

O Brazileiro possuia um lindo gallo, muito alto e empennachado, opulento de côres rutilantes, que era tratado com as maiores deferencias e attenções por todo o serralho, porque uma cigana, lendo a sina do sultão, lhe dissera que o seu destino era o mesmo do gallo e que ambos haviam de morrer no mesmo dia.

O Brazileiro, pensando n'este vaticinio, encontrou facilmente uma certa relação de semelhança entre as duas existencias, e, querendo conservar-se a si proprio, conservava o gallo.

Achei originalidade n'este pormenor, que me não esqueceu durante um anno.

Uma vez escrevi para a provincia, e perguntei: «O gallo vive?» Responderam-me: «Vivem ambos.»

A cigana continuava a acertar, apesar do descredito em que teem cahido as prophecias.

Mas, passados alguns mezes, recebi uma noticia inesperada.

O Brazileiro da Portella tinha morrido repentinamente depois de uma ceia de orelheira e feijão branco, como um ôdre que rebentasse.

Não fez testamento, e o serralho ficou indignado com essa imprevidencia que o reduzia á miseria, porque appareceram logo sobrinhos do defunto, que tomaram conta do espolio, guardando todas as chaves das gavetas e do cofre.

Ahi pelo meio dia ainda as sete mulheres não tinham comido, e comtudo já os herdeiros as haviam despedido, severamente, em nome da moral publica ultrajada.

As raparigas, antes de abandonar a casa da Portella, lembraram-se do gallo, como de um salvaterio unico.

Deitaram-lhe a mão, amarraram-lhe o bico com um lenço, e levaram-n'o sonegado.

Depois sahiram estardalhando gargalhadas e foram cosinhar e comer o gallo na adega do Padrão que, tambem pertencia ao Brazileiro, e ficava distante.

Foi um ágape formidavel de estroinice; uma pandega rasgada.

Todas ellas beberam verdasco á «saude do morto» e da cigana.

Depois, dispersaram-se á procura do pão nosso das odaliscas.

Dizem-me que umas foram para o Porto, outras para Braga e algumas talvez para a Turquia, visto já estarem habitudas aos costumes ottomanos.

Minho—1902.

XXI

O CIUME

Dizia um jornal ha quatro dias:

«Foi hontem presa uma mulher que se vestiu de homem para espionar o marido.

«Aconteceu-lhe ter ido para o calabouço n.º 4, onde se conservou em *travesti* até que de casa lhe mandaram vestidos proprios do seu sexo.

«O ciume é negro, e o calabouço não o é menos.»

No amor tudo é negro quando deixa de ser côr de rosa.

Os meios tons são proprios dos sentimentos que envelheceram: da amizade, por exemplo. E não se diga que por ser antiga e apenas colorida a meias tintas, a amizade vale menos. Não. Ella é como o marfim, que se valorisa quando amarellece ligeiramente ou como os monumentos archeologicos quando a pátina os reveste, pregoando-lhes a antiguidade.

O amor, se é verdadeiro, vae aos extremos: á confiança ou ao ciume. Ou embriaga docemente como o champagne ou requeima doentiamente como o absintho. E, como creança que é, segundo a figuração mythologica, tão depressa crê como descrê; agora confia, logo desconfia; hoje sujeita-se, ámanhã revolta-se.

Acontece ás vezes que da amizade nasce o amor, como da luz indecisa da madrugada nasce o clarão brilhante do sol. Mas é menos vulgar isso do que degenerar o amor em amizade, empallidecendo nas tintas e fixando-se apenas no desenho.

Havia dois primos...

As historias de amor mettem ordinariamente primos.

Ella chamava-se Laura e elle Carlos.

Tinham sido companheiros de infancia, vivido juntos, sem que entre os dois houvesse mais do que uma agradavel intimidade.

Qualquer d'elles passára algumas vezes pelo *flirt:* ella com algum rapaz que encontrára na sociedade; elle com alguma rapariga com quem dançára uma valsa.

Os dois poderiam fallar de tudo um ao outro — menos de amor.

A' mesa de familia, como dois casados velhos, tomavam o seu chá com torradas na companhia patriarchal dos respectivos tios.

— O' Carlos, fazes favor de me passar os biscoitos de Oeiras?

— O' Laura, se me fizeses favor de passar as torradas...

Um bello dia, quando ambos andavam nos vinte e dois annos, deram juntos um passeio ao campo.

Ella, *mignonne* e graciosa, com um vestido claro e fresco, appareceu calçando as luvas.

Carlos teve um deslumbramento inesperado a que pretendeu esquivar-se dizendo com os seus botões: «Que tolice! Então não me está parecendo hoje muito bonita a Laura!»

Ella, com a perspicacia de todas as mulheres, surprehendeu essa impressão.

Partiram de carruagem para o campo com os paes: fallavam menos que de costume; mostravam-se algum tanto sonhadores.

A' noite, quando voltaram, tiveram visitas e entretiveram-se todos escrevendo perguntas enygmaticas em bocadinhos de papel, que iam passando de mão em mão.

Laura escreveu: «Amas-me, Carlos?» e passou o papellinho ao primo, que respondeu logo: «Desde esta tarde.»

Dentro de poucos mezes estavam casados.

Estes casos são, é certo, menos vulgares que o do incendio degenerar em rescaldo, o amor abrandar-se em amizade — o que constitue o pão nosso do coração.

Vê-se todos os dias.

Mas o amor, no seu periodo de evolução, não passou nunca por boa pessoa: é um doido que de tempos a tempos precisa collete do forças.

Não usa *robe-de-chambre* nem sapatos de trazer por casa, como a amizade.

Não põe ao acaso esta ou aquella gravata, como a indifferença.

Se se julga feliz e confia, colloca na botoeira, não uma só flôr, mas uma ramalhoça campanuda; se o ciume o desorienta, pisa a pés juntos a ramalhoça, rasga o fato, dilacera com as unhas o coração.

Achava-se certamente n'este periodo agudo a mulher que ha dias se vestiu de homem para espionar o marido.

Antigamente o ciume era uma paixão sanguinaria. Foi isso nos bons tempos da Cólchida. Medea era uma fera, que nem sequer poupava as creanças innocentes, como se pode ver em Euripedes e Corneille.

Hoje o ciume entrou no caminho mais pratico da surpreza e do ardil. Sem deixar de ser uma paixão violenta, que rasga o fato e o coração, é comtudo menos brutal e feroz: já não estrangula creanças.

Pelos processos do artificio, pela «habilidade» dos tempos modernos, attinge muita vez o triumpho, o que não quer dizer que não soffra ás vezes desastres.

Essa pobre creatura ciumenta, de que resa a noticia, errou o caminho, como a tragica Medea podia errar a punhalada.

Querendo encontrar o marido, encontrou o calabouço.

Adeus! é um desastre como outro qualquer.

Os grandes syndicateiros da actualidade tambem ás vezes teem que fallir, e todavia ganham a partida muitas outras vezes.

E' um azar: ganhar ou perder. O jogo não tem outra lei.

Para contrapôr a esta «partida perdida», lembro-me agora de um bello *rober* que foi ganho por certa dama no *whist* do ciume.

Quem perdeu foi o marido e... a outra.

O marido tinha uma amante com quem gastava rios de dinheiro.

A mulher legitima veio a sabel-o por um acaso muito interessante.

Tinha entrado n'um luveiro da rua do Ouro. Estava escolhendo luvas, quando no espelho da loja viu passar n'um *landau* uma mulher apparentemente loira.

— Quem é aquella creatura, sabe?

O luveiro respondeu, dando informações para se tornar amavel:

— E' a amante de Fulano.

A dama empallideceu. Ouvira o nome do marido. O luveiro continuou:

— Mora na rua de S. Domingos á Lapa, n'um predio cinzento. Vive com um estadão de princesa. Tem carruagem da Companhia e camarote em S. Carlos.

E calçando á dama as luvas que ella tinha escolhido:

— Aquillo é pintura, porque ella não é loira.

A dama affectando serenidade:

— Sim?... Como todas...

Escusado será dizer que, depois de tão fulminante revelação, a esposa atraiçoada foi d'ali á rua de S. Domingos á Lapa vêr qual era o predio em que morava a amante de seu marido.

Não podia chegar em melhor occasião. A' porta de um predio cinzento parára um *landau:* uma loiraça apeiava-se. Era ella, a amante, a mesma que vira passar na rua do Ouro.

Fixado o numero da porta, a esposa atraiçoada começou desde aquelle momento a machinar o modo de dar cabo d'esse *ménage* de contrabando.

Fazer uma scena violenta, era deitar azeite no fogo.

Todo o homem que ama tem trez costellas de cão: se o contrariam, morde.

Era preciso recorrer a qualquer processo habilidoso; mas importava que fosse efficaz.

Ora, ha uma Providencia, que vale por um conselho de estado: é a dos que precisam achar uma ideia. Acode-lhes sempre. O caso é invocal-a com confiança.

Uma vez fui procurar á rua da Paz o illustre escriptor que se chamou Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.

Mandou-me entrar logo que me annunciaram.

Encontrei-o em *toilette* de trabalho, deitado sobre o leito, de papo para o ar, a fumar charuto.

— Está doente? perguntei-lhe.

— Não. Estou a procurar dinheiro.

— Como?!

— De um modo muito simples. Quando preciso dinheiro, estendo-me na cama, accendo um charuto e ponho-me a olhar para o ar. Ao cabo de algum tempo, começo a vêr cahir dinheiro do tecto.

Sorri-me.

Ella acrescentou:

— Ou a ver cahir alguma ideia, que vale dinheiro. E cai sempre.

Acudia-lhe a Providencia dos torturados, quando Teixeira de Vasconcellos a invocava com firme confiança.

Ora essa mesma Providencia acudiu á esposa atraiçoada.

D'ahi a dias leu no *Diario de Noticias* um annuncio que dizia: «Criada de quarto — Precisa-se uma na rua de S. Domingos á Lapa, n.º... 1.º andar.»

Era o andar da loiraça, no predio cinzento.

Deixou sahir o marido, pediu emprestado o fato de uma das suas criadas, disse que ia jantar com a mãe e partiu para a rua de S. Domingos á Lapa — toda afadigada, como quem tem pressa de chegar.

— E' aqui que precisam uma criada de quarto?

— E', sim. Tem informações?

— Estive em casa da senhora marqueza de...

Quando uma criada atira com o nome de um titular é como se trouxesse attestado de bom comportamento — em papel sellado.

— Entre para se ajustar.

A esposa encontrou-se em presença da amante, estando disposta a acceitar todas as condições.

— O ordenado é tanto.

— Sim, minha senhora.

— Obrigações: ajudar-me a vestir, tratar do meu banho e do meu quarto, e servir o chá á noite, quando vem «o senhor».

— Creio que v. ex.ª não terá razão de queixa.

— Pois então estamos tratadas. Não trouxe a sua roupa?

— Irei buscal-a amanhã, se v. ex.ª der licença.

A's nove horas da noite, tocou-se á campainha.

A cosinheira disse: E' «o senhor».

A criada nova pediu-lhe:

— Faça favor de ir abrir, por hoje, que eu vou arranjar-me á pressa. Como não sabia a hora, não estava preparada.

A's 11 horas «a senhora» poz o dedo no timbre para que servissem o chá.

A criada de quarto pegou na bandeja, parou á porta do gabinete côr de rosa, pediu licença para entrar.

— E' o chá, minha senhora.

O amante da loiraça, ouvindo aquella voz, deu um salto na cadeira e voltou-se rapidamente para a porta.

A criada pousou serenamente a bandeja sobre o bufete.

Fulminado pela surpreza, o marido reconheceu a mulher.

— O' Clementina, disse elle para a amante, fazes favor de ir ver ao teu quarto se eu deixei lá a minha carteira hoje pela manhã?

— Estás inquieto!

— Julgo que a perdi.

A loiraça levantou-se em boa fé, e foi procurar a carteira.

Entretanto o marido dizia á esposa:

— Quero que saias já d'esta casa. Vem comigo e perdoa-me.

Quando a loiraça voltava sem a carteira, ouviu bater a porta da escada.

Era o amante que tinha fugido com a criada, de braço dado.

Foi uma lição salutar por ter sido bem succedida.

Mas, para se triumphar alguma vez, é preciso correr o risco de fazer fiasco.

Não perder nunca de vista este principio fundamental de todos os jogos: que o melhor jogador é o que joga mais serenamente.

A mulher vestida de homem não ganhou a partida, porque foi logo ás do cabo.

Sendo mulher, vestiu-se de homem: é o maior de todos os cabos para uma mulher.

Pode-se-lhe chamar: das Tormentas.

E foi.

1899 — Maio.

XXII

A VÊSPA

Meio dia. Cae uma calma suave, de estio moderado; é o mez de agosto a chamar já pelo outono.

Os velhos dizem que nunca se viu coisa assim: estranham não ter havido canicula.

Toda a villa parece anesthesiada n'uma quietação lethal. Janellas fechadas; portas entre-abertas. O silencio da rua é apenas quebrado pela vozinha inconsistente de uma rapariguita, que repete, dentro de casa, uma cantiga nova, de que todo o norte do paiz está inçado n'este momento:

Ora vai tu,
Ora vai tu,
Ora vai, vai,
Que eu bem quero,
Mas não posso,
Ai! Ai!

As vêspas e as moscas, enganadas pelo calendario, procuram sustentar as tradições do antigo ve-

rão portuguez. Passeiam no ar, zumbindo, mais inquietas do que nunca, porque lhes parece que o sol não é bastante forte, o verão bastante quente. Acham-se roubadas. Que é feito do grande calor de agosto, que asphixiava outr'ora os passarinhos? Não sabem. Está falsificado; misturaram-lhe kaolino. E' um verão mixordia.

E as vêspas e as moscas, desesperadas, aborrecem-se no ar, zumbindo.

As janellas estão fechadas; as portas apenas entre-abertas, em respeito á tradição dos dias de agosto ardentes.

A rapariga continua cantando dentro de casa;

Orá vai tu,
Ora vai tu.

Mas para onde é que ellas hão de ir, as vêspas e as moscas?

Eis que uma vêspa, talvez por ser mais supersticiosa que as outras, parece tirar bom agoiro das palavras da canção, que a rapariga continua cantando dentro de casa.

Affoita-se a percorrer toda a rua solitaria e morna.

Procura uma porta aberta, bem aberta, por onde possa entrar sem receio de alguma cilada: entrar e sahir depressa se fôr preciso.

Depara-se-lhe uma unica, a do confeiteiro da villa, que tem na *montre* a sua fornada de bolos finos e de pão de ló de Margaride, ainda quentes do fôrno.

Bem fez a vêspa em fiar-se no vaticinio da trova:

Ora vai tu,
Ora vai tu.

Foi, e encontrou um lauto banquete de gulodices exposto na *montre* do confeiteiro.

Corre a dar aviso ás outras vêspas e, dentro de pouco tempo, um enxame enorme acampa sobre a vidraça, prompto a realisar o primeiro assalto logo que tenha occasião de penetrar na *montre*.

As moscas seguem o caminho das vêspas e poisam, contentes, na vidraça, parecendo dispostas a impôr ás vêspas o dilemma do sapateiro de Braga: «Ou havemos de comer todos ou ha de aqui haver moralidade.»

Pobres môscas! Ellas não estão ao corrente do direito internacional moderno: *la force prime le droit*.

As vêspas, mais instruidas, ouvem a imposição das môscas e riem-se da sua ingenuidade politica.

Passa na rua um rapazito commendo um bocado de brôa.

E' o pão que teem comido todos os grandes homens do norte, desde Passos Manuel, grande pelo talento, até ao conde de S. Bento, grande pelo dinheiro.

E quem sabe se aquelle rapazinho virá a ser um grande homem do norte?

Pára diante da *montre* a contemplar, cubiçoso, os *jesuitas*, as *zamacoes*, os pasteis de Santa Clara.

Sente-se tantalisado pelo appetite: um d'aquelles bolos fal-o-ia feliz.

Mas está separado d'elles pela muralha da China de um vidro.

Acha-se em frente do seu ideal, e não póde attingil-o.

Tem acontecido isso tantas vezes aos grandes homens... e aos pequenos!

E elle é pequeno duas vezes, por ser creança e por ser pobre.

De repente parece encontrar um meio de acalmar o seu appetite, resignando-se á pobreza.

Esfrega o pão de milho pela vidraça da *montre* e come-o depois.

Sabe-lhe talvez a doce, por suggestão.

Felizes as creanças, porque, na sua mesma ingenuidade, sabem achar um meio de enganar o seu ideal insaciado.

Não acontece sempre isso aos grandes, principalmente aos grandes homens...

E, satisfeito, o rapazito desencosta-se da *montre*, segue o rumo que levava, cantando como a creadita, como toda a gente, como este Minho todo, agora:

Ora vai tu,
Ora vai tu,
Ora vai, vai,
Que eu bem quero,
Mas não posso,
Ai! Ai!

Sento-me no classico banco de pinho, dentro da loja do confeiteiro. Pego nos jornaes recem-chegados do Porto, e o seu noticiario afoga-me n'um diluvio de falsificações, pão falsificado, documentos falsificados, suicidio falsificado. Tudo falso... até o o verão. Aborreço-me, pedindo mentalmente a resurreição d'aquelle famoso Epaminondas, que nem por gracejo falseava a verdade.

Do que nós precisamos é de muitos Epaminondas.

Chego a esta conclusão desoladora.

Ponho-me a olhar para a vidraça da *montre* e observo as vêspas e as môscas, em campo, luctando pela vida umas e outras.

Como a vidraça se não abre para lhes dar entrada, todas ellas precisam ir pensando em outra coisa.

E então as vêspas pensam nas môscas.

La force prime le droit: a vêspa póde mais do que a môsca.

Por isso se entretém a dar-lhe caça, com uma ferocidade selvagem, que irrita os nervos do observador.

Ah! Deus sabe muito bem o que fez, e porque o fez. Se a vêspa fosse maior, seria até para o homem um inimigo terrivel.

Quero ser o libertador das môscas, e lanço mão de uma toalha para enxotar as vêspas.

O confeiteiro avisa-me dos perigos da empreza, dizendo:

— Não faça isso. A vêspa é vingativa e audaz. Se o homem a persegue, persegue ella o homem.

E então, assim avisado sabiamente, resigno-me a ver a hecatombe das moscas consumada pelas vêspas.

Umas e outras esvoaçam sobre a vidraça.

A vêspa manobra como um pirata, capeando astuciosamente, para abordar a prêsa.

Dá saltos acrobaticos: poisa aqui, poisa acolá.

Se encontra outra vêspa no caminho, tem com ella um conflicto rapido.

Diz-se que o homem é mau para o seu semelhante. Nem sempre é bom, realmente. Mas os outros animaes são bem peiores para os da sua mesma especie. A propria pomba, symbolo da candura, quando investe contra outra pomba, não tem nada de candida, nem sequer nas pennas, que, ás vezes, ficam enodoadas de sangue.

Depois de algumas investidas infructiferas, a vêspa consegue prear a môsca. E' a força opprimindo o direito: a diplomacia em acção.

O primeiro cuidado da vêspa é cortar as azas á mosca, para que não possa fugir-lhe.

Aqui nos encontramos outra vez com um symbolo do ideal.

Cortar as azas! Quantas vezes, buscando um ideal querido, não se nos depara a vêspa traiçoeira, que não quer de nós outra coisa senão cortar-nos as azas!

Todos nós alguma vez temos encontrado isso: a vêspa que nos assalta na lucta pela existencia.

Emquanto a môsca, perdidas as azas, se agita ainda, a vêspa passeia-a sobre a vidraça n'um feroz triumpho.

E logo que a victima já não póde libertar-se, a vêspa, convencida da segurança da conquista, altêa o vôo e vae, no seu favo, devorar a môsca, tranquillamente.

Para que é preciso pôr a gente o pensamento na Roma dos Cezares, nos combates do Colyseu, nos espectaculos terriveis dos gladiadores romanos?

Esta vidraça de confeiteiro é tambem um Colyseu.

Postos frente a frente o fraco e o forte, quem succumbe é o fraco.

Pois aqui se vê isso, sobre um vidro que resguarda *jesuitas*, *zamacoes*, pasteis de Santa Clara, ainda quentes, sahidos ha pouco do forno.

O mundo é grande, e todo elle não é senão isto: o combate da vêspa contra a môsca.

O ideal é um sonho da imaginação, e as contrariedades que o difficultam podem bem representar-se na vêspa cortando as azas á môsca.

A rapariguita, dentro de casa, continuava cantando:

Ora vai tu,
Ora vai tu,
Ora vai, vai,
Oue eu bem quero,
Mas não posso,
Ai! Ai!

Maus versos e boa philosophia.

A môsca quer penetrar na *montre;* vae a vêspa e corta-lhe as azas.

Ai! Ai! Como diz o estribilho da canção nova.

Minho—1902.

XXIII

O BIGODE POSTIÇO

N'estes dias de carnaval vai a pique a seriedade de muita gente boa.

E o diabo arma as coisas de modo, que sempre fica de fóra o rabo do gato.

Vem a saber-se tudo.

Bem serio e grave era aquelle nosso Filinto Elysio, velho e triste, exilado e indigente, e comtudo elle mesmo conta n'uma das suas odes — talvez para fazer penitencia publica — o que lhe aconteceu em certo dia de carnaval.

Emborrachou-se.

Se elle o não dissesse, ninguem o acreditaria. Mas disse-o n'aquelle seu estylo, aliás pittoresco, que cheira a rapé ultra-classico:

> Uma noute do tres-loucado Entrudo,
> De alto barulho, e dançatriz farófia,
> De longo rabo-leva, e surriada,
> De pós, talco, filhós, peruns, carniça;
> Eu co'a cabeça quente, e nebulosa

Co'os vapores de Baccho ebri-festante,
A redonda barriga ainda himpando
Co'o saboroso-atola-dente lombo
E certas trouxas de ovos comesinhas—
Embrulhado na rêde, em Casa aos passos
(Não mui seguros) punha a pontaria;
E já Morpheu, das pontas dos cabellos
Se prendia, trepando-se á moleira,
Para no leito me baquear d'um golpe,
Mal que os Penates curto saudasse.

Dispo-me a trancos do prolixo fato.
Aqui me cai o lenço, ali se entorna
A caixa do tabaco; -- mal sostidos
No braço da cadeira, se debruçam
Os calções co'o relogio...

Um classico em cuecas! Vejam se, fóra do carnaval, seria possivel que o austero Filinto se exhibisse sem calções á troça de francelhos e galliciparlas!

..... e da algibeira
Pingam vintens, retinem no ladrilho,
E vão, em caracol, correndo; — o gato
Pula áquem, pula álem; — co'a garra leve
Dá-lhe um boféte, os tomba e os atabafa.
Dou pouco tino dos vintens rodantes
Do subtil gato resonante presa;
Antes durmo, sem vêr, sem ouvir sóca;
Como quem faz focinho ao mundo inteiro
Comparado c'um bom dormir machucho,
Entre fofos colchões aboborado,
De mortaes barafundas esquecido.

Se isto não é uma bebedeira, não sei o que seja. Mas o beber e o dormir teem ainda sua descul-

pa, porque os homens não são de ferro, incluindo os classicos. Bem forte era o porto de Leixões, feito de blocos enormes, mas porque ultimamente tomou grandes pançadas de agua do mar, foi-se abaixo como Filinto.

Ha escandalos peiores no carnaval, e para a gente descobrir alguns tem que suar o topéte.

Comtudo, quem redige gazetas chega a adquirir um tal ou qual faro de agente de policia; com a vantagem de poder inventar quando não chega a descobrir nada.

D'esta vez, porem, puz em descanço a imaginação, porque descobri um caso verdadeiro, tão certo como o commendador Julião Rainho ser casado com uma fresca dama quarentona, de lindas carnes e côres, mulher sisúda, que era conhecida no sitio do Arieiro pela designação um pouco invejosa de — commendadeira.

Muito amigos estes esposos, que passavam o dia na janella, conversando um com o outro na mais perfeita harmonia conjugal.

Mas justamente porque fossem muito janelleiros, a visinhança, que os via cochichar á puridade, julgava-se criticada por elles: d'ahi a alcunha de — commendadeira, dada á mulher de Julião Rainho.

A's vezes o commendador sahia de casa para vir á Baixa tratar dos seus negocios, receber as suas rendas.

De charuto ao canto da bocca, dizia adeus á mulher, já da rua, uma e muitas vezes, acenando lhe risonho com a ponta dos dedos.

Ella, quando o via sumir-se ao longe, recolhia-se

para dentro, e não tornava a apparecer até que elle voltasse.

Os visinhos, as visinhas principalmente, davam se a perros por não haver n'aquella casa um escandalo, que amarrotasse a independencia, a altivez fleugmatica do commendador e da mulher.

Elle era considerado no Arieiro como um phosphoro amorpho... antigo.

D'antes, os phosphoros amorphos accendiam só na caixa; agora, depois do monopolio, nem mesmo na caixa se inflammam.

Perdeu-se uma bella comparação!

A commendadeira, que se chamava D. Thereza — unico pormenor que os visinhos sabiam da sua vida — era, pois, a caixa do coração amorpho de seu marido, n'aquelles bons tempos anteriores ao monopolio dos phosphoros.

O que é certo é que os homens da visinhança davam razão ao commendador Rainho para gostar de sua mulher, que fazia lembrar ainda na frescura dos quarenta annos um morango do Porto. Nem sequer lhe faltavam, completando a comparação, uns signaesinhos pretos pelo rosto, como os dos morangos. Coisa apetitosa para os entendedores. Que n'isto de mulheres o entender é tudo. Muitas se perdem por não terem sido entendidas nunca.

O commendador, quando vinha á Baixa, via muitas mulheres magritas, esticadinhas, pessoasinhas de metter no bolso para trocos miudos. Não gostava. Eram morangos de Cintra, que é cada um para a cova de um dente. Elle tinha lá em casa um morango do Porto, de boa polpa, carne branca

e signaesinhos pretos engraçados, que pareciam postos a pincel.

De mais a mais depositava plena confiança no fundo de honestidade da mulher, porque n'aquelle tempo ainda podia haver confiança em quaesquer fundos portuguezes.

Não chegara a ter nunca uma suspeita, um receio, a mais leve apprehensão sequer. Quando precisava sahir, punha o chapeu na cabeça, mettia a mulher no coração, e vinha por ahi abaixo tão tranquillo como se trouxesse a D. Thereza bem agarrada pelo braço.

Não tinham filhos, o que estimava, porque os filhos tiram ao casamento o ar de namoro chronico.

Dão-lhe horas de alegria e contentamento, é certo, mas roubam ao lar conjugal o que quer que seja de sonho, que é bom conservar sempre.

O amor é de todas as coisas a que menos resiste á divisão.

Tambem parecia ao commendador Rainho que fôra bem feliz com a criada, uma rapariga de Santa Casa, que os dois esposos educaram a seu modo: nada de conversas com os visinhos, nada de parlendas com os padeiros, indifferença absoluta pela guarda municipal.

Uma Vestal engeitada, que alimentava o fogo sagrado... do fogão.

Mas o commendador Rainho ignorava de todo o ponto que o que perde as cosinheiras é a symbolica do abano.

Quando ellas espertam o lume, lembram-se de que a monotonia da sua vida, que é como a mo-

dorra das brazas, despertaria se uma forte mão as abanasse tambem a ellas.

E começam a procurar um abano no amor.

Depois um abano envelhece, gasta-se; vem outro, comtanto que se pareça com o antigo.

E' por isso, talvez, que as criadas de servir não mudam de tropa: ficam sempre na guarda municipal.

Derivava placidamente a vida do commendador Rainho na sua casa do Arieiro entre o charuto e a mulher, a janella e a mesa, a mesa e o leito.

Não havia ali perturbações domesticas, nem desgostos intimos.

E, para cumulo de felicidade, a rapariga da Santa Casa não roubava quando ia á porta comprar as hortaliças e os legumes.

O commendador e a mulher estavam convencidos d'isso — d'isso e d'outras coisas igualmente falsas.

Mas, pelo que respeita á felicidade de cada familia, n'uma hora cai a casa.

Certa segunda-feira gorda, á hora em que o rapazio do Arieiro andava pelo sitio a tocar castanholas, o commendador ficou depois de almoço, sentado n'uma *chaise-longue* da casa do jantar, a ler o *Diario de Noticias*.

Tinha almoçado bem, que é uma caracteristica das pessoas felizes.

Não sabe o que é ter felicidade completa na terra quem se levanta sem apetite e com a bocca saburrosa.

O commendador tinha posto a charuteira ao pé de si, emquanto viajava mentalmente por Lisboa

através do *Diario de Noticias*, passando das noticias para os annuncios e de um bairro para outro.

Deu um geito ao corpo para maior commodidade do estomago satisfeito, e a charuteira cahiu-lhe para traz da *chaise-longue*.

Querendo apanhal-a, estendeu um braço, e encontrou no chão uma coisa ao mesmo passo aspera e molle, que não era seguramente a charuteira.

Teve curiosidade de ver o que era, e viu um bigode postiço.

O seu primeiro pensamento foi de surpresa; o segundo de terror; o terceiro de colera.

O inferno do ciume fizera a sua estreia n'aquella casa, accendera as fornalhas, puzera rubro o coração do commendador.

Elle nunca jámais tinha comprado na sua vida um bigode postiço, nem lh'o haviam dado ou emprestado.

Como estava ali aquelle? Quem o puzera ali?

Mysterio! tenebroso mysterio talvez!

Em sua casa entrava decerto um homem, que vinha disfarçado, e que alguma vez se esqueceria do disfarce deixando-o ali.

Chamou a mulher gritando. Ella acudiu afflicta, porque só estava habituada a ouvir suas fallas brandas e doces.

— O que é isto?! perguntou elle truculento.

— Isso o que? Julião!

— Faça-se tola! A senhora não vê?! E' um bigode!

— Um bigode! Meu não é com certeza.

— Que não é seu, sei eu. Mas seria de alguem que por sua causa o quizesse pôr.

— O' Julião! tu enlouqueceste! Eu nunca vi n'esta casa senão o teu bigode.

— O meu bigode, diz muito bem; mas é que eu não consentirei jámais em ser bigodeado.

— Valha-me Deus! Ora como se explica que apparecesse na nossa casa um bigode?!

— E' o que eu não sei, mas ha de saber-se por força, por bem ou por mal, por força, entendes tu? Sou capaz de te matar e de matar-me. Acaba-se hoje a mais feliz familia do Arieiro! Que desgraça!

— O' Julião, tudo isso por causa de um bigode!

— E que dirias tu se me encontrasses na algibeira uma trança de cabello?

— Dizia que não era tua.

— Está bem de vêr que eu não uso rabicho como os chinezes. Mas não suspeitavas de nada?

— Eu! De alguma brincadeira, talvez.

— Mas quem é que vem brincar a nossa casa? Somos só dois e a criada... A criada! é verdade! O' Honorina!

— Meu senhor.

— Anda cá.

A rapariga da Santa Casa entra de semblante alegre.

— Sabes o que é isto?

A criada affirmando-se:

— Isso? meu senhor! Quer que diga?

— Pois está claro: quero.

— Isso parece-me um bigode dos senhores homens, mas não estou bem certa.

— Como veiu isto aqui parar?

— Eu cá não sei, meu senhor.

— Tu mettes cá em casa algum marmanjo, que vem disfarçado!

— Não, meu senhor, Nunca entrou aqui nem homem, nem bigode nenhum.

— Fala verdade, Honorina, que ainda estás a tempo de evitar uma grande desgraça.

— O' meu rico senhor! eu juro que não metti homem nenhum cá em casa.

— E a senhora?

— O' sr. commendador! a senhora não era capaz d'uma patifaria d'essas. Guarda todo o respeito ao sr. commendador.

— Guarda-me todo o respeito, mas apparece na minha casa um bigode... todo! Pois bem. Acabemos com isto. Vou lá dentro pôr uns papeis em ordem, para levar comigo, e nunca mais quero saber d'esta casa.

Julião Rainho rompe em direcção ao seu escriptorio; mas de repente volta-se e diz muito solemne:

— Thereza, confessa a verdade toda, se não queres que aconteça uma grande desgraça.

Ouve-se uma voz de mulher: a da criada.

— Sr. commendador! eu é que confesso tudo: comprei esse bigode, porque fui hontem vestida de homem ao baile de mascaras quando os senhores adormeceram, e tinha-o ali escondido.

— Desavergonhada! Escondido o homem?

— Não, senhor; o bigode.

FIM

INDICE

		Pag.
	Razão do titulo	5
I	O prophetismo e a restauração	7
II	Historia de um quadro	14
III	Um predio notavel	20
IV	Petrarcha e Camões	27
V	Chá portuguez	35
VI	A cruz de Berny	43
VII	Andar a flaino	50
VIII	Imparcialidade politica de Santo Antonio	57
IX	Chrysánthemos	63
X	Contratos do coração	70
XI	A brôa	79
XII	Vinho novo	93
XIII	Bonecos e loiça de barro	100
XIV	O silencio	123
XV	O fundador do asylo	132
XVI	O papagaio	137
XVII	Villã e fidalga	144
XVIII	A menina dos rouxinoes	153
XIX	O primeiro tormento de uma rainha	160
XX	O gallo	172
XXI	O ciume	177
XXII	A vêspa	186
XXIII	O bigode postiço	193

ERRATAS

Pag. 23, lin. 17, onde se lê «ecloga», leia-se «elegia».
Pag. 50, lin. 16, onde se lê «Helás», leia-se «Hélas».

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 240 paginas, em corpo 8 ou 10, excellente edição, em optimo papel.
Preço de cada volume 250 rs. brochado, ou 400 rs elegantemente encadernado em percalina.
Para as provincias accresce o porte do correio, 20 réis cada volume

Volumes publicados

1 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas.
2 — Contos ao luar, por Julio Cesar Machado.
3 — Carmen, trad. de M. Level.
4 — A Feira de Paris, por Iriel.
5 — O direito dos filhos, por George Ohnet.
6 — John Bull e a sua ilha, trad. de P. Chagas.
7 — Esgotado.
8 — A lenda da meia noite, por M. Pinheiro Chagas.
9 — A joia do vice-rei, por P. Chagas.
10 — Vinte annos de vida litteraria, por A. Pimentel.
11 — Honra d'artista, trad. de P. Chagas.
12 — Esgotado.
13 e 14 — A aventura d'um polaco, trad. de Maria A. Vaz de Carvalho.
15 — Os contos do Tio Joaquim, por R. Paganino.
16 — Esgotado.
17 — Noites de Cintra, por Alberto Pimentel.
18 e 19 — Esgotado.
20 e 21 — A irmã da caridade, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves.
22 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas.
23 — Esgotado.
24 — Contos, por Affonso Botelho.
25 — Esgotado.
26 — O mysterio da estrada de Cintra, por Eça de Queiroz e R. Ortigão.
27 — O naufragio de Vicente Sodré, por Pinheiro Chagas.
28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita.
29 — O bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo.
30 e 31 — Amor á antiga, por Caïel.
32 — As netas do Padre Eterno, por A Pimentel.

33 — Contos, por Pedro Ivo.
34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccone.
35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
36 — Historias de frades, por Lino d'Assumpção.
37 — Obras primas, por Chateaubriand
38 — O exilado, por Mauricia C. de Figueiredo.
39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.
40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
42 e 43 — Espelho de portuguêses, por Alberto Pimentel.
44 — A fada d'Auteuil, trad. de Pinheiro Chagas.
45 — A volta do Chiado, por E. de Barros Lobo.
46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.
47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel.
48 — Vasco, por A. Lobo d'Avila.
49 — Leituras ao serão, por A. X. Rodrigues Cordeiro.
50 — Luz coada por ferros, por D. Anna A. Placido.
51 — A flôr sêcca, por P. Chagas.
52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
53 — Historias rusticas, por Virgilio Varzea.
54 — Figuras humanas, por Alberto Pimentel.
55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, trad. de Caïel.
56 — Memorias de um fura-vidas, por A. de Mesquita.
57 — Dramas da côrte, por Alberto de Castro.
58 — Os mosqueteiros d'Africa, por Mendes Leal.
59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.
60 — Phototypias do Minho, por J. Augusto Vieira.
61 — Insulares, por Moniz de Bettencourt.
62 e 63 — Historia da civilisação na Europa, trad. do Marquez de Sousa Holstein.
64 — Triplice alliança, de Raul de Azevedo.
65 — Retalhos de verdade, por Caïel.
66 — A pasta d'um jornalista, pelo Visconde de S. Boaventura.
67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.
68 — Fitas de animatographo, por Alberto Pimentel.
69 e 70 — Poesias do Abbade de Jazente, annotadas por Julio de Castilho.
71 — Aspectos e sensações, de Raul d'Azevedo.
72 — Contos e narrativas, por P. W. de Brito Aranha.
73 — Quadros e letras, historias e romancetes, por Sanches de Frias.
74 — Individualidades, por Henrique das Neves
75 — Alfacinhas, por Alfredo de Mesquita.
76 — Patria amada, pelo Visconde de S. Boaventura.
77 — Historias e romancêtes, por Sanches de Frias.
78 — Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves
79 — Recordações da mocidade, por Adolpho Loureiro.
80 — Sorrisos, novellas e chronicas, por A. Campos.
81 — Lucta de sentimentos, por Maria O'Neill.
82 — Do Rocio ao Chiado, por P. de Vasconcellos.
83 — A dança do destino, por Luthgarda de Caires.
84 — Um drama de ciume, por Maria O'Neill.
85 e 86 — Resumo da origem de todos os cultos, por C. F. Dupuis.
87 — Vencido, romance por F. A. M. de Faria e Maia.
88 — Elogio da loucura, critica de costumes, por Erasmo.

OUTRAS OBRAS

Azevedo (Domingos de)

Diccionario (Grande) contemporaneo francez-portugu
No prelo a 2.ª ed
correc
gment
Gramma
enc. 9
Gramm
aprend
tre, en
Lições p
francez
Ollendo
aprende
(2 vol.)

Carvalh

Ao correr
enc. 900
Arte de vi
1$000 rs
Aventura d
br. 400 r
Cartas a ur
enc. 900
Cerebros e
enc. 900
Chronicas d
rs., enc. 1
Coisas d'ago
900 rs.
Contos e ph
enc. 900
Em Portugal
br. 800 rs.
Figuras de h
600 rs , en
Heroismo do
enc. 900 rs
Impressões d
rs., enc. 90
No meu cantin
900 rs.
Nossas filhas,
900 rs.
Pelo mundo
enc. 800 rs.
Raphael, trad
(ed. de luxo)

Pinto (Silva

(Collecção d'Algibeira)

LPor
P6443n
347895
Pimentel, Alberto
Ninho de guincho.

University of Toronto Library

DO NOT REMOVE THE CARD FROM THIS POCKET

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED

PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA-EDITORA
OFFICINAS
TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
MOVIDAS A ELECTRICIDADE
44 a 54 - Rua Augusta - 44 a 54
LISBOA